

BLUMENAU

em Cadernos



BLUMENAU
em Cadernos

Fundação Cultural de Blumenau

Presidente

Braulio Maria Schloegel

Diretoria Administrativo-Financeira

Maria Teresinha Heimann

Diretoria Histórico-Museológica

Sueli Maria Vanzuita Petry

Diretoria de Cultura

Vilarino Wolff



**Revista “BLUMENAU EM CADERNOS”,
fundada em 1957 por José Ferreira da Silva**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Biblioteca Pública “Dr. Fritz Müller”

Blumenau em Cadernos. (Fundação Cultural de
Blumenau) Blumenau, SC, 1 (11) 1957 -
il.
Bimestral

ISSN 0006-5218

FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva”



Prêmio Alm. Lucas Alexandre Boiteux,
na Área de História – edição 1998, concedido
pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina

COPYRIGHT © 2001 by Fundação Cultural de Blumenau

REVISTA “BLUMENAU EM CADERNOS”

ENDEREÇO

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal: 425

CEP.: 89015-010 - Blumenau - SC

Fone/fax: (47) 326-6990

E-Mail: *funculbl@zaz.com.br*

CAPA

Cenário de apresentação do espetáculo “Ode a Dr. Blumenau” no Teatro Carlos Gomes (25/08/2000), comemorativo do Sesquicentenário de Blumenau. O trabalho original foi concebido pela artista plástica Vânia Guedes, num painel de 10 X 12 metros (técnica: acrílico sobre tecido) enfatizando e salientando aspectos marcantes que caracterizam a evolução da cidade nestes 150 Anos de Blumenau.

DIREÇÃO

Sueli M. V. Petry

CONSELHO EDITORIAL

Ivo Marcos Theis (Presidente)

Annemarie Fouquet Schünke,

Cezar Zillig, Cristina Ferreira,

Urda Alice Klueger

DIGITAÇÃO

Marilu Antunes

PRODUÇÃO GRÁFICA

Nova Letra Gráfica e Editora Ltda.

Av. Brasil, 742 - Ponta Aguda - Fone/Fax (47) 326-0600

Cep 89050-000 - Blumenau - SC

EDIÇÃO

Editora Cultura em Movimento

Dirceu Bombonatti (Diretor Executivo)

SUMÁRIO

Documentos Originais – Crônicas

A Fuga de Desterro 007
Karl Kleine

Crônicas de Natal

Papai Noel Existe / O dia de fazer doces-de-Natal 026
Urda Alice Klueger

Crônica de uma Menina Blumenauense 030
Edith Sophia Eimer

Natal em Blumenau 032
Grete Baumgarten Medeiros

Weinachtstolle (Pão de Natal) / Receita da Oma 034

Natal Alemão em Florianópolis - Um depoimento 036
Leatrice Moellmann

Artigos

Torres e Sinos em Blumenau 041
Pe. Antonio Francisco Bohn

Entrevista

História de Vida - Edgar Paulo Müller 054
Cristina Ferreira

História e Historiografia

Os “Filhos Transviados” no Desacato à Lei: Tensões entre a hierarquia católica e os imigrantes italianos. Rodeio, SC - 1906 066
Claricia Otto

Memórias

Meus Tempos de Colégio - I
Primeiro, o Pré

Armando Luiz Medeiros 078

Esporte & Lazer

Jogando “Bolas Quadradas”, ficava “Espiano a Maré”

Aurélio Sada..... 082

Impressões de Viajantes

Um Passeio a São Paulo / Reminiscências / Bairrismo Alemão / Estação Agrônômica / Partida para Itajaí / Chegada do Rio a Santa Catarina / Farmácia Rauliveira De Paranaguá a Santos / Partida para o Rio.

Padre Jacomo Vicenzi..... 085

Autores Catarinenses

Anto, revista portuguesa de poesia / Os Balseiros / Iniciativa Feliz / Variadas

Enéas Athanázio..... 117

Índice da Revista Blumenau em Cadernos - 2001 122

Documentos Originais – Crônicas

– A Fuga de Desterro

AUTOR:
KARL
KLEIN*



Publicamos mais uma parte da obra “Blumenau Eins Erlebnisse und Erinnerungen eines Eingewanderten (Blumenau de Ontem: Experiências e recordações de um imigrante). Aqui o autor conta sua fuga do Desterro, detalhando desde a travessia a nado do Estreito, todo o percurso e contatos pessoais, até sua chegada na casa dos pais em Blumenau.

A Fuga de Desterro

A partir daquele momento, eu não me sentia mais à vontade nesta cidade e, não conseguia pensar em outra coisa a não ser retornar a Blumenau. Eu fiquei doente de tanta saudade, além disso, meus ferimentos curavam lentamente, pois eu não podia me cuidar. Então, decidi fugir assim que o mês findasse. Eu gastara dinheiro com roupas e livros e só possuía 13 vinténs, portanto, antes de receber o salário de 14 mil-réis, eu não tinha dinheiro para a viagem. Todavia ainda não sabia o valor da indenização devida, *(pela quebra do prato e pastelão)*, que o comandante pretendia descontar do meu salário. Como teria de ir a pé até Blumenau, não precisaria de muito dinheiro.

Porém, tudo aconteceu bem diferente do que imaginara. Como eu não conseguia trabalhar direito em virtude dos ferimentos, deveria ser internado no hospital. Mas, antes disso eu preferiria morrer. Bem, eu resolvi fugir naquela noite e decidi executar a minha decisão.

Mas, antes de contar a partida da capital Desterro, hoje Florianópolis, ainda quero fazer algumas observações. Na época, Desterro era uma cidade com aproximadamente 25.000 habitantes, pelo menos foi o que me disseram. Não havia muitos alemães, mas o comércio importante estava em suas mãos. Muitos

* Tradução: Annemarie Fouquet Schüncke

Flucht aus Desterro

Von der Zeit an war mir der Aufenthalt in dieser Stadt so verleidet, daß ich an nichts anderes mehr dachte, als nach Blumenau zu kommen. Ich wurde ganz krank vor Heimweh und Sehnsucht. Auch heilten meine Wunden nur sehr langsam, weil ich mich nicht schonen durfte. Da beschloß ich, wenn mein Monat um wäre, heimlich zu entfliehen. Ich hatte mein Geld für Kleider und Bücher ausgegeben und besaß nur 13 vintens, hatte also nicht eher Reisegeld, als ich meinen Monatslohn - 14 milreis - einfordern konnte. Freilich wußte ich noch nicht, wieviel der Schadenersatz betrug, den mir mein Oberbefehlshaber abziehen wollte; aber da ich zu Fuß nach Blumenau mußte, brauchte ich auch nicht viel.

Doch kam alles ganz anders, als ich gedacht hatte. Da ich mit meinen schlecht heilenden Wunden nicht so arbeiten konnte wie sonst, sollte ich ins Hospital geschafft werden. Lieber aber wollte ich sterben. Also beschloß ich, noch in derselben Nacht zu fliehen, und führte den Beschluß auch aus.

Ehe ich aber aus der Hauptstadt Desterro (heute Florianópolis) scheide, will ich doch noch einige Bemerkungen hinzufügen. Desterro war damals eine Stadt von ungefähr 25.000 Einwohnern, wie mit dort gesagt wurde. Viele Deutsche waren nicht darunter, aber der Großhandel lag fast ausschließlich in deutschen Händen. Es kamen viele deutsche Kolonisten aus den umliegenden Kolonien, hauptsächlich aus Theresópolis und São Pedro de Alcântara, in die Stadt, um ihre Produkte zu verkaufen und ihre Bedürfnisse dafür einzukaufen. Alle diese Leute mußten ihre Waren auf Maultieren transportieren, und zwar auf Wegen, die aller Beschreibung spotteten. - Diese Kolonisten waren meistens Rheinländer oder deren Abkömmlinge. Sie sprachen zwar unter sich ihr ländliches Platt von drüben, mengten aber leider viele portugiesische Wörter dazwischen. Ihre Kinder sprachen nur portugiesisch in der Stadt, obgleich sie zu Hause ihre Muttersprache auch konnten. Die dritte Generation aber hatte in der Regel die Muttersprache ganz verloren, was nicht geschehen wäre, wenn man für deutsche Schulen gesorgt hätte. In ihrer Lebensweise waren alle zusammen die reinen Brasilianer, das heißt in ihrem Essen, Trinken, Kleidern, Arbeiten u.s.w. In ihren Sitten aber waren sie - Gott sei Dank - die Alten geblieben. Es waren fast durchweg fleißige, ordentliche Leute, die sehr einfach lebten. Selbst die Wohlhabenden unter ihnen, die manchmal Contos auf Zinsen hatten, hörte man nie prahlen oder sah einen Unterschied. Das einzige, womit sie gerne prunkten, waren ihre Reittiere und Sättel, welche manchmal ein kleines Vermögen darstellten. - Ich wurde einmal mit den beiden Westfälignern nach Theresópolis geschickt, um Orchideen zu sammeln. Ich staunte hier über die zähe Ausdauer der Kolonisten, mit der sie ihre steilen Berge bebauten und mit Terrainschwierigkeiten kämpften, die man zwar in Blumenau auch findet, aber doch nur in kleinem Maßstab gegen dort. Ihre Häuser klebten wie

colonos das colônias vizinhas, principalmente de Teresópolis e São Pedro de Alcântara, vinham à cidade para venderem seus produtos e comprarem o necessário. Todas estas pessoas transportavam sua mercadoria em lombo de burros por caminhos, devido sua precariedade, difíceis de descrever.

Estes colonos em sua maioria eram oriundos ou descendentes de imigrantes da região do Reno. Eles falavam entre si o dialeto de lá, infelizmente misturavam muitas palavras em português. Seus filhos, apesar de falarem em casa a língua materna, só falavam português na cidade. Mas, de um modo geral, a terceira geração já não falava mais a língua materna, o que não teria acontecido se tivessem providenciado escolas alemãs. Sua maneira de viver era igual a dos brasileiros, quer dizer quanto à alimentação, bebida, vestimentas, trabalhos etc. Seus costumes, graças a Deus, permaneceram. De um modo geral eram pessoas honestas e trabalhadoras e que viviam de modo simples. Tampouco havia diferença entre estas pessoas e os mais ricos, que jamais se gabavam e ocasionalmente tinham alguns Contos aplicados a juros. A única coisa com a qual eles se exibiam eram suas montarias e selas, que às vezes representavam uma pequena fortuna.

Certa ocasião eu fui mandado, com os dois rapazes da Westfália, a Teresópolis para colher orquídeas. Eu me admirei com a firmeza e perseverança dos colonos em cultivar os morros íngremes, e pela sua luta constante contra os obstáculos do terreno. Destes, também se encontra em Blumenau, mas em escala bem menor. Suas casas pareciam estar fixas nas encostas, tal qual os ninhos de andorinhas, e ali eu não poderia ter dormido sossegado uma noite sequer.

Seus produtos para comercialização eram: farinha de mandioca, feijão, batata inglesa, tabaco e milho, e precisavam transportá-los pelos piores caminhos. Não havia escolas e demais instalações de utilidade, era triste...

Mas, voltemos a Desterro, precisamente ao mercado. Muitas vezes fui mandado pelos meus patrões até ali para buscar mantimentos. Muitas vezes fiquei parado, deliciando-me com o vai e vem das pessoas que trabalhavam no mercado. Embora este fosse muito pequeno, certamente, fora construído de modo sólido e prático. Praticamente se conseguia todo tipo de mantimento. Também havia comida quente e barata, era preparada dos restos de carne e peixe, comprados pelos donos dos botecos pouco antes da inspeção da polícia. Uma porção custava 1 pataca, mas era preciso comer em pé e fora do boteco, pois este era muito pequeno. O cozimento era feito em pequenos fogões de ferro instalados adequadamente. Os fregueses destas pequenas cozinhas eram de natureza mista como: colonos, marinheiros, trabalhadores do porto e viajantes. Era possível encontrar consumi-

die Schwalbennester an den steilen Hängen, und ich hätte in ihnen keine Nacht ruhig schlafen können. - Mandiokamehl, Bohnen, Kartoffeln, Tabak und Mais waren ihre Handelsprodukte, die sie auf den elendsten Wegen fortschaffen mußten. Mit Schulen und anderen nützlichen Einrichtungen sah es noch sehr traurig aus...

Doch wir wollen wieder nach Desterro zurückkehren, und zwar gleich bis auf den Mercado (öffentlicher Markt). Gar oft war ich von meiner Herrschaft hierher geschickt worden, um Lebensmittel zu holen. Manches liebe Mal habe ich hier gestanden, um mich an dem Treiben der Marktleute zu ergötzen. Die Markthalle war wohl gut und praktisch gebaut, aber viel zu klein angelegt. Hier konnte man alles mögliche an Lebensmitteln kaufen. Auch warmes Essen konnte man hier billig bekommen. Es waren die Reste von Fleisch und Fisch, die kurz vor der Polizeistunde von den Budikern aufgekauft wurden. Die Portion Essen kostete nur 1 pataca, mußte aber im Stehen außerhalb der Budike, die sehr klein war, verzehrt werden. Gekocht wurde auf kleinen eisernen Öfen, sie sehr praktisch eingerichtet waren. Die Kunden dieser kleinen Garküchen waren sehr gemischter Art. Kolonisten, Matrosen, Hafenarbeiter, Reisende; Kostgänger von allen Nationen und Farben konnte man hier zu sehen bekommen. Oftmals habe ich mich hier an köstlichen Seefischen delectiert. Am nötigen Lärm fehlte es daher natürlich auch nicht. Krawall oder ernstlicher Streit kam jedoch nur selten vor. Nur einmal sah ich einen höchst lächerlichen Auftritt dieser Art mit an. Eine schwarze Fischverkäuferin, die ihren berühmten Schwestern, den Fischweibern in Hamburg, an resolutem Wesen und gutem Mundwerk um nichts nachstand, war mit einem Kunden, einem kleinen, schwächlichen Kerlchen, in Streit geraten. Der Unglückliche wagte zu behaupten, daß der Fisch, den er zu kaufen beabsichtigte, in den letzten Zügen läge und nicht mehr im Stande sei, mit dem Schwanz zu wackeln. Er sagte dies natürlich nur aus Spekulationszwecken, um die Ware billiger zu bekommen, denn tote Fische durften nicht mehr verkauft werden, sondern wurden von der Polizei in ihre alte Heimat befördert. Die schöne Fischerin aus Afrika nahm dies aber sehr übel auf und meinte höhnisch, wenn es immer darnach ginge, wäre er schon längst ein toter Mann. Der so in seiner Mannesehre direkt Angegriffene wurde nun seinerseits fuchtig und erwiderte etwas darauf, was wir hier nicht wiedergeben können. Die saftige Antwort blieb nicht aus. Zum großen Gaudium des Publikums ging das so ein Weilchen fort, bis der kleine Kerl seine Tamanken (Holzpantoffel) auszog und nun mit diesen Waffen seiner Gegnerin ernstlich zu Leibe ging. Man kann sich das Gelächter der Zuschauer hierbei denken. - Aber der arme Teufel kam schön an! In Ermangelung einer anderen Waffe ergriff die Schöne das Streitobjekt und benutzte es als Knüttel, und zwar mit solchem Erfolg, daß der Tamankenheld bald über und über mit Fischschuppen bedeckt am Boden lag und jämmerlich um Pardon bat. Aber die schwarze Furie hörte nicht auf ihn, sondern klaschte drauf los, was das Zeug halten wollte. - Jetzt mischte sich

dores de todas as raças e cores. Muitas vezes me delicieei aqui com peixes saborosos. Naturalmente não havia falta de barulho.

Mas, arruaça ou discussão mais séria só aconteciam de vez em quando. Apenas uma vez presenciei uma dessas discussões ridículas. Houve uma discussão entre um consumidor raquítico e de estatura pequena, e uma negra, vendedora de peixe, que pelo seu temperamento resoluto e bate-boca em nada ficava devendo às suas “irmãs”, as vendedoras de peixe de Hamburgo. O infeliz teve a ousadia de afirmar, que o peixe que desejava comprar estava dando os últimos suspiros e já não conseguia mais se debater. Esta afirmação naturalmente visava apenas fins especulativos para conseguir a mercadoria por um preço mais baixo, pois era proibido vender peixes mortos, os quais a polícia devolvia ao mar. Mas, a bela vendedora de peixe africana, se sentiu ofendida e retrucou desdenhosamente dizendo que se fosse por isso ele há muito tempo já teria sido um homem morto. O agredido, ofendido em sua honra, ficou deveras bravo e retrucou algo que eu não posso contar aqui. A resposta à altura não se fez esperar. Continuaram assim durante certo tempo para grande alegria do público, até que o homenzinho tirou seus tamancos e avançou sobre sua adversária com esta arma. Dá para imaginar as risadas do público. Mas o pobre diabo se enganou, pois como a beldade não tinha outra arma, agarrou o objeto da discórdia e o usou como cacete com relativo sucesso, de modo que o herói dos tamancos estava estendido no chão coberto com escamas, pedindo perdão. Porém a mulher furiosa não parava e continuava a bater o quanto podia. Depois a louvável polícia interveio, levando o herói bem como a heroína para a prisão. Não houve processo, mas ambos tiveram de pagar uma multa.

O leite era levado para a cidade pela própria vaca, quer dizer, levava-se a vaca até a casa do freguês onde, à vista deste, era ordenhada o tanto quanto se desejava. Assim não podia haver falsificação do leite.

Todas as manhãs, a água da fonte era transportada à cidade em grandes tonéis sobre carroças de duas rodas e vendida em balde. Na cidade também havia poços, mas a água da fonte era bem melhor para beber.

Meus dois companheiros da Westfália haviam contado coisas terríveis sobre o hospital, tanto que eu não queria, de jeito nenhum, ir para lá. Meu único pensamento era de sumir furtivamente. Isto foi uma grande tolice, pois eu deveria ter falado, com certeza ninguém teria tido algo contra, considerando que eu não podia trabalhar direito. Talvez até teriam ficado contentes de poderem se livrar de mim desta maneira. Eu também teria recebido um pouco de dinheiro para a

die hochwohllöbliche Polizei ein und brachte den Held und die Heldin in die Beruhigungsanstalt. Großen Prozeß hat es nicht gegeben, aber bezahlt haben sie alle beide!

Die Milch mußte die Kuh selber in die Stadt bringen, das heißt, man führte sie am Strick bis vor das Haus des Kunden, vor dessen Augen nun so viel ausgemolken wurde, wie er begehrte. Auf diese Weise konnte keine Fälschung der Milch vorkommen.

In großen Fässern, die auf zweirädrigen Karren lagen, kam jeden Morgen frisches, sehr gutes Quellwasser in die Stadt. Es wurde eimerweise an die Kunden verkauft. Es gab auch Brunnen in der Stadt, aber zum Trinken war das Quellwasser doch viel besser. -

Meine beiden Westfälinger hatten mir von dem Hospital so schauerliche Dinge erzählt, daß ich unter keinen Umständen dorthin wollte. Mein einziger Gedanke war, von hier heimlich zu verschwinden. Das war eigentlich sehr dumm von mir. Ich hätte es ruhig sagen können, es hätte wohl niemand etwas dagegen gehabt, weil ich doch nicht ordentlich arbeiten konnte. Sie wären vielleicht noch froh gewesen, mich auf gute Manier los zu werden. Etwas Reisegeld hätte ich dann auch erhalten und hätte frei und frank gehen können. So erwartete ich mit Herzklopfen den Abend. Die Umstände zur Flucht waren günstig. Die beiden Westfälinger waren auf Urlaub nach der Kolonie. Die Nacht war dunkel, und nach Sonnenuntergang kümmerte sich im Hause überhaupt niemand mehr um mich. - Meine Sachen mußte ich alle zurücklassen. Wie ich ging und stand, begab ich mich auf die Flucht nach Blumenau. Auf Umwegen schlich ich wie ein Verbrecher bis an den Estreito, dem Übergang von der Insel auf das Festland. In stockfinsterer Nacht stand ich zitternd vor Angst am Strand und lauschte, ob mich niemand verfolgte. Den Fährmann durfte ich nicht rufen, weil ich kein Fährgeld hatte. Drüben auf dem Festland blitzten die Lichter wie Sterne mir entgegen. Hinter mir erhellten die Lampen der Stadt die Straße bis fast an die Stelle, wo ich stand. Der ganze Hafen aber war in tiefe Finsternis gehüllt. Nur auf den größeren Fahrzeugen, die etwas abseits lagen, glänzten noch einzelne Lichter. Die Töne einer Viola drangen leise zu mir herüber. - Was sollte ich nur machen? - Aber ich konnte ja doch schwimmen wie ein Fisch! Und obwohl die Meerenge für einen Schwimmer schon keine Enge mehr bedeutete, wagte ich es doch. Ich hatte in Blumenau schon größere Strecken durchschwommen, wenn auch flußabwärts, darauf verließ ich mich. Außerdem war das Meer ganz ruhig und ohne Strömung. - Was blieb mir auch weiter übrig? Zurück ging ich nicht wieder, und wenn ich auch hier ertrinken sollte!

Schnell zog ich mich aus, schnallte die Kleider mit meinem Leibriemen auf den Kopf und ging ins Wasser. Leise und vorsichtig begann ich zu schwimmen, erst langsam, dann immer schneller. Wenn ich müde wurde, warf ich mich auf den

viagem, podendo ir livre e tranqüilo. Aguardei a noite com o coração aos pulos. As condições para a fuga eram boas, pois os dois rapazes da Westfália estavam de férias na colônia. A noite estava escura e ninguém se incomodaria comigo após o pôr do sol.

Fui obrigado a deixar todas as minhas coisas e fugi para Blumenau com a roupa do corpo. Fui caminhando às escondidas tal qual um criminoso até o Estreito, lugar de travessia entre a ilha e o continente. Fiquei parado na praia tremendo de medo nesta noite escura como breu, prestando atenção se ninguém me perseguia. Eu não podia chamar o barqueiro, pois não tinha dinheiro. Parecia que as luzes do continente brilhavam como estrelas. Atrás de mim as lâmpadas da cidade iluminavam a rua, quase até onde eu me encontrava. O porto se encontrava na mais absoluta escuridão, apenas em algumas embarcações maiores havia iluminação. Os sons de um violão chegavam até mim.

O que deveria eu fazer? Bem, eu sabia nadar igual a um peixe. Apesar do Estreito não significar um lugar muito estreito para um nadador, mesmo assim eu arrisquei. Eu já havia nadado trajetos bem maiores em Blumenau, se bem que rio abaixo e foi com isso que contei. Além disso, o mar estava calmo e sem correnteza. Afinal, o que me restava? Eu não voltaria, nem que me afogasse ali!

Rapidamente me despi, preendi as roupas com o cinto sobre minha cabeça e entrei na água. Eu comecei a nadar, em silêncio e com cuidado, devagar, aumentando gradativamente. Quando cansava, deitava de costas para descansar. As luzes do outro lado do Estreito eram meu guia. Finalmente alcancei novamente chão, chegando assim à outra margem.

Mas então veio o pior – eu não conhecia o caminho. Enquanto eu estava parado e pensando, apareceu repentinamente uma lancha grande e alguém perguntou: Quem é? No primeiro momento quis fugir, mas refleti e respondi: “Sou eu, senhor!” “Sou eu, sou eu”, repetiu ironicamente a figura, “ó diabo, vem cá, seu f..., senão...” O resto se perdeu numa terrível praga. O homem com certeza achava que eu era um ladrão e para que não me perseguisse fui ao seu encontro, contando-lhe em poucas palavras minha aventura. Ele era o patrão da lancha e escutara o borbulho da água, além disso notara eu me vestir. Enquanto eu lhe contava ele balançava a cabeça e por fim disse: “Que moço, que moço!” Permaneceu pensativo durante algum tempo e, então propôs eu passar a noite em sua casa para acompanhá-lo na manhã seguinte até um determinado lugar, onde morava um alemão chamado Danielo, dono de uma venda. Aceitei este convite com alegria.

Rücken, um auszuruhen. Die Lichter auf der anderen Seite der Meerenge dienten mir als Leitsterne. - Endlich faßte ich wieder Grund und landete am anderen Ufer. - Aber nun kam das Schlimmste - ich kannte den Weg nicht. Während ich noch stand und überlegte, tauchte plötzlich neben mir aus einer großen Lancha (Schute) eine Gestalt auf und rief mich an: Quem é? (Wer ist's?). Im ersten Augenblick wollte ich ausreißen, bedachte mich aber und gab Antwort: "Sou eu, Senhor! (Ich bin es, Herr)" "Sou eu, sou eu", wiederholte höhnisch die Gestalt, "ó diabo, vem cá, seu f..., senão... das andere erstarb in einem schrecklichen Fluch (Teufel noch mal, komm her, Hurensohn, sonst...). Um ihn mir nicht auf den Hals zu hetzen, denn wahrscheinlich hielt mich der Mann für einen Spitzbuben, trat ich an ihn heran und erzählte ihm so kurz wie möglich mein Abenteuer. Er war der Patrão der Lancha, hatte mich im Wasser plätschern gehört und mich beim Anziehen bemerkt. Während meines Erzählens schüttelte er nur immer den Kopf und meinte zuletzt: "Que moço, que moço!" (Was für ein Junge, was für ein Junge!) Er sann eine Weile nach, dann machte er mir dem Vorschlag, diese Nacht bei ihm zu bleiben und morgen früh mitzufahren bis zu einem gewissen Orte, wo ein Deutscher mit Namen Daniello wohne, der dort eine Venda hätte. Mit Freuden nahm ich dieses Anerbieten an.

Am andern Morgen kamen noch zwei Matrosen an Bord, und mit vollem Segel steuerten wir bei sehr gutem Winde nach Norden, in Richtung Blumenau. Wir segelten wohl kaum zwei Stunden, so kamen wir zu der Venda des Deutschen. Wie erstaunte ich aber, als ich in dem Ladenbesitzer einen alten Bekannten aus Blumenau erkannte. Der Mann hieß Daniel Schneider und war, so zu sagen, unser Nachbar in Blumenau gewesen, obgleich er schräg rüber von uns auf der anderen Seite des Flusses Itajahy gewohnt hatte. Ich kannte ihn sehr gut und hatte oftmals Zucker und Melade (Sirup) bei ihm holen müssen.

Hier konnte ich wieder einmal lernen, wie sonderbar es manchmal im menschlichen Leben zugeht. Schneider war in Blumenau als nüchterner, fleißiger und sehr sparsamer Mensch allgemein bekannt. Er hatte eine zahlreiche Familie, wenn mir recht ist, waren es lauter Mädels. Er betrieb in Blumenau Zuckerrohranbau und Viehzucht. Er hatte ein schönes Stück Land und stand sich gut. Von Natur sehr wortkarg, war er nichts weniger als ein Phantast oder Schwärmer, sondern der prosaischste Mensch, den man sich denken konnte. Dennoch ließ er sich von einem Leichtsinnigen überreden, eine Laterna Magica zu kaufen, um mit ihm zusammen in der Welt umher zu ziehen und auf leichte Weise viel Geld zu verdienen, wie der andere ihm vorschwatzte. Die beiden aber paßten zusammen wie der Harlekin und der Pastor. Das Ende dieser herrlichen Spekulation war natürlich, daß sie in irgendeinem brasilianischen Neste ihren Zauberapparat versetzen mußten, um einigermaßen heil wieder nach Blumenau zurückzukommen. Schneider bereute jetzt bitterlich, seine Wirtschaft verlassen zu haben. Er hatte ein gut Teil bares Geld dabei

Na manhã seguinte vieram mais dois marinheiros a bordo, e assim velejamos com vento favorável para o norte, em direção a Blumenau. Não havíamos velejado bem duas horas quando chegamos à venda do alemão. Qual foi minha surpresa ao reconhecer no dono da venda um antigo conhecido de Blumenau. Seu nome era Daniel Schneider e praticamente foi nosso vizinho, apesar de ter morado no outro lado do rio. Eu o conhecia muito bem, pois muitas vezes fui até lá para buscar açúcar e melado.

Mais uma vez pude perceber como eram estranhos os desígnios da vida. Schneider, de um modo geral, era conhecido como uma pessoa racional, trabalhadora e muito econômica. Ele tinha uma família numerosa, se não me engano eram meninas. Em Blumenau ele se dedicava ao cultivo da cana-de-açúcar e à criação de gado. Ele tinha uma boa área de terra e estava bem de vida. Era uma pessoa de poucas palavras, nem de longe um sonhador ou adepto de fantasia, mas sim o homem mais prosaico que se podia imaginar. Mesmo assim deixara-se convencer pela lábia de um leviano para comprar uma lâmpada mágica, a fim de percorrer o mundo e ganhar facilmente muito dinheiro. Mas os dois não tinham nada a ver, tal qual palhaço e pastor. O final desta maravilhosa aventura foi que precisaram desfazer-se deste aparelho mágico em algum vilarejo, para voltarem mais ou menos em forma para Blumenau. Schneider se arrependeu amargamente de ter largado seu empreendimento, pois perdera uma considerável soma em dinheiro. Pouco tempo depois vendeu sua propriedade com tudo que nela havia, talvez de raiva pela empreitada malograda e também porque troçavam dele em Blumenau. Assim, ele partiu e ninguém sabia para onde. E agora eu o encontrei aqui. Reconheceu-me imediatamente, assim que transpus a soleira de sua casa.

“Mas, este não é Karl, o filho do Kleine?” exclamou. “Marie vem cá, o filho do Theodor Kleine está aqui.”

Sua mulher veio depressa, acompanhada de algumas cabeças escuras para verem este prodígio. Então as perguntas inevitáveis: De onde? Para onde? Por que? Por que motivo? Eu relatei rapidamente minha história mirabolante e fui lamentado pelo sucedido. Mal havia terminado o relato, quando senti calafrios. Repentinamente fui acometido por uma febre forte.

“Bem, nós já vamos dar um jeito na febre do menino” falou Schneider à sua mulher. Ele buscou um copo de cerveja, encheu-o até a metade com cachaça e adicionou algumas gotas de um remédio, para mim desconhecido. Então pediu que o tomasse de um só gole. Eu nunca havia tomado cachaça em minha vida e por isso me neguei a tomar esta quantidade. Mas, Schneider me aconselhou tanto,

zugesetzt. Bald darauf verkaufte er sein Grundstück mit allem Zubehör, wahrscheinlich aus Ärger über den Mißerfolg seiner Gastspielreise und weil er in Blumenau viel damit gehänselt wurde. So zog er fort, niemand wußte wohin. Jetzt mußte ich ihn hier wieder treffen! Er erkannte mich sogleich, als ich über die Schwelle seines Hauses trat.

“Ist dat lo nit der Kleins Karl”, rief er aus. “Marie, do geh lo mol her! Dem Tedor Klein sein Jung is do!” - Seine Frau kam schleunigst herbei und mit ihr einige recht nette Schwarzköpfe, um mich Wundertier zu beschauen. Dann kam das unvermeidliche Woher? Wohin? Warum? Weshalb? Ich erzählte den guten Leutchen so kurz wie möglich meine Räubergeschichte und wurde darüber von allen bedauert. - Aber als ich kaum zu Ende war mit meinem Bericht, fühlte ich heftigen Fieberfrost durch meine Glieder ziehen. Ein starkes Fieber hatte mich urplötzlich ergriffen.

“Na wart nur!” sagte Schneider zu seiner Frau, “dat Jungelche lo hier wolle mer dat Fieber schon vertreiben!” Er holte ein Bierglas, goß es halb voll Schnaps und setzte aus einem Fläschchen noch einige Tropfen einer mir unbekanntem Medizin hinzu. Nun verlangte er von mir, ich sollte es auf einmal austrinken. Ich hatte in meinem Leben noch nie Schnaps getrunken und weigerte mich deshalb, ein solches Quantum zu nehmen. Aber Schneider redete mir so lange zu, bis ich es austrank. Wie Feuer lief es mir durch die Adern, es flimmerte mir vor den Augen - aber das Fieber war weg wie fortgeblasen! Bis heute habe ich nie wieder etwas davon gespürt. Ich wurde damals von diesem Radikalmittel noch nicht einmal betrunken, nur ein dumpfer Kopfschmerz plagte mich einige Stunden. Es half nun nichts, ich mußte an diesem Tage bei Schneiders bleiben und ihnen von Blumenau erzählen.

Als der Hausherr merkte, daß ich immer noch Angst hatte vor der Polizei, lachte er mich tüchtig aus und meinte: “De Police lafe kenem noch, wo nix hat, deerwegen kannst lo ruhig schlofe, du bist doch nit Criminoso, un um dat annere kimmert sich niemand nix drum. Sei doch kei Aff un han Angst vor de Police!” - Desto besser, dachte ich und war beruhigt.

Ich hatte Glück. Gegen Abend kam ein Brasilianer mit seinem Sohne an, die ein Gespann Ochsen nach Tijucas bringen wollten, wo der Mann einen Bruder wohnen hatte, von dem er sich die Ochsen geborgt hatte. Da nun die Tiere nicht mehr recht weiter wollten, blieben die beiden Männer hier über Nacht. So bekam ich bis Tijucas gute Wegweiser. Um nicht in der großen Hitze zu treiben, brachen wir schon sehr früh auf. Wegen der Ochsen kamen wir aber nur langsam vorwärts, doch mit jedem Schritt, mit dem ich näher nach Blumenau kam, wurde mir wohler zu Mute; obwohl meine Wunden mich noch schmerzten, war ich doch guter Dinge. Am liebsten wäre ich gleich hin geflogen, aber die Ochsen hatten keine Flügel und ich auch nicht. Also paciência, Geduld!

Schneider hatte mir ein kleines Paket mitgegeben. Als ich Hunger verspürte,

que tomei tudo. Parecia fogo correndo por minhas veias. A vista se turvou, mas a febre sumiu. Até hoje nunca mais senti nada disso. Na época, eu nem fiquei embriagado por causa deste remédio radical, apenas tive dor de cabeça durante algumas horas. Não havia outro meio, assim pernoitei na casa de Schneider e precisei lhes contar sobre Blumenau.

Quando o dono da casa percebeu que eu ainda estava com medo da polícia, começou a rir dizendo: “A polícia não corre atrás de quem não tem nada, além disso, não és criminoso e pelo resto eles não se interessam. Portanto podes dormir.” Tanto melhor, pensei e me senti mais calmo.

Eu tive sorte. À noitinha veio um brasileiro com seu filho, que queria levar uma parrelha de bois para Tijucas, onde morava seu irmão e do qual os havia emprestado. Como os animais estavam cansados, os dois homens resolveram pernoitar ali. Assim consegui bons guias até Tijucas. Partimos bem cedo, para não expor os animais ao calor forte. Avançávamos lentamente por causa dos bois, mas com cada passo me aproximava de Blumenau, sentindo-me cada vez melhor. Apesar da dor dos ferimentos eu estava muito bem. Minha vontade era de voar, mas bois não têm asas, nem eu tampouco. Bem, paciência!

Schneider havia me dado um pequeno embrulho. Quando senti fome o abri e achei diversas roscas, um pedaço grande de queijo lageano e uma nota de dois mil-réis. Eu não quis aceitar o pacote, mas Schneider quase me forçou aceitá-lo, dizendo:

“Isto tu vais levar, seu bobo. Teu pai também não cobrou nada quando escreveu algo para mim, e agora tu podes precisar disto.”

Bem, isto era verdade, tanto que agora eu precisava de dinheiro, pois não tinha um centavo comigo. Aceitei agradecido, pois seria de muita ajuda. Eu reparti os mantimentos com meus companheiros que, como sempre, haviam se fiado na ajuda de Deus não trazendo nada consigo, bem à moda brasileira.

Chegamos muito tarde a Tijucas e pernoitamos lá. Na manhã seguinte, após pagar a conta, para susto meu, me restavam apenas 200 réis. Daí em diante eu tinha de descobrir o caminho sozinho, ou melhor me informar sobre o mesmo. Felizmente este seguia em sua maior parte pela praia, portanto um caminho natural. Mas se em algum lugar se cortasse o caminho, com certeza se encontrava praticamente intransitável. Às vezes ele tinha sido aberto através dos mais íngremes morros, e não era nada mais do que uma picada um pouco mais larga. Eu não entendia como era possível transpô-lo com animais de carga e montaria. Mas era assim mesmo. Nos lugares mais íngremes e perigosos até encontrei mulheres,

machte ich es auf und fand darin etliche Roscas (aus Stärkemehl gebackenes Brot in Kranzform), ein großes Stück Lageanerkäse und einen Zwei-milreis-schein. Ich hatte das Paket nicht annehmen wollen, aber Schneider drängte es mir fast mit Gewalt auf und sagte dabei: "Dat lo nimmst mit, du Aff! Dei Vatter hat mir als ämol wat umsonst geschriewe, un jetzt kannst alleweil gebrauchte." - Na ja, es war wahr, ich konnte es jetzt gebrauchen, denn ich hatte ja keinen Zehrpfeffig für unterwegs. Also nahm ich es mit Dank an, und es kam mir sehr zu statten. Ich teilte meinen Vorrat an Lebensmitteln mit meinen Begleitern, die sich nach echt brasilianischer Weise wieder einmal auf den lieben Herrgott verlassen und keine Proviant mitgenommen hatten.

Erst sehr spät langten wir in Tijucas an, wo wir übernachten mußten. Als ich am anderen Morgen meine Zeche bezahlte, hatte ich zu meinem Schrecken nur noch 200 reis übrig. - Von hier an mußte ich mir den Weg allein suchen oder vielmehr erfragen. Zum Glück ging es meistens am Meeresstrande entlang, also Naturweg. Hatte man irgendwo einen Bogen abgeschnitten, so war der Weg gewiß unter aller Kanone schlecht und kaum zu gehen. Über die steilsten Berge hatten sie manchmal den Weg gelegt, der eigentlich nur eine breitere Pikade (Pfad) war. Wie man hier mit Last - und Reittieren hinüber konnte, war mir unbegreiflich. Aber es war so. Selbst Frauen mit kleinen Kindern vor sich auf dem Sattel begegneten mir an den steilsten und gefährlichsten Stellen und - rauchten seelenruhig ihre Fumzigarren dabei.

Es war nur gut, daß ich der Landessprache mächtig war, sonst hätte ich mich ein paarmal ganz gründlich verlaufen. Als ich am zweiten Tage - von Schneider an gerechnet - bis Mittag gelaufen war, ohne etwas Nennenswertes unterwegs gegessen zu haben, wurde mir sehr flau und ich spürte wohl, daß ich so nicht mehr weit käme. Ich befand mich gerade in einer kleinen Ortschaft, ich glaube, es war Porto Bello, wenigstens war eine schöne Meeresbucht dort, worin mehrere große Schiffe und viele kleine Fahrzeuge lagen. Hier hatte auch ein Hotel sein Schild ausgehängt. - Hunger hatte ich gewaltig, aber mit nur 10 vintens in der Tasche ein Mittagessen in einem Hotel zu verlangen, dazu gehörte wohl schon mehr als gewöhnliche Courage. Dennoch unternahm ich das Wagestück. Hunger tut eben weh!

Mit selbstbewußter Miene betrat ich das Gastzimmer. Es war niemand darin. Endlich kam ein dicker Mann mit einem wahren Vollmondgesicht in Hemdsärmel und Lederpantoffeln langsam angeschlurft. Ich frug ihn, ob ich etwas zu essen bekommen könnte. "Dat jo", meinte der Dicke auf deutsch, "awer dat Äße kostet mit Kaffee 1\$500." Ob er meine Finte witterte? Ich ließ mich aber nicht verblüffen und griff schnell in die Tasche; aber ehe ich meine Hand wieder herausziehen konnte, hatte er schon die seinige auf meinen Arm gelegt und sagte abwehrend: "Não, não, so is dat nit gemeint, erst äße, dann bezahle". Er machte hierauf kehrt und kam bald mit Tischtuch und Teller wieder. Eine Schwarze trug

tendo seus filhos diante de si na sela, fumando com a maior tranqüilidade.

Ainda bem que eu dominava o vernáculo, senão teria errado o caminho algumas vezes. No segundo dia - desde a partida da casa de Schneider- eu havia caminhado até o meio-dia sem ter comido algo consistente, foi quando notei que estava ficando fraco e que assim não chegaria muito longe. Eu me encontrava em um lugarejo, creio que era Porto Belo, pois lá havia uma bela enseada onde estavam ancorados vários navios e muitas embarcações pequenas. Uma tabuleta indicava que lá havia um hotel. Eu estava com muita fome, mas pedir uma refeição com apenas 10 vinténs no bolso era muita coragem. No entanto arrisquei, pois ter fome dói.

Seguro de mim mesmo entrei no restaurante, mas não havia ninguém. Então veio um homem com uma cara de lua cheia, em manga de camisa e arrastando os tamancos de couro. Perguntei se poderia comer algo.

“Claro”, respondeu em alemão, “mas a comida com café custa 1\$500.”

Será que desconfiara do meu embuste? Mas não me deixei intimidar e enfiei rapidamente a mão no bolso, porém antes que eu pudesse retirá-la, ele havia colocado sua mão sobre meu braço dizendo:

“Não, não era isso que eu queria dizer, primeiro coma, depois pague.”

Em seguida trouxe a toalha e o prato. Uma negra serviu a comida: carne de galinha, pirão, banana frita e papa de arroz e uma xícara de café. Quando tudo estava servido o hospedeiro falou:

“Podes comer, enquanto vou deitar um pouco, depois também podes dormir um pouco na varanda.”

Para minha alegria ele sumiu em seu quarto. Comi depressa, se bem que devo admitir, que em circunstância normal teria sido mais gostoso. Ao malvado, tudo se torna mais difícil, até o ato de comer uma boa refeição.

Quando terminei, fui escutar na porta do quarto, mas como nada se mexia na casa, saí rapidamente antes de alguém vir. Saí despreocupado e com passos leves, se bem com o coração aos pulos. Parecia que não havia viva alma no lugarejo, não se via ninguém, nem nas lanchas ancoradas perto da costa. Devia ser o calor daquele dia que fez todos se recolherem. Em silêncio abençoei o sol forte, meu aliado, e tratei de ir embora. Logo deixei o lugar para trás. A consciência suja fez eu andar mais rápido. Assim a fome me fez trapaceiro, vigarista e mentiroso, ou seja, lá é o nome que se dá a isto.

Após quatro anos me encontrei com o hospedeiro, lesado por mim, na barra do Itajaí. Desculpei-me da melhor maneira possível e paguei minha dívida.

das Essen auf: Hühnerfleisch, Pirão (überbrühtes Mandiokmehl), gebratene Bananen und dicken Reis. Eine Tasse schwarzer Kaffee wurde gleich mit aufgetragen. Als alles serviert war, sagte der Wirt: "Do könne Sie äße, ich will mich derweil eppes hinleije, un Sie könne hier uf de Verande eppes schlofe". Dann verdrückte er sich zu meiner großen Freude in die Schlafkammer. - Schnell aß ich mich satt, obgleich ich gestehen muß, daß es mir unter normalen Umständen weit besser geschmeckt hätte. Dem Bösewicht wird alles schwer, selbst das Vertilgen einer guten Mahlzeit.

Als ich fertig war mit dem Essen, horchte ich erst an der Kammertür. Nichts regte sich im ganzen Hause; also fort, schnell fort! Ehe jemand kommt! - Unbefangen, wenn auch mit Herzklopfen und leisen Schritten, ging ich zur Tür hinaus. Der ganze Ort schien wie ausgestorben, selbst auf den Lanchas, die nahe am Ufer standen, sah man keinen Menschen. Das mußte wohl die große Hitze machen, welche an diesem Tage herrschte und vor der jeder sich verkrochen hatte. Ich segnete im stillen die brennende Sonne als meine Verbündete und machte, daß ich fort kam. - Bald hatte ich den Ort weit hinter mir. Das böse Gewissen trieb mich zur größten Eile an. - So hatte mich der Hunger zum Zechpreller, Hochstapler, Schwindler, oder wie man es nun nennen will, gemacht.

Später, nach vier Jahren, traf ich mit dem von mir geprellten Wirt an der Barra von Itajahy wieder zusammen. Ich entschuldigte mich, so gut ich konnte, und bezahlte meine Schuld. Der Dicke steckte lachend das Geld ein und meinte treuherzig: "Gucke lo, dat gibt auch ehrlich Spitzbuwe."

Also, jetzt befand ich mich auf der Flucht. Diesen Abend wollte ich noch durchaus die Barra von Itajahy erreichen, weil ich kein Geld hatte, um unterwegs zu übernachten. An der Barra aber war ich ja längst gut bekannt und hatte dort überall Kredit. - Ich lief, so schnell ich konnte, achtete aber leider in der Eile nicht sonderlich auf den Weg und rannte mich fest dabei, das heißt, ich war in einen sogenannten Sack am Strand geraten, wo die Praia plötzlich in einer Klippengruppe endigt. Rechts das Meer, links dichtes Buschwerk und vor mir die nackten Felsen. Weit und breit war kein Haus, kein Mensch oder Fischerboot zu sehen, nur die endlose Praia hinter mir. Also, wieder zurück! Ich lief und lief, aber kein Weg, welcher seitwärts vom Strand abführte, wollte sich zeigen. Endlich tauchte weit vor mir eine Gestalt auf, welche auf mich zukam. Erschöpft setzte ich mich in den Sand, um sie zu erwarten. - Bald stand ein alter Neger vor mir. Er war Schuster und wollte nach der Barra, wo er bei einem deutschen Meister in Arbeit stand. Er kam von Tijucas, wo er Verwandte besucht hatte. Er war also immer dicht hinter mir hergelaufen. Er schien ein komischer Kauz zu sein. Um mit mir zusammenzutreffen, war er schon eine kleine Strecke am richtigen Weg vorbeigelaufen. Er hieß Antonio - seine übrigen zwei Dutzend hochtönenden Namen habe ich leider alle vergessen, er hatte sie alle in halb singendem Tone und von lebhaften Gesten unterstützt heruntergeleiert. Zuletzt

O gordo guardou o dinheiro rindo e disse:

“Veja, também existem gatunos honestos.”

Encontrava-me em fuga. Eu ainda queria alcançar a Barra do Itajaí naquela noite, pois não tinha dinheiro para pernoitar. Na Barra, eu era bem conhecido e lá teria crédito. Eu andava o mais rápido possível, mas na pressa não prestei muita atenção no caminho, tanto que enveredei por um atalho que terminava na praia junto a vários rochedos. À direita havia mar e à esquerda mato rasteiro bem fechado e diante de mim rochedos sem vegetação. Não havia casa, nem gente ou canoa, apenas a praia sem fim atrás de mim. Bem, só restava voltar! Eu andava e andava, mas nada de encontrar um atalho para sair da praia. Então, surgiu ao longe uma pessoa, que vinha em minha direção. Exausto, sentei-me na areia para esperá-la. Um negro estava diante mim. Ele era sapateiro e queria ir até a Barra, pois, lá trabalhava junto a um mestre sapateiro alemão. Ele estava vindo de Tijucas onde tinha parentes. Quer dizer que estivera andando o tempo todo atrás de mim. Parecia ser uma figura estranha, pois para me encontrar havia deixado para trás o caminho certo. Chamava-se Antônio, infelizmente esqueci a outra dúzia de nomes que enumerou gesticulando e com sua voz cantada. Ele estendeu suas mãos, pedindo pelo amor de Deus por um pedaço de fumo. Felizmente eu ainda tinha um bom pedaço, que reparti com ele. Seu agradecimento por este presente parecia não acabar.

Evidente que me informei primeiro sobre o caminho, mas ele retrucou impaciente:

“Paciência, paciência! Meu querido filho, nós não alcançaremos a Barra antes da noite e eu não estou mais em condição de andar depressa. Mas isto não importa. Eu conheço bem o caminho e também conheço todos os moradores da costa. Não há perigo, mesmo caminhando à noite. Não tenhas medo, aqui, o velho Antônio está a par de tudo.”

Após esta afirmação ele se sentou confortavelmente e começou a cortar o fumo. Enquanto isso murmurava:

“Fumo bom, fumo superior, fumo forte, primeira qualidade, muito bom cheiro”, etc.

Enquanto isso o esfregava entre as mãos e de tempo em tempo enfiava o nariz no fumo. Então enrolou cuidadosamente vários cigarros, acendeu um, fumando com imenso prazer e o alcançou para mim. Eu dei algumas tragadas e o devolvi. Como parecia que queria terminar de fumar seu cigarro tranqüilamente, insisti para partir. Ele se levantou e, aborrecido, colocou o toco do cigarro atrás

bat er mich um Gottes willen um ein kleines Stückchen Rolltabak, dabei streckte er bittend seine beiden Hände nach mir aus. Glücklicherweise hatte ich noch ein ziemliches Stück davon bei mir und teilte es sogleich redlich mit ihm. Sein Dank für diese kleine Gabe wollte gar kein Ende nehmen.

Ich erkundigte mich zuerst natürlich nach dem Weg, aber er erwiderte ungehalten: "Geduld, Geduld! Mein lieber Sohn, vor der Nacht können wir die Barra nicht erreichen, ich bin nicht mehr im Stande, schnell zu gehen. Das schadet aber nichts. Ich bin hier des Weges kundig und kenne auch alle Bewohner an dieser Küste. Es hat keine Gefahr, wenn wir auch des Nachts gehen müssen. Hab nur keine Angst, der alte Antonio weiß hier gut Bescheid." Nach diesen Versicherungen setzt er sich erst einmal gemütlich hin und fing ganz bedächtig an, seinen Tabak zu schneiden. Dabei murmelte er fortwährend: "Fumo bom, fumo superior, fumo forte, primeira qualidade, muito bom cheiro: etc. Dabei rieb er ihn zwischen den Händen und steckte von Zeit zu Zeit seine Nase hinein. Dann drehte er sich mit Bedacht etliche Zigarren zurecht, steckte eine davon an, rauchte ein Weilchen mit sichtlichem Hochgenuß und reichte sie mir dann hin. Ich nahm schnell ein paar Züge und gabe sie ihm wieder zurück. Da es mir schien, als wollte er hien in aller Gemütlichkeit erst seine Zigarre zu Ende rauchen, drängte ich mit Gewalt zum Aufbruch. Er stand auf und steckte ärgerlich den Stummel hinter das Ohr.

Ich ließ den alten Antonio als Führer vorangehen. Bald erreichten wir einen hohen und sehr steilen Berg. Der Weg führte zu meinem Schrecken gerade über den höchsten Gipfel des Berges. Dazu lag der ganze Weg voll großer und kleiner Steine. Mein Führer stieß sich bei jedem Schritt die Füße wund. Er mußte wohl schon schlechte Augen haben; desto besser war es mit seinem Mundwerk bestellt. Er fluchte und betete in einem Atemzug. Bald verwünschte er den ganzen Berg in die tiefste Stelle des Ozeans, bald verfluchte er ihn direkt in die Hölle hinein, um gleich darauf dem heiligen Antonius, seinen Schutzpatron, seinen tiefst gefühlten Dank für dessen allergnädigsten Reiseschutz auszusprechen. - Ich war damals jung und unerfahren und bedachte meine Worte nicht, als ich zu dem Alten sagte: "Es wäre ganz schön gewesen, wenn der heilige Antonius vor unserer Ankunft die leidigen Steine aufgelesen und ins Meer geworfen hätte". Das war nur ein schlechter Witz und ich wollte dem Alten damit nicht wehe tun, aber er nahm meine Worte als Spott gegen seinen Schutzpatron auf, und ich bekam jetzt einen Text zu hören, der mich lebhaft an das Fronleichnamfest erinnerte. Ich beruhigte ihn aber doch wieder und hütete meine Zunge hinfort besser. Als der Weg wieder besser wurde, kehrte auch seine gute Laune wieder zurück und er fing an, ein langes und breites von seinen Verhältnissen zu erzählen.

Antonio hatte ein mühe- und dornenvolles Leben hinter sich, hatte weder Frau noch Kinder mehr, bloß noch eine verheiratete Schwester in Tijucas, von der

da orelha.

Eu deixei o velho Antônio ir à frente como guia. Logo alcançamos um morro alto e íngreme. Para susto meu, o caminho passava justamente sobre a parte mais alta do morro e, além disso, estava cheio de pedras, tanto grandes, quanto pequenas. Meu guia, a cada passo machucava seus pés. Certamente ele já tinha a vista fraca; mas sua boca funcionava, pois praguejava e rezava a um só tempo. Logo, amaldiçoava o morro para as profundezas do oceano, em seguida diretamente para o inferno, para então expressar seu profundo agradecimento a Santo Antônio, seu protetor, pela benevolente proteção concedida.

Naquela época eu era muito jovem e inexperiente e não refleti sobre o que disse, quando falei para o velho:

“Teria sido muito bom se Santo Antônio tivesse recolhido estas pedras incômodas e as jogado ao mar antes da nossa chegada.”

Isto só foi uma piada de mau gosto e eu não tive intenção de ofender o velho, mas ele interpretou como sendo um deboche contra seu protetor. Agora o que precisei ouvir, lembrou-me vivamente do acontecido durante a festa de Corpus Christi. Mas, o acalmei e mantive minha língua sob controle. Assim que o caminho melhorou, seu humor mudou para melhor e, então começou a falar detalhadamente sobre a situação de sua vida.

Antônio havia deixado para trás uma vida cheia de sacrifícios, não tinha mais mulher, nem filhos, apenas lhe restara uma irmã casada em Tijucas, de onde estava vindo. Todos os demais familiares haviam morrido. Agora, como ancião e no fim de sua jornada, não tinha nada mais do que usava sobre o corpo: uma camisa e uma calça, que juntos não valiam três mil-réis. Ele contou que havia dado à sua irmã, que era muito pobre, o pouco dinheiro que conseguira economizar junto ao mestre sapateiro, a fim de ajudá-la. Seu marido, que era marinheiro, havia se machucado durante uma tempestade e não mais conseguia trabalhar direito. Mas agora ganhou o suficiente de Antônio para confeccionar uma rede, e com a pesca, proteger sua família da miséria. Mas, Antônio sequer pensou em si, pois nem conseguiu comprar um pedaço de fumo durante a viagem; saciou sua fome com as frutas que encontrou pelo caminho. E mesmo assim ele era apenas um negro miserável. Negro! Ou deveria se tirar o chapéu para ele?

Anoiteceu, e caiu uma noite escura, mas ainda não havíamos chegado à Barra. Eu fiquei com pena do velho Antônio, com seus pés machucados e ensangüentados, e por isso lhe perguntei se ele não preferiria pernoitar em um barraco de pescadores ou em um abrigo de canoas, mas ele simplesmente continuou a

eben herkam. Alle seine übrigen Angehörigen waren gestorben. Jetzt stand er als Greis am Ende seiner Laufbahn und hatte nur das erübrigt, was er auf dem Leibe trug: ein Hemd und eine Hose, die beide zusammen keine drei Milreis mehr wert waren. Er erzählte, daß er seiner Schwester, die es sehr armselig hatte, sein zusammengespartes bißchen Geld, welches er sich mühselig genug bei seinem Meister zusammengeschnürt hatte, eben jetzt hingebracht hatte, um ihr zu helfen. Ihr Mann war als Matrose in einen Sturm zu Schaden gekommen und konnte nicht mehr recht arbeiten. Nun hatte er aber von Antonio so viel erhalten, daß er sich ein Netz machen konnte und durch Fischfang vor gänzlicher Armut geschützt war. An sich selbst hatte Antonio dabei so wenig gedacht, daß er sich unterwegs nicht einmal ein Stück Rolltabak kaufen konnte; seinen Hunger hatte er mit Früchten gestillt, die er unterwegs fand. Und doch war er nur ein armer verachteter Neger! Sollte man vor ihm nicht den Hut ziehen?

Es wurde Abend und die düstere Nacht brach herein, aber die Barra wollte noch immer nicht kommen. Der alte Antonio mit seinen wunden, blutenden Füßen dauerte mich, und ich frug ihn deshalb, ob wir nicht lieber in irgendeiner Fischerhütte oder in einen Bootsschuppen übernachten sollten, aber er tappte unverdrossen weiter. Noch zwei Stunden wohl marschierten wie in stockfinsterner Nacht, ehe wie die Lichter von Barra do Itajahy erblickten. Hier mußten wir uns trennen. - Ich bekam bereitwillig Quartier bei dem Wirt, der mich von meinen Postfahrten her schon kannte und der mir auch am anderen Morgen etwas Reisegeld borgte. - Obgleich mir die Füße wie Feuer brannten und stark angeschwollen waren, machte ich mich doch gleich wieder am anderen Morgen auf die Reise, kam aber nur langsam voran, so daß ich erst um Mitternacht an meiner Eltern Haus anlangte. Ich hatte immerhin an diesem Tage 52 Kilometer schlechten Weg mit wunden Füßen zurückgelegt und war todmüde. Meine Eltern lagen im tiefen Schlaf. Um sie nicht zu stören, schlich ich leise in die Wohnstube, wo ich mich in einen Lehnstuhl setzte und alsbald in tiefen Schlaf verfiel. So fand mich am Morgen meine Mutter und weckte mich auf. Meine Eltern waren erstaunt, mich vor der ausgemachten Zeit wiederzusehen, und machten mir Vorwürfe, weil ich nicht ausgehalten hatte. Als sie aber die Ursache erfuhren, gaben sie mir recht.

Meine Karriere als Kunstgärtner hatte ein klägliches Ende genommen und mit der Anstellung im Botanischen Garten in Rio war es auch nichts. Meine Herrschaft in Desterro bekümmerte sich übrigens so wenig über meine Flucht, daß sie nicht einmal bei Dr. Fritz Müller, der mich vermittelt hatte, anfragte, ob ich wieder in Blumenau sei. Na ja, mit Hemd und Hose war ich angelangt und mußte nun erst einmal wieder etwas verdienen. Die Postfahrerei war unterdessen einem anderen übergeben worden und ich meldete mich als Waldarbeiter und Vermessungsgehilfe bei den damaligen Feldmessern der Kolonie.

andar. Caminhamos pela noite escura, mais ou menos durante duas horas até vermos as luzes da Barra do Itajaí. Aqui precisávamos nos separar. Eu consegui me hospedar junto ao hospedeiro que já me conhecia de minhas viagens, que eu fazia a serviço do correio e, este, na manhã seguinte também me emprestou algum dinheiro.

Apesar de meus pés estarem inchados e arderem como fogo, continuei a viagem na manhã seguinte, mas só conseguia ir devagar, tanto que cheguei em casa de meus pais à meia-noite. Afinal, naquele dia havia andado 52 quilômetros por um caminho ruim e com os pés machucados. Eu estava morto de sono. Meus pais estavam dormindo. Entrei silenciosamente na sala para não os perturbar, sentei em uma cadeira e adormeci imediatamente. Assim, minha mãe me encontrou no dia seguinte e me acordou. Meus pais ficaram admirados de me verem antes do tempo determinado, admoestando-me por não ter agüentado. Mas me apoiaram quando souberam o motivo.

Minha carreira como paisagista teve um final melancólico, também não havia mais a perspectiva do emprego no Jardim Botânico do Rio. Meus patrões nem se incomodaram com a minha fuga, pois sequer se informaram junto ao Dr. Fritz Müller, o qual havia intermediado o emprego, se eu voltara a Blumenau. Bem, voltei apenas com a calça e a camisa e precisava, em primeiro lugar, ganhar algum dinheiro. O posto de emissário do correio havia passado para outra pessoa e eu me candidatei, junto ao então agrimensor da Colônia, para o trabalho na mata e como auxiliar na demarcação de terras.

Crônicas de Natal

- Papai Noel Existe?

- O Dia de Fazer Doces de Natal

TEXTO:
URDA ALICE
KLUEGER*



Dezembro é o mês do Natal. Para relembarmos as tradições natalinas, publicamos nesta edição de final de ano algumas crônicas relatando esta festa da cristandade.

São artigos que abordam a preparação dos dias que precedem a grande "Noite de Natal". Tem destaque o saudosismo de infância, sonhos, fantasias, o pinheiro, o Papai Noel, os presentes e as reuniões da família em torno da ceia, verdadeira ocasião para desfrutar os prazeres da boa mesa.

Papai Noel Existe?

Em 1960, eu havia entrado para a escola, a maravilhosa escola que me abriria as portas para o grande mundo que havia nos livros e, onde, coleguinhas mais sabidos do que eu, ensinaram-me que Papai Noel não existia. Eu encarei com força aquele desvendar de uma nova verdade e, conforme o Natal se aproximava, ficava em casa repetindo impertinentemente:

- Papai Noel não existe! Papai Noel não existe!

Minha irmã Margaret, então, tinha quatro anos, e é claro que minha mãe queria que ela continuasse a acreditar em Papai Noel. Quando eu começava com aquela cantilena boba, minha mãe pedia para que eu parasse, e depois implorava, e depois me ameaçava, mas eu não dava um passo atrás na reafirmação da nova verdade que descobrira: Papai Noel não existia, e eu queria que todos soubessem que eu sabia disso.

Meu pai e minha mãe, com certeza, estavam bem de saco cheio comigo e aprontaram a sua cena de Natal.

Na noite de Natal, noite em que nós costumávamos achar muitos chocolates e presentes sob a árvore, jantamos com toda aquela ansiedade que as crianças têm na Noite de Natal, ansiosas por chegar a hora das surpresas. Depois do jantar, minha mãe lavou

* Escritora e Membro da Academia Catarinense de Letras

a louça com toda a calma, como em qualquer dia comum. Depois, abriu as latas de doces-de-Natal e encheu alguns pratos com eles. Com mais calma ainda, levou os doces para baixo da árvore-de-Natal e os colocou lá, enquanto meu pai acendia as velas do pinheirinho. Ai sentaram-se a conversar, como em qualquer dia comum, e nesse ponto eu já estava explodindo. Minha ansiedade era tão grande que não resisti:

- E o Natal?

- Ora, nós estamos festejando o Natal! A árvore já está acesa, já temos os doces que fizemos...

- E os chocolates? E os presentes?

- Ah! Isto são coisa que o Papai Noel traz! Como Papai Noel não existe, como é que ele vai trazer tais coisas?

Se alguma vez senti frustração na vida, foi naquele momento. Onde estava o meu Natal? Onde estava o encanto dos pralinés recheados de rum, e as bonecas e os lápis-de-cor novos, e as garrafas de fricante que se tomava naquela noite? Onde estava a magia dos Natais anteriores? Onde estava aquela ânsia na alma, que nos outros anos havia me preenchido de alegria? Intensamente frustrada, eu creio que já estava a ponto de chorar, quando aconteceu o milagre: nossa casa passou a ressoar com grandes pancadas nas sua paredes de madeira, enquanto todos pulavam de susto e diziam:

- É o Papai Noel! É o Papai Noel!

Meu pai apressou-se a abrir a porta e, curvado sob um grande saco, Papai Noel de verdade entrou lá em casa. Naqueles idos, Papai Noel não se vestia de vermelho, como hoje; usava uma bizarra roupa feita de sacos de estopa e, à guisa de barba, tinha a pele de algum animal pequeno, com certeza caçado pela vizinhança, preso sob o queixo. Nenhuma criança de hoje levaria a sério aquele Papai Noel, mas eu levei, meu Deus, como levei! Voltara a acreditar nele imediatamente, nem me passava mais pela cabeça a outra certeza, e quando ele nos fez as tradicionais perguntas, tipo se obedecêramos à mãe durante o ano, fui eu quem respondeu com mais convicção. Ele era um Papai Noel exigente, mandou que nos ajoelhássemos e rezássemos uma Ave Maria e um Pai Nosso, e rezei com o maior fervor da minha vida até então. Foi embora, então, deixando-nos um saco pejado de guloseimas e presentes, e lá estavam os pralinés, as bonecas, os cadernos com cheiro de novo, as caixas de lápis-de-cor com 24 lápis, os joguinhos, as loucinhas para brincar de boneca. Tudo tinha ficado lindo, toda a magia voltara e, com certeza, eu era a criança mais feliz do mundo quando meu pai me deixou beber

um pouquinho de frisante. (Hoje, não existe mais frisante. Fico pensando o que era aquela bebida de gosto tão bom. Talvez, seja o que hoje chamamos de cidra.)

Até hoje eu não sei quem foi o vizinho que se vestiu de estopa naquele Natal de 1960, e trouxe para mim a alegria de volta. Só sei que, a partir daí, por muitos anos ainda eu acreditei em Papai Noel.

Blumenau, 01 de dezembro de 1996.

O dia de fazer doces-de-Natal

Hoje em dia, qualquer supermercado vende doces-de-Natal, em saquinhos de plástico ou bandejinhas, de modo que as donas-de-casa já não precisam mais gastar um precioso domingo de dezembro para fazê-los.

Na minha infância, porém, fazer doces-de-Natal era um dos rituais do Advento. Eles eram feitos num domingo, quando toda a família estava em casa e podia ajudar, e gastava-se um dia inteiro na sua confecção.

Eu nunca gostei de acordar cedo, e, assim, quando saía da cama, minha mãe já estava preparando a primeira massa do doce-de-Natal, misturando os ingredientes de uma receita que ainda possuo, antiga receita que, calculo, tenha séculos de existência. Era uma massa amarela, em que ia trigo, ovos, açúcar e outras coisas, e que levedava com sal amoníaco, estranha coisa que se comprava por grama, na venda mais próxima, à qual chamávamos “salamonico”.

A casa da gente virava de pernas para o ar, no dia de fazer doces-de-Natal, com a mãe da gente a fazer massas e mais massas, o pai da gente a esticar as massas com rolo de macarrão, e a gente a fazer confusão, cortando as massas esticadas com forminhas de ferro, transformando-as em pinheirinhos, papai-noéis, anjos e estrelas. Cada figura cortada era colocada em formas de fazer cuca, velhas formas enegrecidas pelo tempo e pelo forno, nas quais se passava gordura e se polvilhava com farinha-de-trigo, antes de deitar nela os docinhos.

Chegava, então, a vez do forno, grande forno de tijolos onde se fazia pão nos tempos normais, mas que naquele dia de confusão ficava lotado de formas e mais formas de doces-de-Natal. Era necessário vigiar-se o forno para que os docinhos não assassem demais, ao mesmo tempo que se continuava fazendo massa, esticando massa, cortando massa, a mãe da gente brigando porque se estava cortando errado a massa, todo o mundo ficando nervoso dentro de casa quando a coisa se acelerava com as primeiras formas saindo do forno.

De tarde, vinha a parte melhor: docinhos assados, era tempo de enfeitá-los. Havia uma receita de glacê própria para eles, e punha-se todo o mundo a bater glacê, e nós, crianças, lambíamos mais glacê do que batíamos, e de novo a mãe da gente ficava braba e a gente saía apanhando. Glacê pronto, gente grande, responsável, como minha mãe e meu pai, passavam o glacê cuidadosamente em cada docinho, enquanto que nós, crianças, ficávamos encarregadas de enfeitar os doces com açúcar colorido. Cada cor de açúcar era colocado numa tigelinha de pirex, e nós íamos escolhendo as cores e enfeitando os doces. E claro que botávamos tanto açúcar colorido na boca quanto no glacê fresco, ficando com a língua azul, roxa e verde, e antes de acabar a atividade, todos já tínhamos apanhado de novo.

Formas e mais formas de doces enfeitados voltavam ao forno, para secar o glacê, e lá pelo final da tarde estávamos com uma gloriosa coleção de doces-de-Natal prontos. Com um suspiro, minha mãe os guardava em grandes latas que existiam exclusivamente para isso, onde eles se manteriam como novos por muito tempo, e a cada dia comeríamos alguns, e eles durariam até lá por janeiro ou fevereiro.

Cansada de se incomodar conosco o dia inteiro, minha mãe nos mandava para o banho e ia fazer o jantar. Continuávamos com as línguas roxas, azuis e verdes, e tínhamos, cada um, apanhado diversas vezes naquele dia, mas que dia feliz que tinha sido! Aquele dia de fazer doces-de-Natal era a certeza de que o Natal estava chegando mesmo, de que Papai Noel logo viria, de que a magia chegara definitivamente e estava no ar, acima de nós, esperando pela noite de Natal.

Depois do banho, já com roupas limpas, bem passadas a ferro, dávamos um jeito de nos comunicarmos com os primos da vizinhança – doces-de-Natal era uma coisa que se fazia em quase todas as casas no mesmo dia – e todos eles estavam com as línguas coloridas, todos tinham apanhado, e todos estávamos felizes. Então ouvíamos as cigarras cantando nas árvores próximas, e sabíamos o quanto aquele dia fora bom!

Fico com muita pena quando vejo, hoje, os doces-de-Natal prontos, nos supermercados. Perdemos um dia lindo das nossas tradições – as novas gerações já não lambem mais tigelas de glacê, nem apanham mais das mães num dia de dezembro cheio de cigarras cantando!

Crônicas de Natal

- Crônica De Uma Menina Blumenauense

TEXTO:
EDITH SOPHIA
EIMER



Em meus ouvidos ainda ecoam as palavras Natal, Natal está próximo. Aos cinco anos de idade esta data tinha algo de mágico, a coroa de Advento já tinha sido armada e se encontrava numa mesinha da sala de visitas, onde no grande dia se reuniria toda a família. Duas velas já tinham sido acesas e eu aguardava ansiosa o acender das outras, principalmente a última.

Estes dias que precediam o dia 25 de dezembro me trazem ainda hoje gratas lembranças. Eu era uma menina feliz, cercada pelo carinho de todos, meus pais eram amáveis e carinhosos, meus avós paternos igualmente, irmãos nunca tivera, era filha única e de certo modo privilegiada.

Chegou finalmente o grande dia. Já de manhã cedo a expectativa me consumia, a noite demorava a chegar e a sala estava fechada, porque nela trabalhavam o Papai Noel e seus auxiliares.

Mas a noite veio silenciosa e às oito horas em ponto soou o badalo do sininho, era o sinal de que Papai Noel terminara seu trabalho e seguia para a próxima casa, onde outras crianças o aguardavam.

Aos sons da canção "Noite Feliz", cantada por todos, papai abriu a porta da sala, onde a árvore de Natal resplandecia em toda sua beleza, dezenas de velas a iluminavam e bolas reluzentas a enfeitavam. Todos se dirigiram à sua mesa onde estavam os presentes expostos, digo todos, pois além de meus pais e avós, também os serviçais participavam desta noite, desde a mais humilde faxineira ao peão, estavam presentes e recebiam suas prendas. Para alguns era o primeiro natal, nunca tinham visto um igual como este e não escondiam suas lágrimas de emoção. Passado o primeiro deslumbramento, passou-se a abrir os presentes e todos encontravam, realizando um pequeno desejo guardado bem lá no fundo do coração.

A minha mesa estava repleta de presentes, as minhas bonecas preferidas tinham um vestido novo e

num berço para bonecas dormia o bebê que encantava meus olhos. Também os parentes distantes na Alemanha não se tinham esquecido do Natal na distante Blumenau e enviado bonitos livros de estórias que posteriormente seriam lidos por minha mãe ou avó.

Porém, toda esta ansiedade pela tão esperada noite se fazia sentir agora e eu adormeci abraçada à minha boneca, entre todos os outros presentes. Amanhã seria outro dia.

Hoje já com mais de setenta anos, não esqueço desta data, esta noite vivida entre meus entes queridos, que há muito já se foram e me deixaram sozinha neste mundo, apenas com minhas recordações, que no entanto, ainda hoje me envolvem numa imensa gratidão e do fundo do coração digo: Muito obrigada por esta minha infância tão feliz!

Blumenau, 08 de fevereiro de 1996.



Crônicas de Natal

- Natal em Blumenau

TEXTO:
**GRETE B.
MEDEIROS***



Dezembro, Advento, Natal são palavras inseparáveis. Tempo que nos aproxima de DEUS, que nos estimula a nos darmos bem com o próximo. Cresce a vontade de presentear e causar alegria. Neste mês paira no ar o espírito natalino que nossos antepassados emigrantes trouxeram em sua bagagem.

Não deve ter sido fácil despertar neles este sentimento, pois chegaram de um país onde o Natal está ligado a forte frio e neve. Aqui encontraram um país tropical com um sol radiante, um calor que nem no verão sentiam na velha pátria. Mesmo assim o espírito natalino tomou conta deles, forte, quase palpável. Aos poucos foram se adaptando à nova situação. Surgiu então um problema, onde encontrar uma árvore parecida com a Tanne européia para substituí-la. Encontraram o pinheiro, araucária que veio do alto da serra. A criatividade tomou conta. Papéis coloridos, flores exóticas com as bolas prateadas trazidas de além mar serviam para o enfeite. O algodão substituiu a neve. Para as crianças já nascidas neste clima foi bem mais fácil. Conheciam a neve só pelas histórias das vovós.

O Advento são as quatro semanas que antecedem a grande festa que é o Natal. Era confeccionada uma coroa de galhos de cipreste com quatro velas. Cada domingo era acesa uma ao som de cantos natalinos. Esta coroa era pendurada no teto da sala, costume ainda hoje usado.

Na véspera do dia 6 de dezembro, dia dedicado a São Nicolau, a criança colocava um sapatinho na janela, cheio de milho e capim fresco.

Conta a lenda que um bispo chamado Nicolau passava de casa em casa à procura de comida para seu burrinho, em troca deixava balas e chocolate. Este costume aqui em Blumenau foi conservado.

Estas quatro semanas antes de Natal também eram aproveitadas para dar uma geral nas moradias. As casas recebiam um ar de novas. Janelas lavadas, as cortinas também ou então substituídas, tapetes escovados, pintura retocada ou renovada totalmente. Tudo tinha de ficar impecavelmente limpo. Era o orgulho da nossa casa.

* Colaboradora da Revista Blumenau em Cadernos

Começava então a parte culinária. Tiravam-se dos baús as receitas dos doces de Natal, muitas vezes

centenárias, vieram dos antepassados, passando de geração em geração, de mão em mão. Pequenos docinhos eram cortados com forminhas e depois de assados cobertos com uma glacê branca e açúcar colorido. Docinhos de mel, pães de mel recheados com frutas cristalizadas, nozes e passas, e a tradicional “Weihnachtstollé” não podia faltar. Dos doces desprendia-se um odor típico, aliás a cidade toda respirava Natal. Havia mais alegria e esperança...

Nesta época Blumenau recebia muitos visitantes das cidades vizinhas. Era considerado o maior centro comercial do Vale. Muitos se serviam do trem para suas idas e vindas. Realmente fazia gosto andar pelo comércio. A Livraria Wahle, Casa Fleisch, Casa Willi Sievert e mais algumas, faziam os olhinhos brilharem e os corações baterem mais forte. Quase tudo era importado, pois a nossa indústria ainda engatinhava.

Finalmente era chegado o dia tão esperado, e não só pelos pequeninos ... Muitos casais de namorados escolhiam este dia para festejarem o noivado. Os jornais da época confirmam. Era costume participarem a parentes, amigos e conhecidos.

Bem, o dia começava trazendo-se para dentro de casa a árvore, ou melhor o pinheirinho como até hoje é chamado, de qualquer material.

As crianças só podiam vê-lo à noite, todo iluminado por inúmeras velinhas. A fábrica “Wetzel” de Joinville se encarregava de produzir a quantidade precisa. Cada caixinha trazia um folheto com canções natalinas, em alemão e em português.

Ao anoitecer, as crianças ficavam cada vez mais ansiosas, com os olhinhos pregados na porta... finalmente esta se abria e lá estava o pinheiro com belos enfeites e as velas cintilantes... não sei por que as velinhas nesta noite emitem uma luz diferente, quase mágica...

Ao lado o presépio, uma homenagem ao aniversariante do dia: o MENINO JESUS e seus pais: MARIA e JOSÉ, a sagrada Família.

Lá também estavam os presentes. Para os meninos soldadinhos de chumbo, espingardinha com rolha, bolas, pião musical “Brummkreisel”, carrinho de tamborzinho etc. Para as meninas lindas bonecas, bercinho, loucinha, fogãozinho etc. Antes de tocar nos brinquedos uma oração, e a canção natalina mundialmente conhecida: Noite Feliz. Podia então começar a festa. Muita algazarra, muita alegria e muito riso. As mesas ofereciam nozes, amêndoas, avelãs, tâmaras e outras guloseimas.

A noite terminava com uma longa e bem preparada ceia de Natal. A bebida tradicional era a Bowle, uma espécie de ponche.

Estamos mais uma vez nos aproximando da maior festa da família.

Vamos ao encontro dela com o coração aberto, com alegria e muita esperança no coração.

Que DEUS nos abençoe a todos.

FELIZ NATAL!

Receitas

- Weinachtstolle (Pão de Natal)

- Receita da Oma (vovó) Pão de Mel*

Weinachtstolle (Pão de Natal)

Ingredientes:

- 1 k de trigo
- 160 g de açúcar
- 1 copo de leite
- 400 g de manteiga ou margarina
- 80 g de fermento para pão
- 2 gemas
- Passas, frutas cristalizadas, nozes picadas etc

Modo de Preparo:

Dissolver o fermento em um pouco de água morna e uma pitada de trigo, açúcar. Deixar crescer; misturar o trigo com o açúcar, manteiga e leite. Amassar bem até formar uma massa lisa; juntar o fermento já crescido. Deixar crescer durante uma hora. Estender na mesa e abrir com o rolo até a espessura de um centímetro, espalhar em cima as frutas etc, bem divididas. Enrolar como um rocambole. Deixar crescer umas duas horas. Forno regular.

Bom Appetite!

Receita da Oma (vovó)

PÃO DE MEL

Ingredientes:

- 1 k de mel
- 1 k de trigo
- 4 colheres de açúcar
- 2 colheres de manteiga
- 2 colheres de margarina



* Receita que a família Baumgarten recebeu da senhora Thea Deeke

- 4 ovos inteiros, bem batidos
- 2 colheres de carbonato de potássio (potasche)
- Condimentos à vontade, canela etc.
- Frutas cristalizadas, passas, nozes e castanhas picadas à vontade.

Modo de Preparo:

Aferventar o mel e deixar esfriar. Colocar os ovos, juntar a metade do trigo e os demais ingredientes. Bater bem. Juntar o restante do trigo. Dissolver o carbonato em um pouco de água e juntar à massa.

Misturar tudo muito bem.

Assar em forma de pão pequena.



Crônicas de Natal

Natal Alemão em Florianópolis - Um Depoimento

AUTORA:
LEATRICE
MOELLMAN*



Às vésperas de empreender uma longa e instigante viagem ao Extremo Oriente, em março, recebi correspondência da FECAB, em que me convidava a participar do seu X Congresso, em Blumenau. Respondi imediatamente: o assunto da minha contribuição seria sobre o Natal.

Em junho, recebi o convite oficial do evento, inscrito o meu nome com o tema “Lembranças”. São lembranças de Natal. Eu ainda não havia preparado nada, andava às voltas com meu poema épico sobre Anita Garibaldi.

Apressei-me a consultar livros e pessoas versadas no assunto, e deliberei dar um testemunho do Natal em Florianópolis. São lembranças de uma ilha descendente de alemães e açorianos. Digo em primeiro lugar “alemães”, porque só ¼ do meu sangue é de origem açoriana por parte da minha avó paterna Arícia da Costa, de tradicional família desterrense.

Às vezes penso como deve ser triste ser apátrida. Meu coração abriga três pátrias: a alemã, a portuguesa e, sobretudo, a brasileira. Sou miscigenada, sou híbrida. Não tenho sangue indígena nem negro, mas meus netos todos têm ou um ou outro.

Ano passado o Caetano Veloso esteve em Florianópolis. Assisti ao seu show (maravilhoso) e fui abraçá-lo no camarim. Entreguei-lhe meu livro de poesia Amor nos anos 90, onde ele leu em voz alta o meu nome. Eu disse: “Descendente de alemães...” e ele, como se estivesse assimilando, repetiu pausadamente as minhas palavras. Então acrescentei: “Sou alemã de 5ª geração, somos quase baianos”. Ele riu e eu ri junto. O nosso abraço carinhoso foi registrado numa foto.

Famílias teutas e açorianas me instilaram culturas diferentes, que se imbricaram e produziram uma

* Comunicação apresentada no Xº Encontro da FECAB - 2000 realizado em Blumenau
A autora é membro do Instituto Histórico Geográfico de Santa Catarina.

mulher catarinense do século XX. É do Natal dessa mulher que vou falar.

Meu avô Eduardo Moellmann era neto de Carl Moellmann, originário de Bonn, na Alemanha. Dedicou toda a existência à Casa Moellmann, firma da família, fundada no Desterro em 1869 e encerrada em Blumenau em 1999. Era luterano. Casou com Arícia da Costa, católica, descendente de açorianos. Seu terceiro filho, meu pai, Egberto da Costa Moellmann, batizado na Igreja luterana, estudou com os jesuítas alemães no Ginásio Catarinense, de onde foi expulso por rebeldia. Era agnóstico. Minha mãe, Rodolfina, era católica, filha de pai austríaco e mãe de origem alemã, com avó de Rachadel - Antônio Carlos, SC. Casaram-se no civil. Fruto dessa barafunda religiosa, me levaram a batizar na Catedral Metropolitana. Foi-lhes exigido o casamento católico para que pudessem batizar os filhos na Santa Madre Igreja. Persistindo na recusa, meu pai ameaçou: “Então vou batizar na Igreja Luterana”. Imediatamente cessou a intransigência e recebi o batismo, na Catedral.

A árvore como símbolo natalino remonta ao século XVI, na Alemanha. (Época do descobrimento do Brasil). A princípio era adornada somente com biscoitos de mel confeitados. No século seguinte, passou a ser iluminada com velinhas e decorada com enfeites cheios de brilho. Os imigrantes alemães usavam os pinheiros, a araucária brasiliensis, tão abundante na serra catarinense.

Verifiquei, nesta perfunctória pesquisa natalina, que os festejos germânicos variam conforme as religiões e as origens geográficas e culturais dos imigrantes, conforme sejam católicos, luteranos, urbanos ou camponeses, do Norte ou do Sul da Alemanha.

Encontrei fatos curiosos: denominações diferentes para os mesmos objetos e fenômenos, bem como variações nas receitas culinárias, etc. Enfim, dentro de uma cultura geral - a alemã - há uma gama de modelos a que ela serve de substrato.

Na região da Grande Florianópolis, irradiados sobretudo da Colônia São Pedro de Alcântara, temos grandes contingentes de agricultores originários de Hunsrück, na grande maioria católicos, falando um dialeto tão diferente do idioma culto, que uma amiga e colega de ginásio de Florianópolis, me afirmou não conseguir entendê-lo. E minha mãe, quando cavalgava nas “linhas” de Rancho Queimado para comprar os gêneros alimentícios necessários na casa de veraneio que até hoje lá possuímos, estranhava o referido dialeto. Eu, criança ingênua, imaginava que se tratava da mesma linguagem clássica, deturpada pela falta de escolas e influência do idioma português.

Segundo Toni Vidal Jochem, citando João Klug: “Os imigrantes que se

fixaram em São Pedro de Alcântara eram originários da região denominada 'Hunsrück', produtora de uvas e cereais, situada no triângulo montanhoso formado pelos rios Reno e Mosela. Na época, a região do Hunsrück estava subordinada politicamente ao Reino da Prússia".¹

Em Antônio Carlos, região originária da minha bisavó Müller, Celso Martins fez recente entrevista sobre culinária. Entre os testemunhos registrados, publicados no jornal "A Notícia", do dia 24-07-00, consta o seguinte: "Aprendi a fazer o recheio de galinha com a minha avó. Era uma coisa que todas as famílias conheciam, em Antônio Carlos. Para fazer o recheio - ou füllung - de galinha, ela separa seis ovos, tempero verde, uma xícara de farinha de rosca, pica os miúdos (moela, coração) e um pedaço da gordura da ave. O resto é tempo e paciência".

"O alemão usa muito o vinho como tempero, proporcionando um paladar diferente. O pão também é peculiar, alguns reforçados com torresmo, batata e aipim. O que nós chamamos de massa é um pão mais elaborado, mais sovado. São três tiras trançadas, com uma camada de gema de ovo por cima para dar a cor escura. Também existe a conhecida cuca - kuki ou kuker."

No Natal açoriano, usa-se a "rabanada", fatias de pão dormido embebidas em leite e fritas.

Tenho uma amiga de Angelina, católica, descendente dos imigrantes de Hunsrück, que se casou com um luterano de outra origem. Enquanto sua mãe preparava a galinha recheada para o Natal, a sogra aprontava o pato, com receita bem diferente.

Essa diversidade cultural imbricada é explicável, tendo em vista as migrações dos alemães e descendentes em território catarinense, na busca de locais para se estabelecerem definitivamente. Interessante a observação que a esse respeito faz o escritor alemão Frederico Gestäcker, em 1863: "por aqui, em toda parte se encontram espalhados moradores alemães; em grande parte gente que para aqui veio às custas do governo e que depois abandonou as colônias para se estabelecer a seu belo prazer, onde melhor lhe parecesse."²

E isto também é indício da má qualidade das terras às vezes destinadas pelo governo brasileiro aos imigrantes alemães.

Em Florianópolis os descendentes de alemães, católicos ou protestantes, aderiram ao peru da tradição açoriana. Usavam o sarabulho, à base de sangue cozido e miúdos, com que recheavam a parte traseira da ave, ao passo que o peito era cheio com farofa de farinha de mandioca na manteiga, contendo azeitonas, passas e ameixas pretas.

No leque das etnias, as tão festejadas etnias dos 500 anos do Brasil, so-

bressaem na Ilha de Santa Catarina a açoriana e a alemã. (Há muitas outras).

Nascida e criada na Capital catarinense, meu Natal se enriqueceu com as manifestações dessas culturas. No que tange à açoriana, lembro que em princípios de novembro já começavam a distribuir os “pão-por-Deus”. Eis um desses versinhos, geralmente escritos num papel rendilhado ou em forma de coração:

“Lá vai meu coração
nas asas de uma andorinha
para receber no Natal
por presente uma sombrinha”

O “pagamento” do pedido era feito por ocasião da distribuição dos presentes, a 24 ou 25 de dezembro, conforme a tradição reinante no lar.

Outro aspecto do Natal açoriano era a armação do presépio. Em casa, não tínhamos esse hábito e nos restringíamos à visitação nas igrejas católicas ou em praças públicas.

A missa do galo, à meia-noite do dia 24, era freqüentada tanto no templo luterano quanto na igreja católica.

A cantoria ou Folia de Reis, outro costume açoriano, principiava já 4 ou 5 dias antes do Natal e prosseguia pelo Ano Novo até 6 de janeiro, Dia dos Reis Magos. Cantavam de casa em casa quadrinhas como esta:

“Porta aberta, luz acesa,
é sinal de alegria.

Aqui estamos em vossa porta
com José, Jesus, Maria”.

As lembranças da noite de Natal na minha infância são lindas. A nós, pequenos, não nos era permitido participar da preparação da festa. A sala era trancada enquanto o pinheiro era enfeitado, e os presentes dispostos a seu redor. Mamãe se sentava ao piano e cantava as comoventes canções de Natal: “Stille nacht”, “heilige nacht” “O Tannenbaum, Wie green sind deine Blaetter”... Fazíamos o possível para acompanhá-la (Eu andava no Kindergarten da Escola Alemã). Terminados os hinos, descerrada a porta da sala, os nossos olhos deslumbrados se encantavam com a linda árvore, iluminada a velinhas, cheia de bolas e outros enfeites, onde a neve européia era representada por algodão.

Sob seus ramos estavam os presentes deixados pelo Weinachtsmann (Papai Noel), que já se afastara com um saco cheio de presentes para as crianças das casas vizinhas. Alguns diziam que ele entrava pela chaminé. Jamais o víamos.

Depois vinha a ceia. Na casa de meus pais o peru era comprado com bastante antecedência para engordar no quintal (morávamos na chácara de meu

avô, ao lado de seu casarão português, na rua Esteves Júnior, defronte ao Ginásio Catarinense).

A ave era embebedada com cachaça para amaciar a carne. E o sarabulho... que delícia! Castanhas portuguesas, nozes, amêndoas, avelãs, passas, figos, tâmaras. Sobremesas deliciosas. E a torta Marselha, uma especialidade da inesquecível tia Lala, minha tia-avó Clara Carolina Moellmann, professora de piano. Ela era uma grande disseminadora das tradições germânicas e uma espécie de catalisador das relações familiares. Teria dado uma excelente “relações públicas”. Com sua ternura incomensurável, deseducou várias gerações. Que Deus a tenha!

O resumo perfeito do que eu gostaria de dizer ainda, encontro na palavra abalizada da ilustre historiadora Maria Luíza Renaux:

“O Natal como nós festejamos, na intimidade do lar, com a árvore de Natal e os presentes, o Papai Noel e a ceia, é o rearranjo dessas velhas tradições pelo espírito burguês do início do século XIX. A partir dos lares burgueses, essa influência foi propagada com as guerras. A guerra franco-prussiana (1870/71) fez a Alemanha surgir como centro de divulgação do Natal. A I Guerra Mundial espalhou mais ainda essa tradição, absorvida pelos Estados Unidos. Lá, sob os auspícios de uma senhora filantropa a primeira árvore de Natal pública foi erguida na ‘Madison Square’, em Nova York, iluminada com luzes elétricas, que a partir daí passaram a ser consideradas mais ‘práticas’ que as místicas velas”.³

Voltando à atualidade, na Ilha de Santa Catarina, eu poderia dizer que o Natal alemão arrebentou a boca do balão.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a colaboração de Ernestina Faizer Kurtz, Marianne Flos e Nereu do Vale Pereira.

1 Klug, João. In São Pedro de Alcântara 1829-1999 Aspectos de sua História. Toni Vidal Jochem (organizador). São Pedro de Alcântara, 1999, p. 30.

2 SILVA, J. Ferreira (tradução). Um escritor alemão em SC. In: Blumenau em Cadernos. Tomo XII, Março, 1971, nº 3, p.44.

3 RENAUX, Maria Luíza. O Papel da Mulher no Vale do Itajaí 1850-1950. Blumenau, 1995, p. 107.

Artigos

- Torres e Sinos em Blumenau

TEXTO:

Pe. ANTÔNIO
FRANCISCO
BOHN*



Os Sinos

(de autor desconhecido)

Gosto de ouvir, à tarde florescente,
Entre a bruma dos longes vespertinos
No silêncio vibrado suavemente,
A sinfonia mágica dos sinos.

Sob os roxos sudários do poente,
Na comunhão de todos os destinos,
Soluça a voz do bronze, confidente,
Em pastorais, em cânticos e em hinos.

E quando a noite nasce e a tarde morre,
Os carrilhões no vértice da torre,
Têm infinitas lágrimas de luz.
E, às suas ressonâncias harmoniosas,
Caem-nos dentro d'alma como rosas,
As parábolas santas de Jesus!...

1. Introdução

Sino é um instrumento de percussão, geralmente metálico e seu formato mais comum assemelha-se a uma taça invertida. O som é gerado pelo impacto de um badalo, no interior do instrumento, ou de um martelo, em seu exterior, que devem incidir perto da boca do sino.

Sabemos que os sinos tocam, dobram, badalam ou repicam não só pelos mortos. Através deles são transmitidos avisos convencionais dos fiéis para suas reuniões religiosas. Tocam também noticiando o nascimento de um herdeiro do trono ou anunciando o término de guerras. Ancestrais dos instrumentos musicais, os sinos são também símbolo de reunião e assembléia, tanto na esfera religiosa quanto no mundo profano. Do alto de torres e sentinelas, anunciam as

* Reitor do Santuário Nossa Senhora Aparecida e chanceler do Bispado

horas, tocam em alarme e convocam para festas e ofícios religiosos. Cercados de lendas, a eles foram atribuídos poderes especiais, como o de invocar a chuva, afastar perigos, proteger lugares e exorcizar demônios. Foram também símbolos patrióticos e troféus de guerra.

Repicam diariamente, em todos os quadrantes do mundo, por diversos motivos. Não há quem não os ouçam com curiosidade, simpatia, apreensão ou alegria, principalmente quando, em conjunto, emitem acordes harmoniosos, agradáveis ao ouvido. Trata-se de um dos instrumentos mais antigos que se conhecem, de origem pré-histórica. Foram encontrados sinais do uso de sinos em cerimônias fúnebres na Mesopotâmia. Os antigos chineses foram os primeiros a empregar musicalmente seqüências de sinos.

Portanto, é antigo o costume de convocar, com algum sinal ou som, para uma reunião litúrgica, todo o povo e de avisá-lo sobre os principais acontecimentos. A voz dos sinos exprime, de certo modo, os sentimentos do povo, quando este se alegra ou chora, dá graças ou faz súplicas.

Em razão da íntima relação dos sinos com a vida do povo, firmou-se na Itália, a partir do século V, o costume de benzê-los antes de serem colocados nas torres das igrejas, marcando as atividades da oração e do trabalho.

No Ocidente, a partir do século IX, tornaram-se comuns pequenos conjuntos de sinos suspensos, afinados segundo a escala diatônica de sete notas. Conjuntos maiores, de no mínimo 23 sinos afinados começaram a serem chamados de carrilhões, colocados nas torres das imponentes catedrais que foram edificadas na Europa.

A Igreja Católica, que costuma separar das coisas profanas, os objetos que servem ao culto divino e santificá-los pela oração, instituiu para a consagração dos sinos, cerimônias especiais, oriundas do século X e, eram chamadas, popularmente, “batismo dos sinos”, devido a certas analogias que ofereciam com as cerimônias do sacramento do batismo. Ainda é costume dar ao sino o nome de um santo ou santa e ficar este nome gravado no metal, assim como os nomes do padrinho e da madrinha. Estes, são geralmente seus doadores ou benfeitores do templo. Só o bispo tinha o poder ordinário de consagrar os sinos.

Cada sino produz sempre uma única e mesma nota. O som, desencadeado pela percussão é composto de uma nota fundamental à qual somam-se os harmônicos (reverberações secundárias). A altura da nota fundamental (sua posição na escala), sua intensidade e seu timbre característico dependem do formato do instrumento (contorno externo e interno), de seu tamanho e do material com que é feito.

Os mosteiros cristãos deram ao sino um papel cotidiano de regulador

de horários, para orientar a rotina do trabalho e das orações diárias. Nas instituições eclesíásticas, os acontecimentos mais importantes são tradicionalmente anunciados com badaladas. Assim, os sinos das paróquias e das igrejas comunicam a morte ou o nascimento de um membro, os casamentos, os incêndios e catástrofes ou, em caso de guerra, a proximidade do inimigo.

No passado, as cidades rivalizavam entre si e cada qual empenhava-se em colocar em suas torres sinos cada vez mais possantes e de maior alcance sonoro e o ato de sua colocação era muito solene. Até hoje, em Cracóvia (Polônia) badala um sino do século XV. Justamente nesta cidade encontra-se o maior número de sinos antigos. O mais famoso deles está pendente desde 1520 na torre da Catedral do Castelo Real de Wawel, conhecido como o sino de “Zygmund”. Durante as duas últimas guerras, os alemães não tentaram descer o famoso sino, pois seu peso é superior a 18 toneladas e para embalar são necessários, no mínimo, 8 pessoas. Hoje, admiram-se milhares de visitantes e várias vezes ao ano ouve-se a sua imutável voz de 450 anos.

2. Passado e presente

No passado, o bispo abençoava a água com sal, enquanto se cantavam salmos alusivos à solenidade, lavava os sinos com aquela água como sinal de purificação. Depois, por fora de cada sino, fazia sete unções com o óleo santo dos enfermos e no interior quatro unções com o óleo do crisma. Significavam os dons e graças do Espírito Santo, que os fiéis, convocados pelos sinos, buscavam na igreja.

Em seguida, o bispo colocava o turíbulo com brasas debaixo de cada um dos sinos e colocava incenso para que, pela fumaça odorífica, o metal abençoado ficasse, por assim dizer, impregnado do perfume da santidade. Em seguida, eram tocados por três vezes.

Atualmente, no Código de Direito Canônico, sobre os sinos, diz o cânon 1.169:

“É conveniente que todas as igrejas tenham seus sinos, com que se convidem os fiéis para os divinos ofícios e demais atos religiosos. Também devem ser consagrados ou benzidos os sinos das igrejas, conforme os ritos contidos nos livros litúrgicos aprovados”.

Dizem as normas litúrgicas do Ritual das Bênçãos, que os sinos podem ser abençoados e não mais consagrados, pelo bispo ou por um padre. É preciso suspender ou colocar no local designado o sino a ser abençoado, de tal modo que, se for o caso, possa ser comodamente contornado e percutido. Conforme as circunstâncias e o lugar, deve-se benzer o sino num dia festivo, fora ou dentro da igreja. Ainda hoje, os sinos estão ligados à vida do povo e o seu som marca os tempos da oração, reúne o povo para realizar ações litúrgicas, avisa os fiéis sobre

acontecimentos mais sérios, que podem significar aflição ou alegria.

As leituras bíblicas, a recitação de salmos, as preces, a oração e a bênção solene caracterizam a nova forma ritual. A bênção ressalta: “Recebei, Senhor, este sino novo, dedicado por esta bênção ao vosso serviço e fazei que todos os fiéis, ao ouvirem a voz do sino, elevem para o alto os seus corações, participem da alegria e da tristeza dos irmãos, apressem-se até a casa de Deus, onde sintam a presença de Cristo, ouçam a vossa palavra e vos dirijam as suas súplicas”.

Depois da oração da bênção, o celebrante asperge água benta no sino e, preparando o turíbulo, o incensa, enquanto se canta o salmo 149. Se for oportuno, o celebrante e os fiéis devem tocar o sino bento, em sinal de alegria e encerra-se a cerimônia com um canto apropriado (1).

3. Notas musicais, diâmetro e peso dos sinos:

| Notas Musicais | Diâmetro em m. | Peso em Kg |
|----------------|----------------|------------|
| LÁ bemol | 1,810 | 3300 |
| LÁ | 1,710 | 2800 |
| SI bemol | 1,605 | 2360 |
| SI | 1,515 | 1950 |
| DÓ | 1,430 | 1650 |
| RÉ bemol | 1,342 | 1370 |
| RÉ | 1,265 | 1140 |
| MI bemol | 1,200 | 970 |
| MI | 1,132 | 800 |
| FÁ | 1,070 | 680 |
| SOL bemol | 1,010 | 575 |
| SOL | 0,953 | 485 |
| LÁ bemol | 0,905 | 410 |
| LÁ | 0,850 | 340 |
| SI bemol | 0,800 | 295 |
| SI | 0,755 | 240 |
| DÓ | 0,715 | 205 |
| RÉ bemol | 0,670 | 170 |
| RÉ | 0,632 | 140 |
| MI bemol | 0,600 | 120 |
| MI | 0,566 | 100 |
| FÁ | 0,535 | 85 |
| SOL bemol | 0,505 | 72 |
| SOL | 0,476 | 60 |

| | | |
|----------|-------|----|
| LÁ bemol | 0,452 | 50 |
| LÁ | 0,425 | 43 |
| SI bemol | 0,400 | 37 |
| SI | 0,377 | 31 |
| DÓ | 0,357 | 27 |
| RÉ bemol | 0,335 | 22 |

4. As Igrejas Católica e Luterana na Colônia:

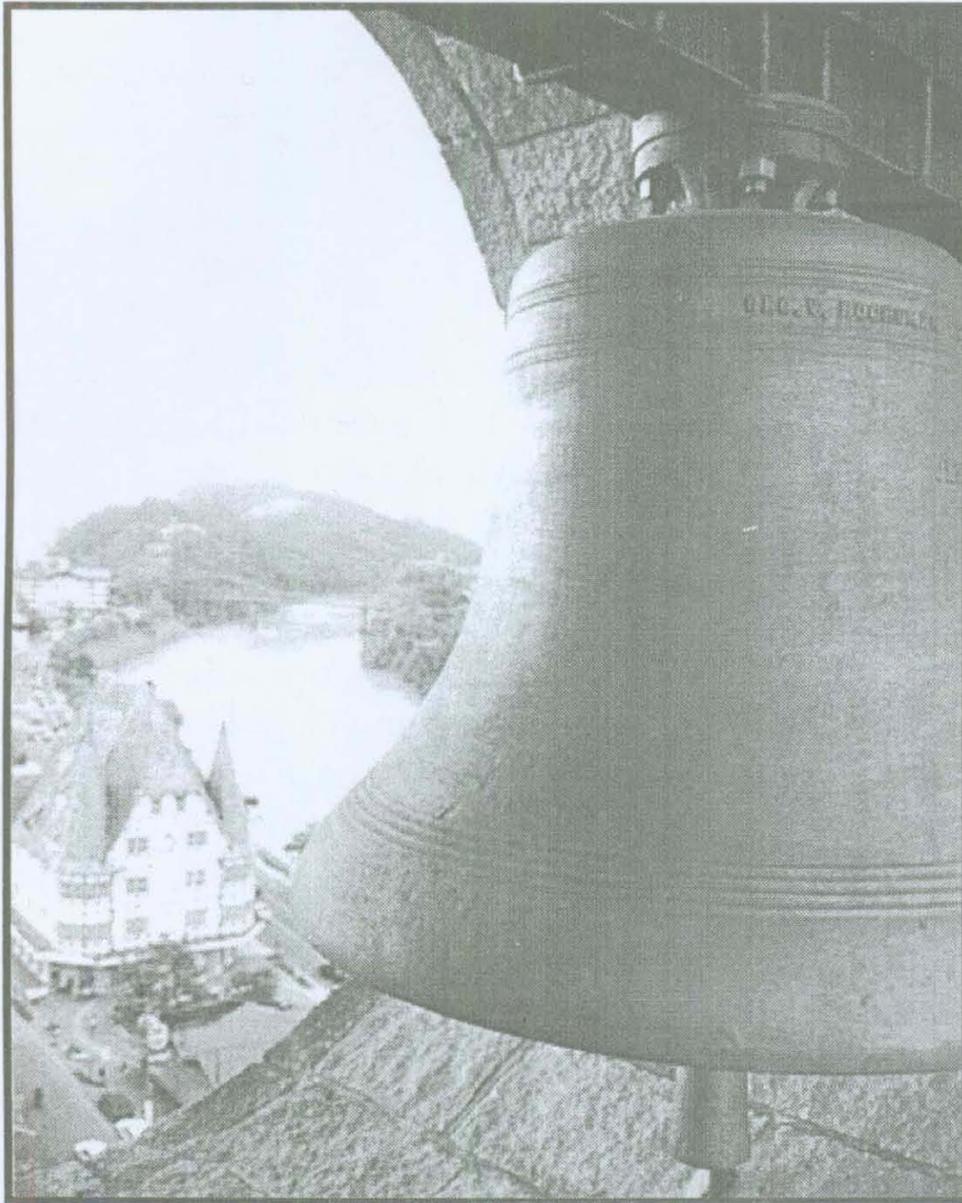
A história da Comunidade Evangélica de Blumenau iniciou no dia da fundação da Colônia, dia 2 de setembro de 1850, quando aportaram em companhia do Dr. Blumenau os primeiros 17 imigrantes. Inicialmente o próprio diretor reunia os colonos para os cultos, nos domingos e nos dias de festa e depois contou com o auxílio de Ferdinand Ostermann, o primeiro professor, que também realizava cultos e dirigia ofícios no galpão dos imigrantes.

Os primeiros católicos começaram a chegar em Blumenau de 1854 em diante, passando a residir no Garcia Alto. Uma pequena capela foi construída, mas logo desapareceu. Desconhece-se também como foi dotada a primeira capela católica erguida na zona urbana de Blumenau, que era de pau-a-pique e, deve ter possuído, no máximo, uma sineta.

O governo imperial não havia apenas prometido pagar o ordenado de Pe. Gattone e do P. Hesse, mas também construir igrejas. O Dr. Blumenau em seus relatórios que enviava ao governo imperial enfatizava a necessidade de construir a igreja evangélica e, finalmente, em decreto de 10 de novembro de 1865, o Imperador D. Pedro II ordenou a construção. Neste ano, a Colônia contava com 2.784 pessoas evangélicas. Tendo o número de pessoas católicas aumentado nesta época, alcançando quase 600 pessoas, o mesmo decreto imperial mandava construir também uma igreja católica.

No dia 20 de setembro de 1868 foi colocada a pedra fundamental da primeira igreja católica, de alvenaria, projetada por Heinrich Krohberger (2). No dia 23 de setembro foi lançada a pedra fundamental da igreja evangélica, obra do mesmo arquiteto.

No ano de 1875, são tomadas algumas providências com relação às construções das igrejas católica e luterana. Em 30 de julho, Dr. Blumenau pede a Hermann Wendeburg, informar pelo telégrafo, se na torre da Matriz poderá ser colocado um único sino ou dois e qual aproximadamente sua altura, o diâmetro e peso (3).



Maior sino da torre da catedral São Paulo Apóstolo de nome “Jesus”

No dia 6 de outubro, novamente Dr. Blumenau escreve ao diretor interino da Colônia:

“Achando-se adiantadas as construções da Matriz e da Casa de Oração evangélica na povoação da Colônia a meu cargo, venho respeitosamente, representar a V. Excia. a urgente conveniência de se encomendarem, ou mandarem vir da Europa, os relógios...”

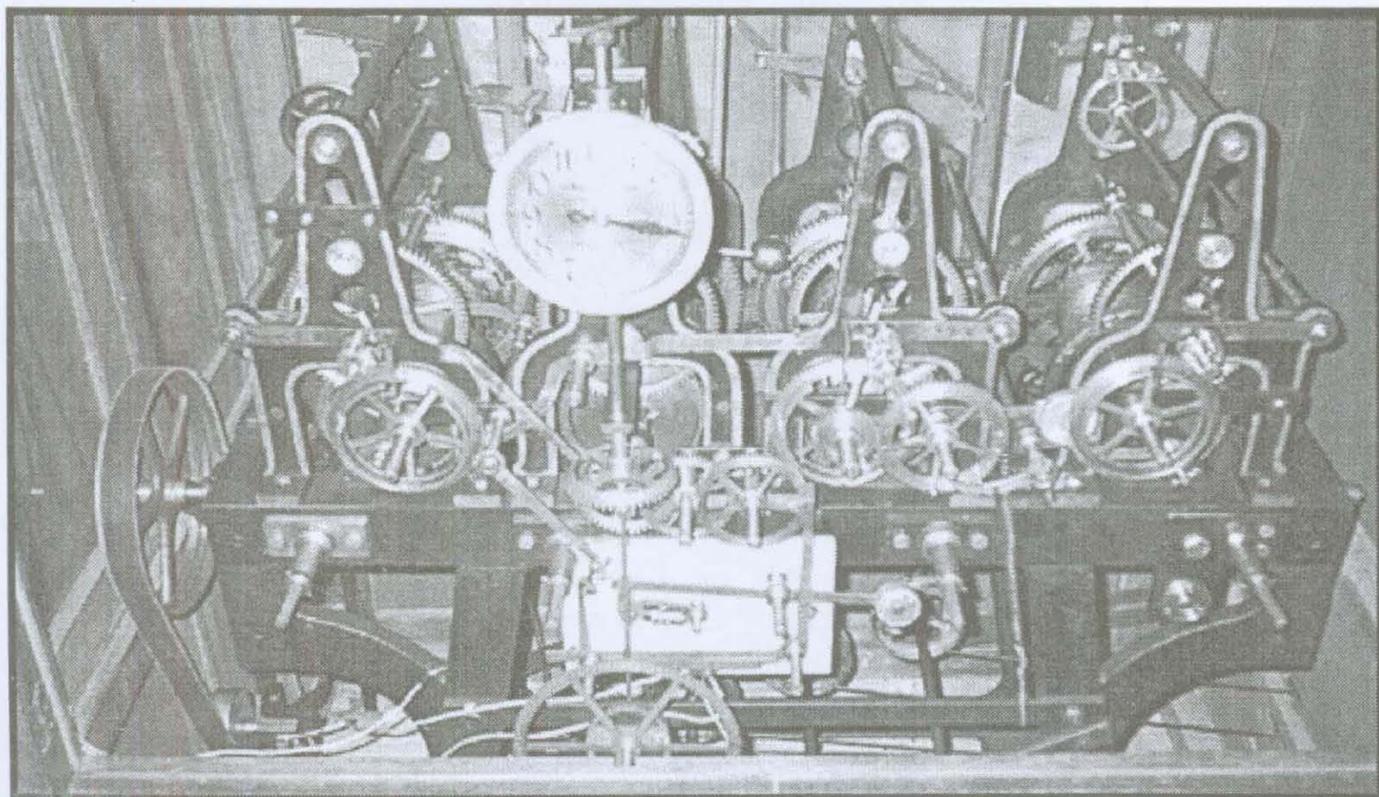
Depois de falar a respeito do preço para a compra dos relógios, acrescenta:

“Os sinos, porém, não são incluídos e, exigindo-se por eles nesta Corte os preços exorbitantes de R\$ 2:180 até mesmo 3\$ rs por quilo de metal que parece muito ordinário, será muito mais conveniente e econômico mandá-los vir da Bélgica...” (4).

No telegrama ao Dr. Blumenau, Hermann Wendeburg informa que os sinos sejam: um com 70 cm e 200 kg e o outro com 52 cm e 90 kg (5).

No dia 8 de outubro, Dr. Blumenau em correspondência ao Governo Imperial comenta a conveniência de comprar na Bélgica os objetos a serem utilizados na construção da Igreja Matriz e Casa de Oração. Estes objetos são: sinos, vidros, guarda raios, etc...

“Para acabar no mais breve possível na povoação a meu cargo os edifícios da Matriz e Casa de Oração, os quais estão construídos em estilo gótico de belo aspecto... se carece de um sino de cerca de 150 a 200 kilogramas de peso para o campanário e o relógio da Matriz e de um sino menor de cerca de 70 a 90 kilogramas de peso para o relógio no frontispício da Casa de Oração.. Todos estes objetos estão nesta Corte com preços muito altos e mesmo exorbitantes e ficando eles encomendados na Bélgica, por excelência, país produtor de tais objetos saírem com mui grande economia, até contando-se, como se deve contar com o frete seguro e outras despesas inerentes, e provavelmente poderão logo ser embarcados em direitura para o porto de Desterro e talvez mesmo no de Itajaí nos vapores da linha de Antuérpia-Desterro-Rio grande do Sul. Quão grande é a diferença nos preços de um ou de outro lado se evidencia pelo fato de que nesta Corte me exigiram Rs 2\$180 pelo quilo de metal em sinos que nem me parecia ser bom ou verdadeiro bronze e três mil réis por metal, bronze garantido... A despesa na Bélgica seria: dois sinos com peso máximo total de 290 kilos a 3.50 = 1.115. Ferramenta e pregos para suspender sino da Matriz = 170...” (6).



Maquinário dos relógios da torre da Catedral São Paulo Apóstolo

O sino mais antigo (em uso) de Blumenau está na Igreja do Espírito Santo. Fabricado em Bochum no ano de 1873, inicialmente teria estado numa

capela adjacente à Igreja. Com a construção da torre (1927-1929), foi nela colocado. Dois sinos foram colocados na Igreja São Paulo Apóstolo, inaugurada no Natal de 1876. Iriam nortear as atividades dos blumenauenses por mais de meio século: subsistiram mesmo à primeira reforma que o templo sofreu durante o vicariato (1920-1926) de Frei Daniel Hostin. Só em 1927, após profícua existência, os dois sinos já não cumpriam sua grandiosa função e, por estarem rachados, foram substituídos por outros, novos.

5. Os novos sinos (atualmente na torre da Catedral):

Em 1927, os dois sinos estavam rachados e sem utilização. Frei Gabriel Zimmer, coadjutor da Paróquia, encabeçou a campanha para a aquisição de sinos novos através de listas de donativos e festas populares. “Como seria de se esperar, o esforço comum – fruto da colaboração dos blumenauenses – sem distinção de credo, pois aqui desde o princípio, tem sido assim, foi coroado de pleno êxito”(7).

Fundidos na Bochumer Gusstahl Fabrik, na cidade de Bochum, Westfália, teve um preço total de Rs 9:490\$500 (nove contos, quatrocentos e noventa mil e quinhentos réis). O maior, batizado em o nome de Jesus, possui 510 quilos e 110 centímetros de diâmetro. O médio, Maria, tem 350 quilos e 98 centímetros. O menor, José, com 200 quilos e 82 centímetros de diâmetro.

Foram abençoados por Dom Joaquim Domingues de Oliveira, arcebispo de Florianópolis no dia 24 de junho de 1928, sendo vigário, Frei Filipe Niggemeier. Os padrinhos dos sinos foram: Dr. Amadeu Filipe da Luz e esposa; Curt Hering e esposa; Dr. Luis de Freitas Melro e esposa; João José de Souza Medeiros e esposa; Dr. Ottomar Mayer Degen e esposa; D. Maria Cândida Hoeschl; Abelardo Bezerra e esposa.

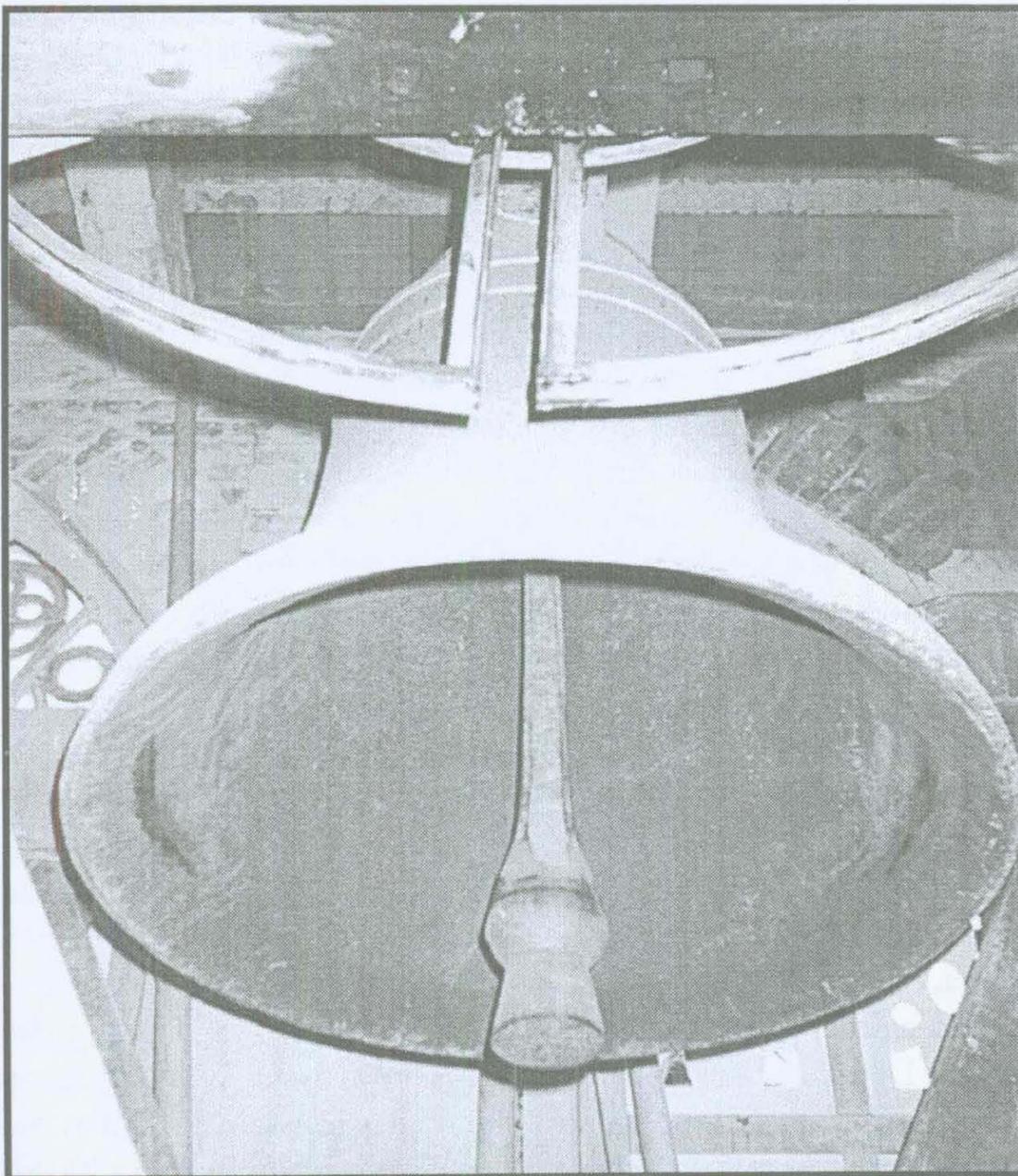
Mesmo depois de consagrados, os sinos não puderam ser instalados na torre da matriz tendo em vista ser esta muito pequena. Foram, por isso, colocados no pátio, numa armação de madeira. Tornou-se necessário modificar a torre, o que de fato, aconteceu e, os sinos então foram colocados.

Com a demolição da antiga matriz e a construção da atual catedral e a edificação da torre, os mesmos sinos foram aí colocados após a conclusão das obras (1963).

6. Igreja do Espírito Santo

“A pedra fundamental foi colocada em 23 de setembro de 1868. No dia 23 de setembro de 1877 foi inaugurada a igreja evangélica de Blumenau-Centro, recebendo o nome de Igreja do Espírito Santo. Esta igreja foi construída em

forma octogonal e o seu estilo é o neogótico. Não tem torre imponente, apenas uma “torre de sinos”, como foi chamada na época de sua edificação. Originalmente a igreja fora construída sem contar com a torre, o que era proibido por lei, já que o Império tinha a Igreja católica como a religião oficial” (8). No Brasil Império (1822-1889), Coroa e Igreja Católica estavam unidas. Como o catolicismo era a religião oficial, aos evangélicos era proibido construir templos com torre, nem tampouco instalar sinos (9).



Sino menor da Torre da Igreja Evangélica – Centro. É o mais antigo sino de Blumenau - 1873

No período de 1927 a 1929, o arquiteto Franz von Knoblauch foi o responsável pela construção de uma pequena torre que realçou ainda mais a bele-

za de sua arquitetura. “Passaram agora cinquenta anos desde que a igreja evangélica foi erguida com a ajuda do Governo. Naquela época o catolicismo ainda era a confissão oficial e não foi permitido construir diferentes igrejas com torres. Mas o arquiteto Heinrich Krohberger conseguiu o mesmo objetivo sem torre, quando elaborou uma artística abóbada que tanto internamente quanto externamente impressiona a todos” (10).

A Igreja do Espírito Santo possui três sinos: o maior, com a inscrição: “Geg. v. Bochumer Verein, Bochum – 1926. Land, Land, Land, Häre des Hernn Wort – Jer. 22,29”. O médio, com a inscrição: “Bochum, 1873”. O menor, com os dizeres: “Geg. v. Bochumer Verein, Bochum 1933 – Verherrlicht ist Gott in der Höhe”.

7. Santuário Nossa Senhora Aparecida

O sino da primeira capela foi adquirido em 1965. A pedra fundamental do atual templo da Itoupava Norte foi colocada em 13 de outubro de 1974 e sua inauguração ocorreu em 7 de dezembro do ano seguinte. Construída a torre em 1979 para dar um aspecto mais belo, faltavam os sinos. Uma família italiana de Pirituba (SP) sugeriu que fosse erguido mais um andar da torre para que os sinos estivessem mais altos. Foi chamado o fabricante da Fundação Artística de Sinos Crespi (fundada em Crema, Itália, em 1500) com sede em São Paulo, que incentivou a comunidade e o carrilhão de Nossa Senhora Aparecida foi adquirido através de uma campanha de doadores. Os padrinhos que doaram um quilo de bronze tiveram seus nomes registrados nos respectivos sinos. Os ferros dos cavaletes foram doados por Walter Puff, num total de mil quilos e foram construídos por Ademir Goys.

A bênção dos quatro sinos do Santuário aconteceu no dia 9 de dezembro de 1979, presidida por Dom Gregório Warmeling, bispo de Joinville e Pe. Otávio Maffezzolli, pároco, que escreveu no Livro de Tombo: “Os sinos fazem parte da igreja, encantam a alma, pois assim como necessitamos de afeto e carinho de nossos pais, assim também o tanger dos sinos vão dar aquele impulso à alma para a oração a Deus, nosso Pai” (11). O custo total foi de 798.000,00 cruzeiros.

Os quatro sinos foram afinados para que pudessem tocar a música “Louvando Maria”. Assim sendo: o primeiro, afinado em Fá (dedicado a Nossa Senhora Aparecida), pesa 680 quilos; o segundo, Sol (dedicado a São Vicente de Paula), pesa 485 quilos; o terceiro, Lá (dedicado a Nossa Senhora do Trabalho), tem 340 quilos; o quarto, Si (dedicado a São Miguel Arcanjo), tem 240 quilos. O peso total dos sinos da torre do Santuário é, portanto, de 1.745 quilos. Os sinos são



Torre do Santuário N.S. Aparecida – Itoupava Norte – Nela estão instalados 4 sinos num total de 1.790 kg. O maior sino está nesta igreja e pesa 790 kg.

comandados por um sistema eletrônico para baterem às 6 horas da manhã, às 12 horas e às 18 horas.

8. Igreja Santo Antônio:

Possui 5 sinos de bronze inaugurados em 1992, fundidos em São Paulo, pela Indústria Brasileira e Comércio de Sinos Crespi, instalados após as obras da construção da torre. Possuem os seguintes pesos: LÁ bemol (410 kgs), SI bemol (295 kgs), DÓ (205 kgs), RÉ bemol (170 kgs), MI bemol (120 kgs), totalizando 1.200 kgs. O custo, na época, foi de Cr\$ 8.400.000,00 (Cr\$ 7.000,00 por kilo). A confecção de cinco cabeçotes completos com roda, rolamentos, buchas e mancais custou Cr\$ 1.700.000,00. O comando eletrônico para acionar os sinos e o painel de controle custou Cr\$ 2.500.000,00. O custo total dos sinos e acessórios foi de Cr\$ 12.600.000,00.

9. Sinos nas Igrejas:

Blumenau possui 12 sedes paroquiais católicas: 1)Paróquia São Paulo Apóstolo (Centro), 2)Paróquia Santo Estevão (Salto do Norte), 3)Paróquia Santa Isabel (Progresso), 4)Paróquia Santa Cruz (Velha Central), 5)Paróquia Nossa Senhora da Imaculada Conceição (Vila Nova), 6)Paróquia São José Operário (Itoupava Central), 7)Paróquia Nossa Senhora Aparecida (Itoupava Norte), 8)Paróquia Santo Antônio (Garcia), 9)Paróquia Cristo Rei (Velha) 10)Paróquia São Francisco de Assis (Fortaleza), 11)Paróquia Santa Teresinha (Asilo), 12)Paróquia Nossa Senhora da Glória (Garcia). Sete delas possuem sinos. Das 42 capelas católicas existentes no município de Blumenau, 22 possuem sinos.

A capela São João Batista, Vila Itoupava, possui três sinos: um com 250 quilos; o segundo, com 200 quilos e o terceiro com 120 quilos.

São também 12, as sedes paroquiais evangélicas luteranas: 1)Paróquia Blumenau-Centro (Igreja do Espírito Santo), 2)Paróquia Evangélica Badenfurt, 3)Paróquia Blumenau-Fortaleza (Igreja da Ressurreição), 4)Paróquia Evangélica Luterana de Blumenau-Bom Pastor (Igreja Bom Pastor), 5)Paróquia Blumenau-Itoupava Seca (Igreja Martin Luther), 6)Paróquia Blumenau-Velha (Igreja da Paz), 7)Paróquia Blumenau-Velha Central (Igreja do Caminho), 8)Paróquia Evangélica Bom Pastor (Igreja do Consolador), 9)Paróquia Evangélica Luterana Martin Luther, 10)Paróquia Evangélica de Itoupava Central (Igreja do Salvador), 11)Paróquia Evangélica de Vila Itoupava (Igreja Gustavo Adolfo), 12)Paróquia Evangélica de Itoupava Rega. Todas possuem sinos, bem como as 11 comunidades no município de Blumenau.

O templo da Comunidade Evangélica de Braço do Sul possui dois sinos que foram colocados em outubro de 1975. O templo da Comunidade Evangélica de Itoupava Rega I possui dois sinos que foram colocados, pela primeira vez em 1928 e pela segunda vez, em 1951, depois da construção de uma torre. O templo da Comunidade Evangélica de Itoupava Rega II possui também dois sinos que foram colocados em outubro de 1985. Não há registros quanto ao peso.

Na Paróquia Evangélica Luterana Bom Pastor (Fidélis) existem dois sinos (colocados por volta de 1952-1953), um pesando 350 kg e o outro, 150 kg. Na Igreja da Itoupava Baixa existem também dois sinos: um pesando 110 kg e o menor, 50 kg.

NOTAS DE FIM

- (1) RITUAL DE BENÇÃOS, Edições Paulinas/Editora Vozes, 1990, capítulo XXX, números 1032-1051.
- (2) BOHN, Pe. Antônio Francisco, Pe. Jacobs e o Catolicismo em Blumenau, Blumenau em Cadernos, Tomo XLI, nov-dez 2000, pg. 32ss.
- (3) ARQUIVO HISTÓRICO JOSÉ FERREIRA DA SILVA, doc. N. 519 (pasta 2.51).
- (4) Idem, doc. N. 528 (pasta 2.52).Correspondência 006.
- (5) Idem, doc. N. 529 (pasta 2.52).
- (6) Idem, doc. N. 531 (pasta 2.53).
- (7) MUELLER, Edison, Os sinos e o relógio da Matriz, in Matriz de São Paulo Apóstolo, Tipografia Blumenauense, 1963, pg. 32-39.
- (8) PISKE, Meinrad, Centenário da Igreja de Blumenau-Centro, pg. 34-39.
- (9) WEINGÄRTNER, Nelso, 150 Anos de Presença Luterana no Vale do Itajaí, Editora Otto Kuhr, 2000, pg. 12-13.
- (10) DER URWALDSBOTE, Igreja Evangélica, ano 34, n. 66, 15 de fevereiro de 1927.
- (11) LIVRO DE TOMBO, Santuário Nossa Senhora Aparecida, pgs. 34v-35v.

ENTREVISTADORA:
CRISTINA
FERREIRA



Entrevistas

– Edgar Paulo Müller

A entrevista que ilustra esta edição, aborda a vida de um personagem de destaque da cidade de Blumenau relacionado à história política e esportiva. Realizada em 25 de maio de 2000 para o Projeto Resgate da Memória Oral, pela professora/historiadora Cristina Ferreira, que coordenou o projeto através do Instituto Blumenau 150 Anos.

O entrevistado, Sr. Edgar Paulo Muller, contava na época com 80 anos de idade. Faleceu em 21 de setembro de 2001.

Foi vereador por quatro legislaturas, presidente da Câmara de Vereadores, e como tal substituiu o Prefeito Hercílio Deeke por quase dois meses.

Foi também um grande desportista e por vários anos responsável pela Comissão Municipal de Esportes. Neste depoimento o entrevistado faz referências sobre a sua vida social e profissional.

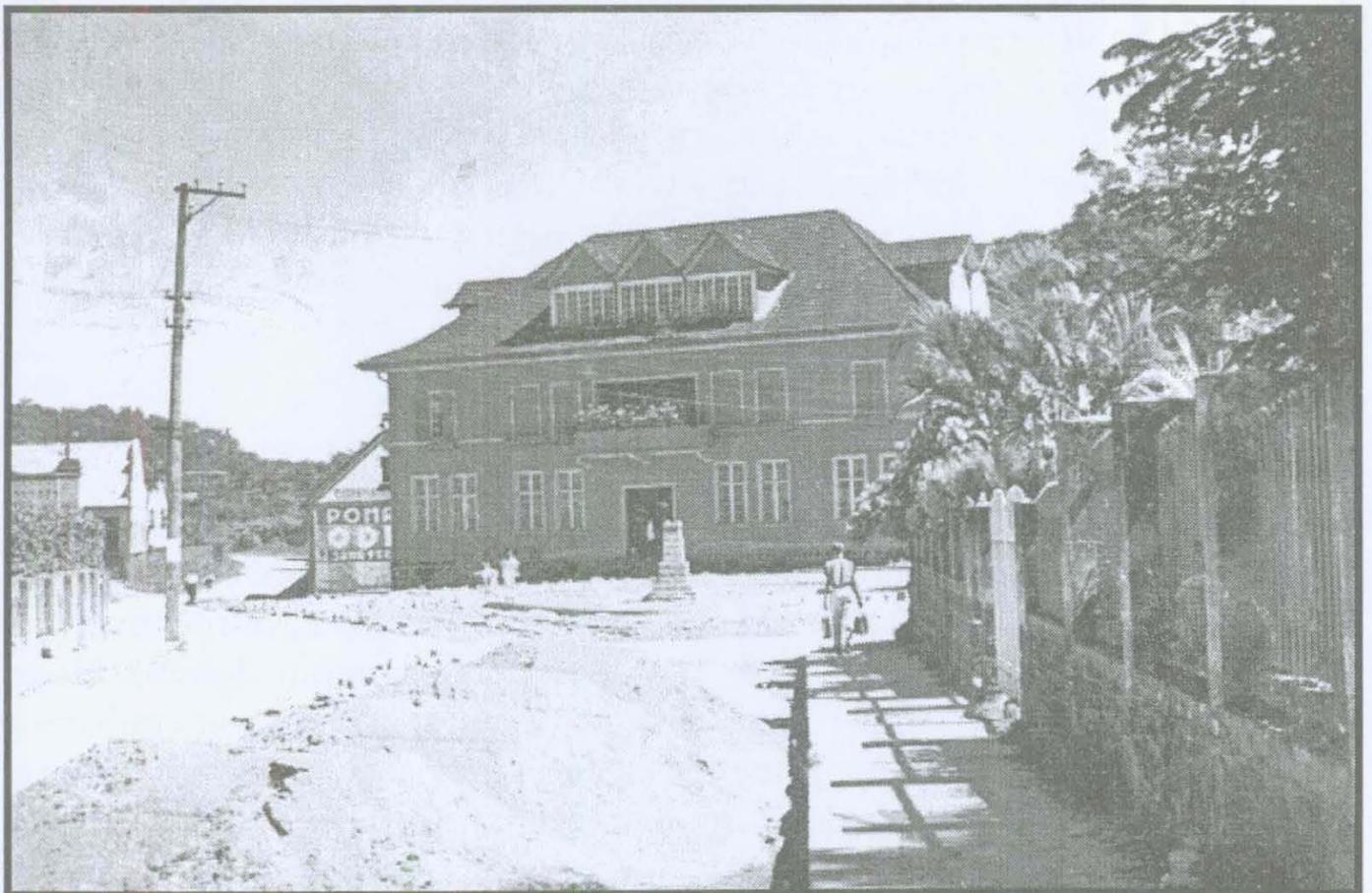
Cristina: Sr. Edgar, conte um pouco da sua família, dos seus pais, da sua data de nascimento, do que o senhor lembra da sua infância.

E: Bem, nasci em Joinville no dia 22 de março de 1920. Completei há pouco 80 anos. Meu pai chamava-se Leopoldo Müller, minha mãe, Marta Müller. Perdi o meu pai muito cedo. Nós éramos em cinco irmãos. Minha irmã mais velha se fosse viva, teria 84 anos. Faleceu em São Paulo. A minha irmã Hilma, teria 82 anos. Meu irmão Ari atualmente mora em Balneário Camboriú. Em 1922, minha irmã mais moça tinha apenas meses, eu dois anos, outra irmã seis anos e a mais velha oito anos. O meu pai, por motivos até hoje ignorados, simplesmente sumiu. Restou para a minha mãe, cuidar da sobrevivência dos filhos. A infância foi relativamente difícil, tanto é que aos 10, 12 anos, eu, meus irmãos e minhas irmãs começamos a trabalhar. Um vendendo picolé, o outro vendendo jornal... Tive sorte de ter estudado em boas escolas. Estudei na Escola Alemã de Joinville, depois fiz

ENTREVISTADORA:
CRISTINA
FERREIRA



uns cursos de correspondência e o ginásio noturno. Quando terminei o serviço militar, já estava empregado na firma Germano Stein. Em 1942, a firma me propôs vir a Blumenau, com a finalidade de receber os estoques de querosene, gasolina e óleo, que até então estavam na mão de uma distribuidora de Blumenau, mas que durante a guerra caiu na lista negra norte-americana. Então a firma Germano Stein fazia a distribuição para o norte e meio-oeste do Estado, também recebeu a incumbência de continuar a distribuir o combustível aqui para o Vale do Itajaí. Foi por isso que eu vim para ficar apenas sete dias, para receber o estoque e para armazená-lo, num galpão da Companhia Paul de antigamente. Pouco tempo depois, o Sr. Paul que em 42 era um homem de 70 e poucos anos, deu a idéia de usar de um armazém. Então eu passei tudo para os fundos da Bebidas Zarling Ltda. Depois de recebido o estoque, aquela coisa toda, eu recebi um telefonema de Joinville, do diretor da firma, perguntando se eu agüentava mais tempo aqui em Blumenau. Eu disse que não tinha problema. Eu estava hospedado no hotel Würges, na Itoupava Seca.



Companhia Paul, localizada na rua São Paulo.

C: *E a Companhia Paul era onde?*

E: Era na rua São Paulo, naquele prédio onde ficava o escritório da fábrica de Gaitas Hering.

Ali na esquina da rua Bahia com a rua São Paulo. Bem, aí eu já estava começando a flertar com a minha esposa, a dona Úrsula Baumgarten, neta do fundador do Blumenauer Zeitung, filha do Herman Baumgarten, que era filho do fundador do Blumenauer Zeitung. Fiquei aqui, arrumaram-me uma bicicleta, mais tarde uma motocicleta, para fazer a praça, vender os produtos da firma, que era de massa alimentícia, trigo, mostarda, café. Então eu fazia a praça. Além de atender no depósito, eu visitava os comerciantes. Em 1944, nos casamos e nessa oportunidade a situação estava difícil e a firma levou a gente para Joinville. Nós aceitamos, botamos a nossa muamba toda num caminhão, mas ficamos apenas três meses em Joinville. A minha mulher não gostou de lá. E além do mais, era para eu conhecer no resto do Estado, os distribuidores de gasolina. Então surgiu a oportunidade de eu pegar o cargo de inspetor da Agromaxiacam distribuidora Shell. Então, fui admitido e assumi a inspetoria. Em 1945 a situação estava difícil, não havia querosene, não havia óleo, era tudo racionado. Então decidi desistir desse cargo de Inspetor. Recebi um convite da firma Lorenz para me empregar lá como correspondente e aí eu assumi. Comecei a trabalhar lá em janeiro de 46. Lembro que foi em janeiro, porque em 25 de janeiro de 46 nasceu nosso primeiro filho Hasso Müller, que infelizmente faleceu no dia 27 de outubro do ano passado. Permaneci na firma durante 22 anos.

C: *Como era essa sua função, seu Edgar?*

E: Correspondente. Eu falava alemão, português e inglês. Cheguei a fazer curso de inglês durante seis anos e pouco. Inclusive, em 59, fui com o diretor para os Estados Unidos, ficamos uma semana em Nova York, outra em Nova Jersey. Em março de 62, depois de 22 anos, saí da Companhia Lorenz. Hoje, infelizmente, a companhia Lorenz, não é mais aquela. Na época, nós tínhamos 13 funcionários, em Timbó, em Indaial, enfim... saí da Companhia Lorenz. O Sr. Carlos Cid Renaux, de Brusque, foi eleito presidente da Confederação das Indústrias, em 1968. Então ele queria saber o que era SESI, o que era SENAI, e alguém me recomendou ao Carlos Cid Renaux, que me chamou para ir lá. Eu fui e ele disse: "Olha, eu preciso alguém para o cargo de inspetor

do SESI.” E em janeiro de 69, eu assumi o cargo de inspetor chefe do SESI. Comecei a viajar, a fiscalizar os postos, principalmente em Criciúma e região. O SESI tinha pequenos comércios, fornecendo gêneros alimentícios para os trabalhadores. Isso até 81. Em 1981, o Sr. Bernardo Wolfgang Werner foi eleito presidente da Confederação das Indústrias e como nós tínhamos experiência de muitos anos, ele disse: “Eu quero você aqui na Federação, como diretor administrativo.” Então eu aceitei, depois passei a diretor executivo. Fiquei nesse cargo até 1986. Nessa época, o Sr. Bernardo Wolfgang Werner assumiu a presidência e eu fiquei com a Sociedade de Previdência Complementar do Sistema Fiesc. Estive na Comissão da Federação das Indústrias, participei de diversas reuniões da Federação no Paraná, Santa Catarina e Rio Grande e vários congressos. Participei também de um seminário de administração em Fontanemblem, na França, em 1981, que naquele momento foi realmente válido, porque eu pude arejar. (Risos). Bem, mas em 1987, quando eu era acessor especial para assuntos sindicais na federação, havia um projeto em andamento criado pelo Wolfgang Werner que é a sociedade para Previdência Complementar do Sistema FIESC. Então a partir de 87, numa sala isolada, fora da Federação das Indústrias, no centro de Florianópolis, eu comecei a organizar essa sociedade de previdência complementar. Colocaram-me à disposição uma funcionária que ainda hoje está lá. E em fins de 90, nós já éramos 16 funcionários. O mandato do Dr. Wolfgang Werner chegou ao fim. Ele não quis mais continuar, e eu em solidariedade, também me afastei. Esta foi a minha participação no SESI. A gente continua muito amigo do Dr. Bernardo e sempre me dei bem também com o Sr. Carlos Cid Renaux. Só que no caso do sucessor do Dr. Bernardo, as coisas não se deram bem, mas isso não vem ao caso. Essa foi a minha participação lá, mas também tem a minha vida particular, talvez você quer fazer alguma pergunta.

C: *Eu gostaria que o falasse da sua participação no esporte, para depois nós entrarmos no seu assunto enquanto vereador.*

E: Está certo. Como eu disse, em 1942 eu vim para Blumenau e já em Joinville jogava um pouco de futebol, e a primeira coisa que fiz quando cheguei aqui, foi ligar-me ao América Futebol Clube e ao Ipiranga como sociedade. O América, em 1943, mudou o nome para o Guarani Esporte Clube. Surgiu uma lei que proibia os clubes de futebol de usar nome de cidade, estado ou país. Tanto que o Clube Olímpico era Blumenauense, o Palmeiras era Brasil e o Guarani era América. Em 1948 foi feita essa mudança. O presidente era

o Reynaldo, o farmacêutico da Itoupava Seca. Eu continuei a participar do Guarani até hoje. Na condição de jogador de futebol, joguei no Guarani durante 12 anos, desde 42 até 54. Em 1950, eles fizeram o campeonato do centenário, por causa do centenário da cidade.

C: O senhor pode falar um pouquinho do centenário de Blumenau, o que o senhor lembra do centenário?

E: É. Na época do centenário, jogava o Lazinho, que foi mais tarde prefeito. Nós perdemos para o Palmeiras de 1 a 0, mas fomos seguindo. Sempre participei do Guarani, como secretário, e assumi a presidência do Guarani em 1966, tendo como vice o Sr. Rolf Willy, que antes tinha sido presidente. Eu me lembro dos presidentes vagamente. Em 46 foi o Pfau, depois o Schiller, o Passold, o Reinald Mars, Manoel Estevão, Edgar Knäsel, e em 66 chegou a minha vez. Neste ano, nós tínhamos passado pelo campeonato estadual, que me obrigou a ir quatro vezes a Criciúma. Havia quatro clubes em Criciúma: o Metropol, o Próspero, o Atlético e o Comerciário. Havia um clube em Imbituba, mais dois em Joinville, mais dois em Rio do Sul, mais dois em Lages. Quer dizer a despesa com transporte dos jogadores era muita e a renda no campo de futebol era muito pequena. Então eu, como presidente do Guarani, reuni a diretoria e resolvemos acabar com o futebol profissional. Reunimos os jogadores profissionais que tínhamos, falei para eles o que estava acontecendo. Eles passaram na tesouraria e felizmente nós tínhamos arranjado o dinheiro para pagar a todos. Depois disso, passamos a pensar a Sociedade Guarani como uma sociedade para os sócios e para os filhos dos sócios e não mais para jogadores do futebol profissional. E foi assim que o Rolf Willy, o meu vice-presidente, assumiu a construção da piscina. Contratamos uma firma lançadora de títulos, para vender os títulos de sócio do clube. Quem lançou os títulos foi o Müller, o atual presidente da... Então o seu Rolf Willy ficou encarregado da construção da piscina e isso realmente aconteceu, tanto é que em setembro de 66 iniciou a construção, e em dezembro de 67 estava pronta. Então houve a inauguração da piscina do Guarani Esporte Clube, com a presença do então prefeito Carlos Curt Zadrozny. A partir daí, inclusive na minha gestão, que foi de 66 a 74, construímos duas quadras de tênis, uma quadra de futebol de salão, quadra de bocha e adquirimos uma boa área de terra, anexa ao Guarani. Em 1974, a diretoria passou para Osmar Schwanke, que foi até 78. Depois veio o Wilson Topic, o Hasso Müller, o Rufino Schmidt, o Adilson Bern, que acabou de deixar o cargo para dar lugar ao novo presidente que é o Sr. Frop. Em princípio, essa é parte da história do Guarani. É uma história muito longa. Faz 58 anos. Carlos Kurt Zadrozni foi eleito presidente de honra.

C: *Seu Edgar, conte-nos um pouquinho sobre a política, o senhor enquanto vereador da nossa Câmara...*

E: Senhorita Cristina, é realmente bastante fácil dar explicação porque eu participei da atividade política durante tantos anos. Em 1947, eu morava com a minha mulher na Itoupava Seca e com o meu filho Hasso, que era pequenininho e nós acabamos conseguindo comprar um terreno para nós na Itoupava Norte. Em fevereiro de 47 fomos morar na Itoupava Norte, e eu trabalhando na Cia. Lorenz diariamente de balsa, para lá e para cá, tanto de manhã como à tarde. E isso durou até 1953, quando graças ao governador Irineu Bornhausen, nós tivemos construída a ponte Irineu Bornhausen, na Itoupava Seca. Foi realmente uma coisa fabulosa para aqueles que dependiam da balsa. Assim, em 1954, tivemos eleição para vereador e deputado. Eu fui procurado para ser candidato à vereador. Procurado inclusive pelo João Estevão, que era o presidente do Núcleo da UDN na Itoupava Norte. Eu aceitei, só que ao aceitar a candidatura de vereador, deixei de jogar futebol. Tive que deixar porque sendo vereador, não convinha às vezes se expor a uma torcida muitas vezes injusta. Acabou a eleição e eu consegui me eleger. Então foram eleitos pela UDN, na época: o Wilson Santiago, o Eugênio Brueckheimer, o Bernardo Wolfgang Werner, o Arno Weege e eu, cinco da UDN. E em contrapartida foram eleitos pelo PSD, o Wladislau Constansky, de Pomerode, que na época era distrito de Blumenau, o Martinho Cardoso da Veiga, o Pedro Zimmermann, Alfonso de Oliveira e o Júlio Grossenbacher. E do PTB o José Ferreira, e pelo PPB, o Partido Progressista do Ademar de Barros, foi eleito o Newton Borges dos Reis. Isto foi em 1954. Fomos eleitos em 54 e assumimos em 55. Em 1955, um vereador da Câmara anterior assumiu a Prefeitura, o Gerhard Neufert. Isto porque o Hercílio Deeke era prefeito em 54, desistiu da prefeitura, para concorrer a deputado federal e como ele foi eleito, tinha que assumir em janeiro de 55. Então o Gerhard Neufert assumiu a prefeitura por um ano designado pela Câmara Municipal anterior.

C: *E depois dele veio o Busch.*

E: Depois dele veio o Busch. Então em 1955, houve a eleição do nosso amigo, Guilherme Busch assumiu. Fomos eleitos de novo todos em 58, o Bernardo Wolfgang Werner, o Eugênio Brueckheimer, eu e o Wilson Santiago, porque o Arno Weege, na época, não participou mais. Ele estava concorrendo para Pomerode, que na época, já era município próprio. Então no lugar do Arno

Weege, entrou o Ewaldo Moritz. Em 57, não querendo adiantar muito, nós tivemos uma enchente muito grande aqui em Blumenau. Então foi formada uma comissão para buscar recursos no Rio de Janeiro, que era a capital da República na época. Então foi o José Ferreira, o Wilson Santiago, o Pedro Zimmermann e o Martinho Cardoso da Veiga. Realmente, eles tiveram sucesso, trouxeram alguma coisa para cá, principalmente para a região da lavoura. Em 1962, novamente concorreram aqueles quatro que haviam sido eleitos antes, e mais ou menos a mesma turma do PSD e fomos novamente eleitos.

C: *Aí voltou o Hercílio Deeke.*

E: O Hercílio Deeke, foi eleito para prefeito em 1961-1966 e nós fomos reeleitos. Ele criou a Comissão Municipal de Esportes. Haviam começado os Jogos Abertos em Brusque, e logo após esses primeiros jogos, Hercílio Deeke criou a Comissão Municipal de Esportes. Foi designado o Sebastião Cruz, para ser presidente da Comissão e fui o primeiro secretário. E a gente continuou a participar ativamente da vida esportiva de Blumenau. Em 1965, nós deixamos o cargo de vereador, porque que o seu Hercílio Deeke resolveu tirar férias por um mês, para viajar com sua filha para o Oriente Médio e na época não havia vice-prefeito, e eu por acaso era Presidente da Câmara. Conseqüentemente, tive que assumir a prefeitura, na ausência do prefeito. Então permaneci um mês e 25 dias até o seu Hercílio voltar. Um fato marcante quando assumi a prefeitura, foi quando recebi um telefonema de uma mulher dizendo que queria falar urgentemente comigo. Então eu atendi, era a secretária do prefeito Hercílio Deeke, comunicando que tinha recebido um aviso, do Rio de Janeiro, dizendo que o Castelo Branco, presidente da república, vinha visitar Blumenau. Ele veio em meados de maio e nós recebemos o Presidente Castelo Branco.

Houve realmente uma grande comemoração em frente da Prefeitura. Nós vimos o presidente vindo a pé, ao lado do governador Celso Ramos, o Antônio Carlos Konder Reis e outras personalidades políticas. Eu fui recebê-lo, acompanhado do José Ferreira da Silva, porque ele foi assessor da prefeitura, durante o governo do Hercílio Deeke. Recebemos o presidente Castelo Branco, eu fiz a saudação, ele respondeu e disse:

– E agora, Sr. prefeito, qual é o programa?

– Senhor presidente, o senhor tem a seu dispor um carro aberto. O senhor querendo embarcar, fique à vontade.

– E qual é o programa?



Presidente Humberto de Alencar Castelo Branco em visita a Blumenau, 1965.

- Olha, é uma visita a Igreja Matriz.
- Sim, e é muito longe daqui?
- Não, é uns 800, 900 metros daqui.
- Ah, perfeito, o dia está tão lindo, vamos a pé.

Então fomos a pé, passeando pela rua XV. E todo mundo na janela, aplaudindo, e ele com lágrimas nos olhos. Ele disse: “Meu prefeito, eu gostaria de ver essa cena que eu estou vendo agora, em todo esse meu país”. Viemos até a Igreja Matriz. Fomos até a Eletro Aço Altona, lá na empresa do Sr. Bernardo Wolfgang Werner. Na ausência do Bernardo Wolfgang Werner, fomos acompanhados pelo Gerhard Neufert que era engenheiro da Altona, além de outras pessoas, como o pai do Bernardo Wolfgang Werner. Eu fui no mesmo carro que o presidente Castelo Branco. Depois da Altona, nós fomos fazer uma visita à Artex e fomos muito bem recebidos lá também, pelo Zadrozny. Posteriormente fomos ao restaurante do Grande Hotel. E lá pelas três e meia da tarde o presidente voltou a Florianópolis para retornar ao Rio de Janeiro. Isso foi realmente uma satisfação muito grande, e por isso, mais

ao gabinete dele e disse: “Não, eu faço questão que você continue presidente de esportes, isso não tem nada a ver com política.” Então eu continuei, inclusive nos Jogos Abertos de Concórdia, ele fez questão que eu fosse participar da mesa que iria fazer os pronunciamentos. Antes dos Jogos Abertos de 71, aconteceu um problema, certamente foi um mal entendido e eu renunciei. Mas isso foi realmente na parte esportiva. Como vereador, participei do Congresso Brasileiro de Municípios, principalmente no Rio de Janeiro, em 1952, em Recife, com o Wladislau, já em 67, em Manaus tive como colega o Walter Hertz e o Nelson Tófano. Em Manaus, o presidente da Associação Brasileira de Municípios era o Osmar Cunha, ex-prefeito de Florianópolis, na época deputado federal. O Osmar Cunha era o presidente dessa Associação que comandava esse congresso em Manaus. Havia lá três alemães. Então um belo dia ele me chamou no gabinete dele, emprestado é claro, lá em Manaus e disse:

– Ah, tu falas alemão?

– É, falo.

– Pois é, eu vou precisar de você.

– Para quê?

– Para ser tradutor dos três alemães que vieram para cá. Um deles é o Senador Schmidt, o outro é o deputado Schröder, e o outro faz parte da delegação da Alemanha para propaganda no Exterior.

Bom, então ele me apresentou os três e eu fiquei uma semana com esses alemães, traduzindo tudo. O Helmut Schmidt fez um discurso no Palácio de Mármore em Manaus, em alemão, eu traduzi para o português, foi realmente muito importante. Depois de Manaus, nós viemos para Belém e ficamos uma semana. Minha outra participação, eu gostaria até de lembrar, foi em 1950, no ano do centenário de Blumenau. Eu participava da comunidade evangélica como primeiro secretário, por indicação do meu sogro, Herman Baumgarten. Então como primeiro secretário participei das comemorações do centenário de Blumenau, e na época a diretoria era composta das seguintes pessoas: Arno Gaertner, presidente; eu era o primeiro secretário; Pedro Guenther, o segundo secretário; o Kirsten, eu não me lembro o primeiro nome, o tesoureiro; o meu sogro Hermann Baumgarten e o seu Schmidt. Então nessa condição de secretário da comunidade evangélica, eu não só participei das comemorações do centenário, como também do lançamento da pedra fundamental da igreja da Itoupava Seca, a Igreja Martin Luther. Isso deve ter sido mais ou menos em 50, 51. De resto, houve a minha participação no Clube Ipiranga, onde eu

fui muitos anos secretário; mais tarde secretário do conselho. Fui também sócio fundador do Rotary Club de Blumenau em 1958. Assim, tive uma participação bastante significativa. Como vereador, gostaria de acrescentar ainda que em 1955, participei do lançamento da pedra fundamental da Escola João Wiedemann, na Itoupava Norte, que foi lançada pelo governador Irineu Bornhausen. Em 1957, também participei da inauguração de uma escola.

C: Eu gostaria que o senhor contasse sobre a atividade de vereador não ser remunerada. Isto é importante, porque o senhor tinha a sua atividade profissional e também ajudava à comunidade.

E: Perfeitamente. O fato é que em Blumenau e em todo o Brasil naquela época, vereador era um cargo honorífico. Então como tal, nós quando assumimos a candidatura, sabíamos que não haveria respaldo financeiro nenhum e mesmo assim aceitamos. A única coisa é que quando participávamos de congressos de municípios, tínhamos a oportunidade de ver alguma coisa diferente, viajar... Naquela época todo mundo tinha a sua ocupação, e as reuniões, pelo menos nos dois primeiros mandatos, eram às terças feiras à noite, das oito até as dez, horas da noite, não havia reuniões durante o dia. Todos eram relativamente bem situados, não dependiam de ajuda financeira. Mas é isso. Não sei se você tem mais alguma coisa, eu acho que já falei bastante.

C: Eu gostaria de saber se o senhor gostaria de falar alguma coisa ainda sobre o seu filho, o Sr. Hasso, que também seguiu os seus passos.

E: Realmente foi um acontecimento muito triste o falecimento dele em 27 de outubro do ano passado. O nosso primeiro filho, nascido em 25 de janeiro de 1946, conseguiu se formar em direito, trabalhou comigo na Cia. Lorenz durante vários anos, mesmo depois de eu ter saído da Cia. Lorenz, lá permaneceu durante muitos anos. Depois, eu acho que foi em 73, 74 saiu para assumir a coordenadoria do SESI de Blumenau, onde ficou até 76, quando em consequência da candidatura a deputado estadual pelo PMDB, então criou um certo problema por ter mudado de partido. Colocou o cargo à disposição. Ele com quatro mandatos, 75, 82, 83, 86 tem vinte anos e eu só tenho dezoito. Porque ele teve dois mandatos de seis anos e dois de quatro e eu tive três mandatos de quatro anos e dois de três anos, então dá dezoito anos. O Hasso foi um grande vereador, presidente da Câmara Municipal de Vereadores, assumiu também a prefeitura quando o prefeito Victor Fernando Sasse viajou para a Alemanha. Foi realmente uma perda muito grande para Blumenau. Eu

não me conformo, nem a minha mulher...mas são fatalidades. Ele lutou quase dez anos com essa doença e não conseguiu resistir a essa operação.

C: Sr. Edgar, nesses 150 anos de história, que nós estamos comemorando esse ano que é tão importante, o senhor tem alguma mensagem que gostaria de dizer para a nossa cidade, para as gerações futuras?

E: Eu teria que recomendar ao povo blumenauenses, que saiba escolher seus candidatos, à sucessão municipal, para prefeito e vereadores, independente de cor partidária. O que vale mesmo é a honestidade da pessoa, a boa intenção e o trabalho. Não adianta. Antigamente a Câmara de Vereadores era sempre uma luta, era PSD contra UDN, era PTB contra UDN. Na época, os governos todos foram praticamente da UDN. Foi o Neufert, o Busch, o Hercílio Deeke. Só em 1966, o Carlos Curt Zadrozny assumiu com PSD, e posteriormente o Lazineho pelo PMDB. Mas hoje eu ainda assisto à TV da Câmara pelo canal 19 e vejo aquela rivalidade. Realmente isto não leva à nada.

C: Talvez porque hoje a luta não seja pelo povo, mas pelo poder.

E: Exatamente. Mas na época, na Câmara Municipal havia muitas discussões, muitos desentendimentos. Mas felizmente, após a reunião, todo mundo se conversava e esquecia o que houve durante a plenária. Mas isso hoje, dona Cristina, não é assim. Mas, lembrando ainda um fato, eu citei o lançamento da pedra fundamental do grupo João Wiedemann, na Itoupava Norte. Ocorre que aquele terreno, onde está hoje o colégio, pertencia à comunidade escolar da Itoupava Norte. Aquela terreno e a parte onde o Clube Guarani tem o estádio, tudo pertencia à comunidade escolar Itoupava Norte, que acabou se desfazendo e estava resumida a um dos sócios remanescentes. Então a pedido nosso, na época, com a participação sempre ativa do seu Fritz Kuehnrich, diretor da Teka, é que se conseguiu aquele terreno onde está hoje a escola e que a comunidade escolar cedeu à Secretaria do Estado para a sua construção. O resto foi para o Guarani Esporte Clube. O que aconteceu, eu faço questão de lembrar, que onze ou doze sócios permaneceram na sociedade escolar, aos quais, o Guarani e o João Wiedemann, devem esse grande favor. Era isso.

C: Seu Edgar, muito obrigada, foi uma grande satisfação tê-lo como entrevistado neste projeto de resgate da memória do Vale do Itajaí.

tarde, a Beira Rio recebeu o nome de Avenida Humberto de Alencar Castelo Branco. Em 1967 eu estava participando do Congresso Brasileiro de Municípios, em Manaus, recebi a triste notícia do desastre de avião, no céu de Fortaleza, quando ele faleceu.

C: *Lamentável!*

E: Então em 1966, foi a eleição novamente para vereador e eu mais uma vez, e pela quarta vez, consegui me eleger, acompanhado novamente pelo Wilson Santiago, o Wolfgang Werner, o Ingo Hering e o Brueckheimer. Só que em 66, participou também o Antônio Sestrem, para completar os seis da UDN, porque nunca tivemos mais de seis, nunca tivemos a maioria absoluta.

C: *Sempre a metade.*

E: Em 1966, o Carlos Curt Zadrozny, que foi eleito, me mandou chamar na prefeitura. Ele disse: “Edgar, há os Jogos Abertos de Joaçaba e eu preciso alguém para chefiar a delegação de Blumenau. O atual presidente não tem condições de se ausentar uma semana para ir a Joaçaba. Você pode ir?” Eu disse: “Tudo bem.” De certa forma eu assumia a chefia da delegação de Blumenau e fomos até Joaçaba. Mas na época, a minha família participava dos Jogos Abertos. A minha mulher jogava bolão; a minha filha, saltos ornamentais, natação e volei; o meu filho, futebol de salão e futebol de campo, o Maninho, natação e futebol. Ele, o Júlio, que acompanha a entrevista, era muito moço ainda. (Risos). Mas o fato é que a família toda competiu, e nós saímos de Joaçaba com uma vitória espetacular e trouxemos a taça de campeões do Estado oferecida na época, pelo prefeito de Joinville, Nilson Bender. Naturalmente o prefeito ofereceu, pensando que esta taça Joinville levaria de volta. (Risos). Em 68 os jogos foram em Mafra e da mesma forma, assumi presidência definitiva da Comissão Municipal de Esportes. Hoje é Fundação, antigamente era Comissão. Fomos participar novamente dos jogos em março de 68 e mais uma vez fomos campeões do Estado. Em 69, foi em Joinville, o governador do Estado era o Ivo Silveira e eu estava ao lado do palanque, quando foram feitos os discursos de abertura dos Jogos Abertos. E mais uma vez, Blumenau foi campeã. Nós saímos desfilando com os troféus pela rua XV, com o corpo de bombeiros. Em 70, os jogos foram em Joaçaba. O prefeito já era o Evelásio Vieira. E é claro que quando ele assumiu o governo, nós éramos oposição ao PMDB, nós éramos da (UDN) Arena, e colocamos o nosso cargo à disposição. Mas o Lazineho, como prefeito, mandou me chamar

fissionais que ocupam a posição central no sistema de poder, os quais passam a proteger a ordem sagrada.⁷ O poder encontra-se na esfera de uma delegação de poder falar em nome de alguém. O enunciador do discurso legítimo fala a partir da instituição.⁸

Dentro dessa linha de pensamento, interpreta-se o olhar dos sujeitos históricos pelo viés da intencionalidade, uma vez que a *apreensão do mundo pelo homem é, pois, intencional, constituída de desejos, de interesses, de sonhos e nunca constatação desinteressada.*⁹ O recorte não é semântico e sim pragmático, isto é, toma-se os atos lingüísticos classificados segundo os efeitos que o locutor pretende obter sobre os ouvintes. Parafraseando o filósofo francês Merleau-Ponty, *não convém perguntar se percebemos verdadeiramente o mundo, convém dizer, pelo contrário, o mundo é aquilo que percebemos.*¹⁰

A questão do sujeito enunciador do discurso hierárquico católico é particularmente importante, pelas características da discursividade adquirida da herança tridentina. A memória tem seu ponto de encontro na figura do Papa, chefe único e infalível da Igreja; são as formas de a hierarquia se constituir como sujeito, o processo pelo qual foi determinada a sua entrada na história e incorporado à tradição, as determinações gravadas no imaginário popular e assimiladas como sendo a autoridade. A “Cristandade” é a denominação desse período em que o clero foi o mediador entre Deus e os homens; as figuras do Papa, dos Bispos e do clero foram constituídas acima das figuras dos fiéis. Desse modo, uma questão se impõe: onde se localiza a sustentação da hierarquia, no catolicismo? Responder a isso é uma tarefa instigante, mas o que interessa é pensar que, na medida em que o discurso é produzido, a hierarquia se constitui no seu interior, como fonte de seu próprio poder.

Dessas observações, pode-se concluir que há uma tendência, no discurso religioso católico, de “sacralizar” a figura do padre, atribuindo-lhe a essência da qual emana o poder. Frente a isso, torna-se fundamental a análise do sujeito enunciador, no discurso religioso, que é constituído pelo próprio discurso; constrói-se no ato da fala, redimensionando o sujeito da enunciação. O sujeito enunciador se concretiza através de posicionalidades: “nós” e os “outros”, em que a figura do clero é central.

Nesta análise, pretende-se apreender as formas pelas quais as posicionalidades se constroem na uniformidade, bem como suas fragmentações. A presença do “nós” católico, para a construção do sujeito enunciador, é importante e dupla; por um lado, deve-se considerar, na construção do sujeito individual, o “status” do ser padre: é uma forma particular de inserção do anunciante

como enunciador. O “eu padre” se constrói no discurso de uma forma particular, calcado em dois pilares: a construção do poder pessoal/institucional, o qual decide; e a construção da relação Igreja – sociedade. O Bispo e o Padre são aqueles que falam com os fiéis; dessa forma, o discurso religioso, no que concerne a linguagem e ao seu funcionamento, apresenta-se também como mecanismo argumentativo.

Diante disso, o presente artigo caracteriza-se por apresentar uma reflexão sobre o discurso religioso, presente em dois folhetos produzidos pelo Padre Nicodemo Grundhoff,¹¹ intitulados *Carissimi Parochiani di Ascurra e Avviso*¹², escritos em 21 de novembro de 1905 e 09 de março de 1906, respectivamente. Analisa-se a produção e a manipulação do texto religioso contido nesses folhetos.

A partir dos estudos de Pêcheux, Orlandi destaca, em relação às condições de produção do discurso, que elas são formações imaginárias, e nessas formações contam a relação de forças, os lugares sociais dos interlocutores e sua posição relativa no discurso, a relação de sentido¹³; parte do pressuposto de que no discurso estão representados não apenas os interlocutores, mas também a relação estabelecida entre eles e a formação ideológica. Isso está marcado no e pelo funcionamento discursivo, como propõe Orlandi.¹⁴ O fator ideológico atravessa a produção discursiva, e o par falante/ouvinte são inevitavelmente chamados a assumir um lugar na sociedade. Daí que, tomar a palavra é um ato social com todas as suas implicações, conflitos, reconhecimentos e relações de poder. O discurso, nessa perspectiva, é um objeto histórico social, sendo passível de observação. A observação leva a relacionar o discurso dos citados folhetos com outros textos e com o quadro institucional no qual se cristalizaram conflitos; por isso a necessidade de uma visão do contexto no qual o enunciador, Frei Nicodemo, redigiu os panfletos. Em meio a uma conjuntura de discórdias e resistências, ele procurou afirmar a sua autoridade eclesiástica, bem como corrigir os fiéis que lhe eram desobedientes.

A vinda de padres e Congregações Religiosas para Santa Catarina se deu no período pós-proclamação da República, momento em que a Igreja procurou articular-se, principalmente por entender a laicização do Estado como um mal a interferir na fé do povo católico. Um dos principais articuladores para a estruturação do catolicismo romanizado em Santa Catarina foi o padre Francisco Topp.¹⁵ Em resposta aos seus apelos, os franciscanos alemães, provenientes da Diocese de Münster¹⁶ chegaram a Teresópolis¹⁷ em 1891 e em 1892, assumiram a direção da Paróquia de Blumenau. Em geral, a historiografia aponta que, ao se

instalar em Blumenau, esses franciscanos encontraram, desde o início, o apoio incondicional dos imigrantes alemães e quando se fixaram em Rodeio, área rural desse município, não foi diferente. Havia sintonia entre esses frades e os imigrantes, caracterizada pela obediência.

Nessa conjuntura, entretanto, o pesquisador depara-se com uma série de documentos, entre dezenas de cartas, relatórios e abaixo-assinados, em que figuram, em sua maioria, críticas e reclamações de imigrantes italianos contra o clero de sua região. Numerosas foram as correspondências enviadas pelos colonos italianos aos Bispos José de Camargo Barros e Duarte Leopoldo e Silva de Curitiba e a João Becker, de Florianópolis, na tentativa de obter um padre que os entendesse,¹⁸ entre outras reivindicações. Um dos acontecimentos que gerou forte tensão entre eles foi a inauguração e a bênção da nova capela em Ascurra, sem a necessária autorização do Bispo e sem a presença do Padre. A documentação pesquisada, indica que a “harmonia e obediência” dos imigrantes à igreja católica, nem sempre foram uma constante.

A ordem franciscana, desde o início de sua atividade na região, demonstrou preferência pela cidade de Rodeio e a escolheu como sede de Paróquia, fato que desagradou aos ascurrenses e rio-cedrenses. Os colonos pertencentes à capela Santo Ambrósio, em Ascurra, demonstraram ainda mais o seu descontentamento quando, em 1899, foi inaugurada a nova capela da Ordem Franciscana, em Rodeio, e, em 1900, transformada em Matriz. Por diversas vezes a capela Santo Ambrósio foi privada das visitas pastorais e, assim dos sacramentos, como forma de punição à desobediência dos fiéis. Em outras ocasiões, contudo, os próprios italianos dispensaram a visita do clero franciscano,¹⁹ preferindo realizar o ofício religioso presidido pelo capelão Elia Barbetta. Mesmo sem o atendimento do clero, a comunidade de Ascurra, sob a liderança dos fabriqueiros,²⁰ construiu uma nova capela, que seria benta por ocasião da visita de Dom Duarte. Em 1905, esse Bispo visitou as capelas da região, com exceção da Santo Ambrósio. Insatisfeitos pela privação da visita, os fabriqueiros decidiram inaugurar essa capela no dia 26 de novembro de 1905, sem obter a licença diocesana e sem autorização do vigário, apenas convidando-o para efetuar a bênção. Divulgaram o programa da inauguração e bênção, com a ressalva de que a levariam a efeito, com ou sem a presença do clero franciscano. É diante desse fato que Frei Nicodemo reagiu e divulgou o folheto *Carissimi Paroquiani di Ascurra*, pedindo obediência aos fiéis e ameaçando-os com o corte definitivo das visitas pastorais.

A inauguração, no entanto, foi realizada no dia previsto, sem a devi-

da licença da autoridade diocesana²¹ e sem a autorização e presença do clero franciscano. A banda de música da Matriz de Rodeio foi substituída por uma banda de música Luterana.²²

Frei Nicodemo escreveu ao Bispo pedindo orientações. Dom Duarte, por carta, nomeou os ascurrenses *filhos transviados* e teceu uma série de normas a serem cumpridas por eles, a fim de ser corrigido o *insulto*.²³ Tais prescrições foram divulgadas através do folheto intitulado *Avviso*, no intuito de admoestar, interpelar e corrigir os “desviados”.

O panfleto descreve que o Bispo Dom Duarte, em Curitiba, reuniu o conselho de padres para tratar das *revelias eclesiásticas*. O castigo normativo e exemplar imposto aos desobedientes foi o de impedir o uso da igreja para atividades religiosas, as quais deveriam ser feitas na capela Sagrada Família, edificada com a devida licença.²⁴ Sob a condição de serem obedientes e dóceis, foi-lhes prometida a organização de um serviço religioso semanal, a criação do Apostolado da Oração e da Associação das Filhas de Maria. Mas, para terem esses privilégios, a capela deveria funcionar segundo o regulamento dos fabriqueiros, sendo que o primeiro deles deveria prestar juramento de obediência ao Bispo e ao Padre.

Celi Pinto afirma que os processos históricos e as formações sociais devem ser pensados *a partir do entendimento de que se constituem significativamente através de uma multiplicidade de posicionalidades, de discursos que lutam entre si pelo poder de interpelar sujeitos, articulando elementos pertencentes ao imaginário coletivo*.²⁵

Conforme a documentação a respeito da questão em estudo, verifica-se uma maioria de imigrantes submetida aos padrões estabelecidos pela Igreja, obedientes à vontade do clero.

Desvenda-se, todavia, a existência de outro grupo que, por não se adequar às preponderâncias da hierarquia, passou a ser alcunhado anárquico, maçônico e socialista, entre outros epítetos.

À medida que o discurso constitui o “eu” do outro, acaba sendo constituído pelo outro e, assim, observa-se a coexistência de sujeitos diferentes num mesmo espaço; essa diferença gera uma desigualdade entre os participantes na fala do texto. A diferença aqui é de poder pessoal e institucional. Dessa forma, Frei Nicodemo adverte:

Essendo fra Voi alcuni che promuovono la inaugurazione della vostra nuova Capella senza prima avere [...] la necessaria licenza del Revmo. Sig. Vescovo [...] è di mio dovere di parroco, mostrarvi la grave situazione e il grande pericolo che minaccia la vostra vallata, se da questi alcuni vi lasciate ingannare. La

benedizione della Chiesa si farà, ma soltanto dopo di avere adempito tutte le condizioni del diritto ecclesiastico e quelle che il Vescovo ci impone.²⁶

A diferença entre o componente da emissão e o da recepção do discurso está delimitada; a fala está determinada por quem a emite, como também por aqueles para quem é emitida. Desse modo, o ato de dizer veicula nesse dizer a posição do próprio sujeito falante. A forma de dizer é legitimada e regulada por um processo histórico institucional, como também pelo espaço ideológico da produção do texto. Segundo a supracitada autora Orlandi, pode-se dizer que o *sentido* é disseminado pelo jogo de poder na/da linguagem.²⁷

A palavra no tipo autoritário deve instaurar a distância entre o locutor face o seu interlocutor; se diminuído o grau de polissemia, mais facilmente a mensagem é afirmada:

Il vostro parroco dunque vi prega e vi dice qual vostro legittimo Superiore che non potete trasportare le immagini fin a tanto che la nuova chiesa non sai benedetta. [...] Ricordatevi che il parroco è l'única autorità competente entro la parrocchia, che ha de sapere ciò che è necessario [...] Vi prego di pensare le gravi conseguenze che verranno per la vostra chiesa, per la vostra vallata, se non obbedite al vostro parroco.²⁸

De acordo com Orlandi,²⁹ percebe-se que, no percurso da comunicação, o discurso define-se como um dizer institucionalizado, o qual se garante, garantindo a instituição de onde se origina e para a qual tende – a *igreja*. Orlandi, ao tratar das formações imaginárias, elaborou um esquema mostrando o percurso da comunicação pedagógica, no qual se pode enquadrar o discurso religioso:

| QUEM | ENSINA | O QUE | PARA QUEM | ONDE |
|-----------------|---------|---------------------|----------------|---------------------|
| Imagem do Padre | Inculca | Imagem do Referente | Imagem do Fiel | Igreja |
| | | Metalinguagem | | Aparelho Ideológico |

A imagem de Deus (o Sujeito) é instaurada pelo seu representante, que partilha com os fiéis as questões do plano espiritual e, nesse processo, os fiéis são interpelados como sujeitos, estabelecendo-se o reconhecimento mútuo entre Sujeito e sujeitos. Esse processo acontece por meio do lugar atribuído à palavra (referente), a qual é legitimada pela ideologia católica. Dessa forma, pensar o discurso religioso como autoritário é pensá-lo exercido por uma autoridade não

atribuída indistintamente. Frei Nicodemo reafirma, no panfleto aos ascurrenses:

Ricordatevi [...] essere un gra' obbligo per un cristiano obbedire al suo parroco in cose ecclesiastiche. Fu ai sacerdoti che Nostro Signore hà detto nel Vangelo: 'Chi ascolta voi ascolta me, e chi voi disprezza, disprezza me'. Luc. C.X.V. 16. Avete dunque lo stretto dovere di obedire al vostro parroco, e non già all'uno od all'altro civile Che vi suscita alla ribellione contro l'autorita. Ben diceva l'attuale Vescovo di Rio Grande in una sua lettera: 'Non sono i contadini che governano la Chiesa di Dio, ma il Vescovo e sotto la sua dipendenza il parroco'.³⁰

Nota-se que o discurso pela argumentação procura persuadir o ouvinte, e nesse ato de argumentar, orienta o discurso para uma única conclusão. Dessa forma, subjaz, nesse ato lingüístico uma ideologia: a argumentação, no discurso, procura conduzir o ouvinte a concluir o que o locutor propõe, típico do discurso religioso católico aqui analisado.

As citações bíblicas utilizadas nesses panfletos, sugerem um encadeamento, o qual é estabelecido por relações de conjunção, tanto argumentativas como discursivas. Observem-se alguns enunciados contidos nos panfletos: *chi si oppone alla podestá, resiste all'ordinazione di Dio. E quei, che resistono si comperanno la dannazione*.³¹

O conteúdo dessa proposição nesse esquema silogístico, leva o interlocutor a concluir que, sob a condição de não acatar a autoridade, é ele um condenado. Assim, o esquema: *Quem se opõe à autoridade, se opõe à ordem estabelecida por Deus e atrai sobre si a condenação*, leva a concluir que aquele que não acata a autoridade é condenado.

No percurso dessa comunicação religiosa, esse esquema argumentativo instaura-se como um meio revelador de mecanismos para o reconhecimento do sujeito. Observe-se ainda outro trecho: *Pongo dinnanzi ai vostri occhi le parole della S. Scrittura: il disobbedire è come il peccato della divinazione, e il non volere soggettarsi è come il delitto d'idolatria*.³² Desse modo, compreende-se que o indivíduo é condenado por não obedecer à autoridade; logo, é pecador e idólatra.

Tais citações assim elaboradas mostram o distanciamento entre o interlocutor e o plano espiritual. Os panfletos, no entanto, redirecionam o interlocutor, impondo-lhe a condição para ser bom: *spero che come buoni cristiani [...] saprete compiere i vostri doveri [...] non lasciandovi condurre sulla via deplorable della disobbedienza*³³; ora, se for obediente será bom cristão.

No *Mandamento*, o Bispo anuncia-se logo no preâmbulo, quando afirma: *Dom Duarte Leopoldo e Silva ao Revmo Vigário e aos fiéis do curato de Rodeio saudação, paz e*

bênção em Nosso Senhor Jesus. O cotejo de diversos textos permite algumas observações interessantes. Em alguns trechos enfatiza-se o “eu” na primeira pessoa. Em outros, a situação se inverte e passa para a primeira pessoa no plural; o “nós” comanda a ação. É o corpo clerical claramente definido:

Caríssimos filhos! Em cumprimento a um dever sagrado, transpusemos as primeiras linhas das vossas valadas com o coração a transbordar de alegria [...] nos acariciava a esperança de encontrar no meio de vós católicos sinceros, filhos obedientes, dedicados sem reserva à santa causa de Deus e da sua Igreja.³⁴

Os discursos se organizam em torno de expressões que se repetem, em que, na maioria das vezes, procura-se enfatizar a autoridade. Neles, o “eu” é totalmente evidenciado:

Só o Bispo tem graças de estado, bênçãos especiais para dirimir questões e competências entre os seus diocesanos; só o Bispo, cujo olhar abrange toda a extensão de uma vastíssima Diocese, pode conhecer as necessidades reais de cada uma das suas paróquias; só o Bispo, sobre cujos ombros recai o enorme peso das almas, pode distribuir, com segurança e eficácia, o serviço espiritual: só o Bispo que recebeu de Deus a missão de vos mostrar o caminho de alumiar os vossos passos, pode exigir o sacrifício do vosso amor próprio, das vossas mal entendidas rivalidades e competências; em uma palavra, só ele tem o direito de reclamar a vossa obediência, e vós sois rigorosamente obrigados em consciência a acatar as suas ordens e deliberações.³⁵

Conforme o fragmento acima, o Bispo é o dono do pensamento, das decisões, das medidas, é também aquele que tem consciência e dever e, mais do que isso, se define paradigmaticamente como homem autorizado, que toma decisões. No fundo é o “eu” que decide, mesmo que em alguns textos a expressão se desloca para o “nós”.

As formas de interpelação, de construção do sujeito, e o momento em que o sujeito enunciador se enuncia através de sua relação com o outro, são momentos privilegiados. Essa relação ganha significado especial quando se toma em consideração as condições de emergência do discurso religioso, isto é, as formas específicas como a hierarquização clerical foi constituída na história, através de um exercício de autoridade e através da relação informal.

Diante dessas evidências percebe-se que o discurso religioso foi marcado pela estratégia argumentativa e esta superpôs-se nos panfletos de Frei Nicodemo. Tais textos procuraram realizar um trabalho de sujeição dos indivíduos ao ideário da “harmonia” e a ação pretendida foi desempenhar um papel de disciplinarização.

O discurso argumentativo diante das justificativas, explicações e recomendações apresentadas para a bênção da Igreja, é entendido em função das estruturas de poder e do sistema de normas dominante na estrutura eclesiástica, a qual impõe a supremacia da ordem moral.

Toda autonomia dos fiéis deveria ser eliminada, e essa nem sempre foi tarefa fácil e imediatamente conseguida. O sentido que procura se impor é único, pois o discurso é autoritário e contém a polissemia; assim a mensagem é mais claramente afirmada e o signo tem seu grau de polissemia diminuído. Pensar o discurso religioso como um discurso autoritário é verificar que há uma linguagem autorizada e uma autoridade legitimada por um sistema ideológico.

Assim, a análise de conflitos entre os padres alemães e os italianos envolve a abordagem de um aspecto muito amplo de situações e questões em que a ideologia sempre presente revela interesses em jogo e desvela a realidade que, por vezes, se procurou ocultar pelo discurso.

NOTAS DE FIM

¹ Para Baczko, através dos seus imaginários sociais uma coletividade elabora uma certa representação de si; estabelece a distribuição de papéis e das posições sociais; exprime e impõe crenças comuns; constrói uma espécie de bom comportamento. BACZKO, Bronislaw. *Imaginação social*. In: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Oficial, Casa da Moeda, 1985, p.309.

² Orlandi definiu o discurso religioso católico como autoritário, em que a voz do padre manifesta-se como a voz de Deus (ilusão da reversibilidade). O lugar sagrado de onde os representantes da Igreja dirigem-se aos fiéis lhes confere uma autoridade e um poder de influência. *O locutor (o Sujeito, Deus) e os ouvintes (os sujeitos, homens) pertencem a duas ordens de mundo totalmente diferentes e afetadas por um valor hierárquico, por uma desigualdade em sua relação*. ORLANDI, Eni Pulcinelli. *A linguagem e o seu funcionamento: As formas do discurso*. 2. ed. Campinas: Pontes, 1987, p. 139-162.

³ Uma primeira versão deste artigo foi apresentada na XXI Reunião da SBPH (Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica) realizada no Rio de Janeiro, nos dias 24 a 27 de julho de 2001. O presente artigo foi ampliado bem como reformulado em diversos aspectos.

⁴ Foucault não tem uma teoria do poder, mas faz uma analítica do poder e nesta fornece elementos para que se analise o poder numa perspectiva bem mais abrangente do que uma análise que se limite a denunciá-lo

⁵ BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1999, p. LIV.

⁶ BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas lingüísticas*. São Paulo: Edusp, 1996, p. 23.

⁷ BOURDIEU, Pierre. 1999. Op.cit., p. LV. Segundo Bourdieu, além da ordem sagrada, também passam a proteger seus próprios interesses.

⁸ BOURDIEU, Pierre. 1996. Op. cit., p. 87.

⁹ TEVES, Nilda. *Imaginário social e educação*. Rio de Janeiro: Gryphus, 1992 p. 10.

- ¹⁰ MERLEAU-PONTY, Maurice. *O visível e o invisível*. São Paulo: Perspectiva, 1964, p. 14.
- ¹¹ Frei Nicodemo foi pároco em Rodeio nos anos de 1904 a 1907 e de 1917 a 1920. Utiliza-se Nicodemo e não Nicodemos. Trata-se da mesma pessoa, mas nos dois folhetos aqui analisados encontra-se Nicodemo e, em outros, Nicodemos.
- ¹² Caríssimos paroquianos de Ascurra e Aviso.
- ¹³ ORLANDI, Eni Pulcinelli. 1987. Op. cit., p. 158.
- ¹⁴ ORLANDI, Eni Pulcinelli. 1987, Op. cit., p. 125.
- ¹⁵ BESEN, José Artulino. Monsenhor Topp: o institucionalizador da Igreja Catarinense. *Revista Encontros Teológicos*. Florianópolis: n.02, 1990, p.28.
- ¹⁶ ALTOÉ, Valeriano. Napolitanos, “nuvens de gafanhotos”? DE BONI, Luis Alberto. *A presença italiana no Brasil*. V. II. Porto Alegre; Torino: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Ed. Fondazione Giovanni Agnelli, 1996, p. 440.
- ¹⁷ Teresópolis era uma colônia alemã. Hoje é uma localidade do município de Águas Mornas, SC.
- ¹⁸ Não se refere à língua. É uma expressão que se encontra em vários documentos: “Queremos um padre que saiba nos entender”.
- ¹⁹ Carta de Frei Polycarpo Schuhen a Dom João Becker. Rodeio, 27 de agosto de 1911.
- ²⁰ Fabriqueiros ou Conselho de Fábrica eram as pessoas que trabalhavam na administração da estrutura eclesiástica, principalmente na construção e reforma das capelas. Deve-se observar que formavam uma diretoria que prestava juramento e estava sob a presidência do pároco.
- ²¹ No panfleto, frei Nicodemo descreve as condições exigidas pelo direito eclesiástico: 1. Um título de propriedade autenticado pela competente autoridade civil, com o qual se concede o terreno à Igreja Católica; 2. Um documento feito pelos fundadores da igreja e legalizado pelo escrivão civil com o qual se declara por escrito que cedem todos os direitos que têm, ao Bispo Diocesano, nas formas e costumes em vigor na Igreja Católica.
- ²² GRUNDHOFF, Nicodemo. Carta a Dom Duarte. Rodeio, 15 de janeiro de 1906. Relata ao Bispo como ocorreu a inauguração da capela. As informações que fornece ao Bispo são a partir dos relatos de um homem de confiança que enviou para Ascurra a fim de verificar as ocorrências.
- ²³ SILVA, Dom Duarte Leopoldo e. Curitiba, 02 de fevereiro de 1906.
- ²⁴ Nos primeiros anos de colonização, um grupo de colonos, com predominância de trentinos, separou-se da capela Santo Ambrósio de Ascurra e, não muito distante desta, construiu outra, denominando-a *Sagrada Família*. Além dessa divisão interna entre os colonizadores, o conflito entre a capela Santo Ambrósio e o clero franciscano se intensificou por divergências quanto ao local de construção da nova capela. Conforme um relatório entregue pelos ascurrenses ao Pe. João Canônico, em 1914, para ser levado ao Papa, em Roma, a decisão deu-se por meio de um sorteio liderado pelo Pe. Lucínio Korte, sob a exposição do Santíssimo Sacramento e com a ameaça de maldição até a 4ª geração aos que não aceitassem a decisão. A capela contemplada para a nova construção foi a Sagrada Família, mas os italianos da capela Santo Ambrósio alegaram manipulação no sorteio e não aceitaram a decisão. No relatório, os italianos descreveram que a intenção do Pe. Lucínio era autorizar somente a nova construção da capela Sagrada Família. DALLABRIDA, Norberto. *A sombra do campanário: o catolicismo romanizado na área de colonização italiana do Médio Vale do Itajaí Açu*

(1892 – 1918). Florianópolis: 1993, p. 147-148. Dissertação de Mestrado em História na UFSC. José Finardi, ao tratar sobre o caráter devocional e as divergências que surgiam para a adoção dos santos padroeiros nos primórdios da colonização, disse que a adoção de Santo Ambrósio por Ascurra se deu por imposição de Giovanni Buzzi. *Tanta questão fez em adotar Santo Ambrósio como padroeiro e foi o primeiro a se agastar como fabricante da incipiente capela, erigindo outra, dedicada à Sagrada Família, e que, paradoxalmente, motivou tanta discórdia por tantos anos entre os povoados da Ascurra.* FINARDI, José E. *A colonização italiana de Ascurra. 1876-1976.* Blumenau: Gráfica 43 S/A, 1976, p. 41-42.

²⁵ PINTO, Celi Regina Jardim. *Com a palavra o senhor presidente José Sarney ou como entender os meandros da linguagem do poder.* Hucitec, São Paulo: 1989, p. 22.

²⁶ Visto que há entre vocês alguns que promovem a inauguração da vossa nova capela, sem antes terem a licença do Revmo. Senhor Bispo, é meu dever de pároco, mostrar-vos a grave situação e o grande perigo que ameaça a vossa Valada. A bênção da Igreja se fará, mas somente depois de haverem cumprido todas as condições exigidas pelo direito eclesiástico e aquelas que são impostas pelo Bispo.

²⁷ ORLANDI, Eni Pulcinelli. 1987, Op. cit., p. 21.

²⁸ O vosso pároco, pois, vos pede e vos diz qual legítimo superior que não podeis transportar as imagens enquanto a nova igreja não estiver benta. Lembrem-se que o pároco é a única autoridade competente dentro da paróquia, que tem que saber o que é necessário. Peço-vos que pensem nas graves consequências que virão para a vossa igreja, para a vossa valada, se não obedecerdes ao vosso pároco.

²⁹ ORLANDI, Eni Pulcinelli, 1987, Op. cit., p. 28.

³⁰ Recordai-vos que é uma grande obrigação para o cristão obedecer ao seu pároco em coisas eclesiásticas. Foi aos sacerdotes que Nosso Senhor disse no Evangelho: Quem vos escuta, a mim escuta e quem vos despreza a mim despreza. (Lc. 10, 16). Tendes, pois, o estreito dever de obedecer ao vosso pároco, e não a um ou a outro civil que provoca rebelião contra a autoridade. Bem dizia o atual Bispo do Rio Grande do Sul em uma de suas cartas: 'Não são os camponeses que governam a Igreja de Deus, mas o Bispo e sob a sua dependência o pároco'.

³¹ Quem se opõe à autoridade, se opõe à ordem estabelecida por Deus. Aqueles que se opõem, atraem sobre si a condenação.

³² Ponho diante dos vossos olhos a palavra da Sagrada Escritura: O desobedecer é como o pecado da adivinhação, e o não querer sujeitar-se é como o delito da idolatria.

³³ Espero que como bons cristãos, sabereis cumprir os vossos deveres, não deixando-vos conduzir pelo caminho deplorável da desobediência.

³⁴ SILVA, Duarte Leopoldo e. *Mandamento.* Em visita pastoral, Rodeio, 12 de outubro de 1905.

³⁵ SILVA, Duarte Leopoldo e. *Mandamento.* Op.cit.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTOÉ, Valeriano. Napolitanos, “nuvens de gafanhotos”? DE BONI, Luís Alberto. *A presença italiana no Brasil.* V. II. Porto Alegre; Torino: Escola Superior de teologia São Lourenço de Brindes; Ed. Fondazione Giovanni Agnelli, 1996, p. 440.

BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. In: *Enciclopédia Einaudi*. V. I. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984.

BESEN, José Artulino. Monsenhor Topp: o institucionalizador da Igreja Catarinense. *Revista*

Encontros Teológicos. Florianópolis: n. 02, 1990.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas lingüísticas*. São Paulo: Edusp, 1996.

A economia das trocas simbólicas. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.

DALLABRIDA, Norberto. *A sombra do campanário: o catolicismo romanizado na área de colonização italiana do Médio Vale do Itajaí Açu (1892-1918)*. Florianópolis: 1993.

Dissertação de Mestrado em História na UFSC.

FINARDI, José E. *A colonização italiana de Ascurra (1876-1976)*. Blumenau: Gráfica 43 S/A, 1976.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I – A vontade de saber*. 9. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *O visível e o invisível*. São Paulo: Perspectiva, 1964.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *A linguagem e o seu funcionamento: As formas do discurso*. 2. ed. Campinas: Pontes, 1987.

PINTO, Celi Regina Jardim. *Com a palavra o senhor presidente José Sarney ou como entender os meandros da linguagem do poder*. São Paulo: Hucitec, 1989.

TEVES, Nilda. *Imaginário social e educação*. Rio de Janeiro: Gryphus, 1992.

OUTRAS FONTES

- Carta - *Mandamento* de Dom Duarte Leopoldo e Silva. Em visita pastoral, Rodeio, 12 de outubro de 1905.

- Folheto: *Carissimi Parochiani di Ascurra*. Rodeio, 21 de novembro de 1905.

- Carta de Frei Nicodemo Grundhoff a Dom Duarte Leopoldo e Silva. Rodeio, 15 de janeiro de 1906.

- Carta de Dom Duarte L. e Silva ao Frei Nicodemo Grundhoff. Curitiba, 02 de fevereiro de 1906.

- Folheto: *Avviso*. Rodeio, 09 de março de 1906.

- Carta de Frei Polycarpo Schuhen a Dom João Becker. Rodeio, 27 de agosto de 1911.

Meus Tempos de Colégio - II O Ginásio

TEXTO:
ARMANDO LUIZ
MEDEIROS*



1951 - O Prédio Novo

O prédio era novo, “cheirando a leite”, apesar de já ter abrigado a Exposição do Centenário. Bem, o odor na verdade não era de leite, mas de madeira, ou talvez fosse proveniente do verniz, que era, com certeza, produzido na própria marcenaria. O pátio ainda não havia sido asfaltado.

O “Prédio Novo” tinha quatro andares. No térreo e no primeiro andar, as salas de aulas; uma por turma. No terceiro andar, as salas especializadas, raramente usadas. A de Geografia, cheia de velhos mapas, a de Desenho, com imensas pranchetas (em lugar dos usuais bancos duplos), vasos de cerâmica e outras figuras apropriadas ao desenho artístico, os laboratórios de Química e de Física, usados só pelo Científico. Um quarto piso, de área menor, abrigava o Museu do Colégio, raramente aberto à visitação, mas muito interessante. Neste último nível ficava também o pequeno e espartano apartamento usado pelo Professor Germano (e acho que havia ainda um outro que servia ao secretário Pult).

Ao lado deste “Prédio Novo” ficavam as dependências dos alunos internos, a pequena lojinha que vendia livros e cadernos, administrada por Frei Fulgêncio, os refeitórios e os dormitórios. Entre este bloco e o campo de futebol ficava o salão de cinema, já mencionado em artigo anterior.

Atrás do “Prédio Novo”, outro campo de futebol, recém adaptado para a prática de atletismo. Do outro lado da Rua Sete, a marcenaria, para a recupera o do mobiliário durante as férias, e a piscina, privilégio de uso quase que exclusivo dos alunos internos.

A classe da “primeira série A” ficava no primeiro andar, voltada para o galpão que dava prote o

* Colaborador da Revista Blumenau em Cadernos.

à parte do pátio nos dias de chuva. Pela primeira vez o Colégio classificava as turmas de acordo com as iniciais dos alunos, experiência do estabelecimento para equilibrar melhor o nível das turmas, antes separadas simplesmente por “internos” e “externos”, o que tendia sempre a pender para o lado dos internos, que menos tinham a fazer do que estudar. Minha turma “A” incluía os nomes começados por A até G. Muitos nomes, aliás, bastante desconhecidos, por muitos serem de estudantes oriundos de outros municípios, aqui chegados em busca de um ensino de melhor qualidade. Os Cesário Pereira vinham de Itajaí, tal como o Malburg. Os irmãos Bertoncini, do sul do Estado. Outros eram de Lages ou Rio do Sul. Muitos dos novos vinham daqui mesmo; apenas tinham freqüentado outras escolas primárias.

O Colégio era dirigido por Frei Ernesto e administrado por Frei Odo. Dizia-se que havia sido este último quem pusera ordem na casa, após anos a fio de prejuízos sustentados pela Província Franciscana. O Diretor era parte da intelectualidade da Cidade, tendo tido posição proeminente nos então recentes festejos do Centenário. Era também emérito professor substituto. Ao ser detectada a falta de qualquer professor, Frei Ernesto imediatamente o substituía, com uma aula sobre um de seus dois assuntos prediletos: as funções do “quê” e a crase ... Confesso que já me esqueci quais as funções do quê, mas garanto que não cometo erros ao usar o acento grave ...

Cada classe tinha um “menino do bloco”, que anotava, no tal bloco, os nomes dos alunos faltantes, na mesma folha (uma por dia letivo) de que se se viam os professores para lavrar os temíveis “termos”, que aconteciam frente a algum caso de grave indisciplina ou de falta de apresentação das lições de casa. Mais tarde, no mesmo dia, os termos eram passados pessoalmente pelo Diretor para as cadernetas, que deveriam voltar assinadas pelos pais ou responsáveis.

Alunos indisciplinados ou desordeiros eram sumariamente expulsos de sala, com um pesado “termo”. Por falar em expulsões, dizia-se que quem quer que saísse de sala, a qualquer momento (e por qualquer motivo, inclusive para ir ao banheiro), encontraria Zé Vieira ou Ayrton Mosimann (ou até mesmo os dois juntos). Não sei se isto era verdade, mas encontrei-os fora de sala por mais do que um par de vezes ...

As notas mensais eram lançadas nas cadernetas pelo Pult, uma espécie de Secretário Executivo, que se dava, inclusive, ao trabalho de computar, em ordem decrescente, a classificação de cada aluno em sua turma (e tudo calculado à mão!). Nunca entendi muito bem a razão dessa trabalhadeira; entendo que poderia ser interessante saber quem foi o primeiro, o segundo ou o terceiro da turma,

mas nunca o quadragésimo sexto ou o quadragésimo sétimo ...

Pult era gordo, quieto e sisudo, pelo menos no trabalho. À noite, se revelava um boêmio incorrigível. Lembro-me como foi divertida nossa festa de formatura do Ginásio, celebrada com um churrasco regado a cerveja, no Olímpico. Pult não deixou ninguém ficar de copo vazio. Foi, provavelmente, meu primeiro porre. Primeiro meu e de muitos outros colegas também ...

Complicado era o sistema de notas. Tudo era ponderado. As notas mensais tinham peso dois; a primeira prova parcial (aplicada em junho, sobre a matéria do primeiro semestre), também dois; a segunda prova (que embora também fosse chamada de parcial, englobava toda a matéria do ano) valia três, tal como a prova final oral. Este complicado cálculo (pobre Pult!) indicaria a média final, que para aprovação devia ser superior a quatro em cada matéria e a cinco, na média. É bom lembrar que tal complicação não provinha do Colégio, mas de exigência do Ministério da Educação.

O mesmo ministério mantinha uma inspeção periódica, com objetivo de acompanhar o desenvolvimento do programa letivo, na simpática pessoa do Inspetor Federal Dr. Arão Rebêlo, que aparecia religiosamente nas classes uma vez por mês, ouvindo professores e alunos perguntar e responder algumas questões quase imbecis, de modo a assegurar respostas sempre corretas ...

O maior acontecimento do período do Ginásio foi o septuagésimo quinto aniversário do Colégio. Uma semana toda de festas, com desfile pela rua Quinze (no qual participei de bicicleta), uma *marche aux flambeaux* e a apresentação de um coral a quatro vozes, no palco do Teatro Carlos Gomes, sob a regência de Frei Odorico.

1991 - Quarenta anos depois

De passagem por Blumenau (sempre de passagem!) resolvi entrar no Colégio. A primeira surpresa ficou por conta das aulas terminando ao final da tarde; as nossas tinham sido sempre no horário da manhã. Segunda surpresa: a maioria dos alunos parecia composta de meninas! *Vive la difference!*

O campo de futebol antes transformado em quadra de atletismo havia dado lugar a um ginásio coberto. A velha ala dos internos tinha sido, finalmente, reformada.

Mas grande surpresa ficou mesmo por conta do “Prédio Novo”, que estava lá como se o tempo não tivesse passado! Atravessei a porta principal, aberta, e entrei em uma das salas do andar térreo, uma das usadas pelo Científico

naquela década de 50. As carteiras continuavam impecáveis; a única diferença que notei foi a remoção dos grandes quadros de madeira com fotografias dos contadorandos de cada ano, antes afixados às paredes do fundo. De resto, tudo parecia saído de um “túnel do tempo”. Até mesmo meu fraco olfato era capaz de perceber que o odor ambiente ainda era exatamente o mesmo!

Voltei e entrei na velha sala no meu tempo ocupada por Frei Ernesto. Um padre (sem batina) lia algo, apoiado sobre a mesa. “O senhor é o Diretor?” perguntei. Sua resposta foi imediata: “Eu, Diretor? Não!” quase como se quisesse acrescentar “Cruz, Credo!” Percebendo o constrangimento, falei: “Sou um ex-aluno que há muito não visita o Colégio. No meu tempo, esta era a sala do Diretor.” O pobre sacerdote, ainda assustado com minha figura como que saída do passado, sem saber o que mais dizer, retrucou: “Então o senhor deve ter sido aluno de Frei Odorico!” Ao ouvir minha resposta mais do que positiva (“Claro que fui!”), sacou um GTE adormecido sobre a mesa e falou diretamente com meu querido professor, que por sua vez suspendeu imediatamente o atendimento a um orientando, para dedicar-se a uma longa conversa com um ex-aluno ...

Naquela noite adormeci tranqüilo, como se tivesse tido a ventura de viver um mesmo momento por duas vezes.



Colegas de Curso - Excursão

Jogando “Bolas Quadradas”, ficava “Espião a Maré”

TEXTO
AURÉLIO SADA*



Hoje em dia, tem cerveja que desce redondo, outra que refresca até pensamento. E por aí afora. É a propaganda de idéias avançadas, em pleno começo de século. Inventar é preciso, sempre que for necessário.

Há cerca de 61 anos, já tinha disso. Alguém ainda bem jovem, autodidata, irreverente, irônico e inspirado que só ele, gozador cheio de malícia, já revelava aptidão para fazer um jornalismo divertido para nós blumenauenses, imortalizado, inicialmente, pelo conteúdo da coluna que assinava na secção esportiva de a Cidade de Blumenau sob o originalíssimo título de “Bolas Quadradas”.

Falamos – e com que saudade! – do tijucano que chegou a acabou ficando definitivamente em Blumenau no fim da década de 30, aqui integrando em torno de 35 anos o corpo de funcionários da antiga Estrada de Ferro Santa Catarina: João Vieira, o popularíssimo Mano Jango dos escritos tão apreciados por todo mundo, ainda mais quando passou a produzir, seu notável espírito crítico, uma outra coluna-dez – “Espião a Maré”.

Torcedor do Brasil (depois Palmeiras) assim que se instalou por aqui, pois outro não era o nome do clube que havia em Tijucas, o saudoso Mano Jango, todo simplicidade em sua vida pessoal e no campo profissional, formou com Luiz Reis (Lulu) e Antônio M. Bértoli (Teleco) um trio inseparável de redatores esportivos “perdidos” pelo clube alviverde e que “fez das suas” na luta diária pela divulgação dos fatos marcantes do futebol local de ontem.

A estréia

A edição da Cidade de Blumenau datada de 12 de outubro de 1940 (naquele tempo nem se pensava

* Colaborador da Revista Blumenau em Cadernos

na instituição do festejadíssimo Dia da Criança), trouxe este auspicioso registro sobre a estréia do jornalista-revelação:

“Bolas Quadradas” (1ª. seção)

Cidade de Blumenau nos sports, passa a contar de hoje em diante com a colaboração eficiente de Mano Jango, que vem criar a seção “Bolas Quadradas”.

Esta seção, que iniciamos hoje, tem o único intuito de animar o futebol e não deixar alguém “envenenado”, como por certo irão pensar.

Aos que se queimarem, pedimos desculpas, pois isso são coisas da vida. Passamos à colaboração de Mano Jango:

“De volta de Lages, onde perdeu de 9x1, o Tamoyo foi recebido funebremente. Na sede, diziam as más línguas, lia-se o seguinte epitáfio:

Esta tumba tão sombria

Que a gente ao ver se comove

Guarda o Tamoyo desde o dia

Que em Lages perdeu de nove...”

Para quem não sabe ou não mais se recorda, vale esclarecer que o Tamoyo, clube formado por jovens da classe média, teve existência pouco duradoura, não chegando a “emplacar”.

A propósito, foi muito feliz, o Mano Jango, ao falar do Tamoyo em suas “Bolas Quadradas” de 7 de dezembro de 1940:

“Calcula-se em mais de 12 as pessoas que compareceram à festa do Tamoyo...

A assistência foi tão grande

E consumiu tanta prenda

Que dizem que há quem ande

Ainda, contando a renda...

Sucesso

“Bolas Quadradas” e, pouco depois, “Espião a Maré”, logo caíram no gosto dos leitores e se tornaram famosas, fazendo “vítimas”. Um gênio, o Mano Jango. Acima de tudo, uma honestidade inatacável. Controlava suas bolas com perfeição, enquanto espiava a maré.

Triste de quem caísse na mira de Mano Jango, que descansa em paz na sua querida Tijucas. Ele era de uma inteligência incrível, na simplicidade de sua respeitável obra, adormecida nas prateleiras do Arquivo Histórico Municipal. Gozador como poucos, olhos sempre inquietos, inigualável na “especialidade” de

colher, num detalhe quase imperceptível, a inspiração de suas peças jocosas.

Duas dele

Permito-me resumir dois episódios do “repertório” de Mano Jango.

Um, quando em conversa com Ernesto Kerber, insistiu em alertá-lo sobre a necessidade de se entregar a muitos exercícios de “cálculos renais”, para alcançar boa média na prova de matemática do concurso para ingresso no quadro de pessoal da Estrada de Ferro.

A outra cena, que virou clichê, por ocasião de festiva visita a Blumenau do Ministro Luiz Gallotti, também filho ilustre de Tijucas, custou a Mano Jango gargalhadas a valer dos amigos: Depois de tomar todas, tratou de segurar-se com as duas mãos no paletó que pouco usava, pra não perder o equilíbrio.

Foi tanta “água”, que o colunista tijuquense, autor de três palavras bem postas, teria repetido: “Maré, mar é”.

Em suas rimas e comentários xistosos, Mano Jango fez muita gente rir, despertou antipatia, ódio, inimizade, notadamente ao atingir em cheio a vaidade de cartolas só habituados ao elogio, revelando habilidade de craque no domínio das “Bolas Quadradas”, bem mais difíceis de “prender” do que as redondas.

Sua obra é composta de trabalhos geniais, como que a atestar o dom do autor em produzir maravilhas sem ostentar elevado grau de instrução.

Escrevia para todos os gostos, criando, ao seu estilo, mais nos anos 60, personagens do cotidiano, ingênuos e ferinos...

Impressões de Viajantes

- Um Passeio a São Paulo

É apresentada nesta edição a parte final do livro “Uma Viagem ao Estado de Santa Catarina” do padre Jacomo Vicenzi, escrito no Rio de Janeiro no ano de 1902 e publicado em 1904 pela Tipografia Amerino da cidade de Niterói – Rio de Janeiro.

Nesta obra descreve suas observações de viagem na região do Vale do Itajaí e outras cidades do Estado, quando esteve em visita à sua família na cidade de Rodeio.

Aborda aspectos geográficos, econômicos, sociais e religiosos da época. Escreve seu retorno ao Rio de Janeiro, passando por Blumenau, Itajaí, Florianópolis, Paranaguá e Santos. É uma obra para o estudo de época, de análise social do início do século que merece ser avaliada pelos pesquisadores. Os originais estão à disposição no Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, órgão vinculado à Fundação Cultural de Blumenau.

Um Passeio a São Paulo

Já narrei o incidente da capela da Imaculada Conceição. Esse simples fato seria prova suficiente para demonstrar que no meio daquelas populações, profundamente religiosas, as lutas de partido concentram-se nas respectivas capelas locais. Essas lutas levam aquela gente aos últimos excessos. Vou agora narrar um fato ainda mais frisante que o primeiro.

Poucos dias depois da festa da Imaculada Conceição, empreendi uma viagem de passeio, sendo o ponto terminal cerca de 40 quilômetros de distância. Em um lugar chamado Rodeio foi a nossa primeira pousada. Aí os Padres Franciscanos possuem outro convento, desenvolvendo nele e na vizinhança a atividade e o zelo de verdadeiros missionários. Sustentam um grande extermato em que 120 alunos, filhos e filhas de proletários, recebem diariamente a instrução primária, pagando cada família a pequena soma de 10\$000 cada ano. Para esse mesmo convento foi ultimamente transferido o noviciado da Ordem Franciscana do Brasil.

Antes de prosseguir, não deixarei de dizer algumas palavras sobre a vida cheia de merecimentos des-



ses dignos filhos de S. Francisco de Assis.

No convento do Rodeio, existem sempre, além dos irmãos leigos, uns quatro ou cinco frades de missa. Fora os muitos trabalhos da localidade, têm a seu cargo mais de trinta capelas filiais, espalhadas numa imensa extensão, não possuindo, para essas viagens penosas, para condução senão animais de sela. Oito dessas capelas estão no alto Jaraguá, longe do convento não menos de 80 quilômetros. Até lá vão eles freqüentemente, tendo de passar por caminhos quase impraticáveis. A maior dificuldade a vencer é uma serra altíssima, na qual há pontos de passagem tão altos e estreitos que aterrorizam aos homens mais corajosos. Se quisesse agora descrever, só pelo que vi, os sacrifícios e padecimentos inauditos desses pobres missionários, os mais ardorosos inimigos dos frades dar-se-iam por vencidos. Sobre isso não posso estender-me: andaria de encontro ao meu plano. Direi somente que é uma vida tão cheia de privações, de trabalhos sem fim, de má ou insuficiente alimentação, de chuvas torrenciais que os apanham em caminhos e lugares completamente desertos, enquanto quase todos eles já perderam, para sempre a saúde, devido à diferença de clima e ao excesso dos trabalhos; tudo isso não só convence aos mais incrédulos, mas desperta-lhes na alma sentimentos de compaixão. Essas almas, não há dúvida, vão-se desprendendo a olhos vistos da terra e se avizinhamo sempre mais do céu. Contemplando eu algum desses quadros comovedores e eloqüentes, sentia-me em tais ocasiões tão desconcertado que perguntava-me se Deus permitirá ao homem tais excessos de penitência.

A digressão já se torna demasiado extensa: é tempo pois de terminá-la. Espero ser desculpado se ainda não falei do que acima prometi.

Eram 10 horas da manhã quando chegamos ao convento. Fomos bem recebidos, e um bom almoço restituiu-nos as forças já meio desfalecidas. Após a refeição, entretivemo-nos algum tempo com os religiosos em amável conversa, seguindo depois no mesmo carro para o *vale* denominado S. Paulo, onde chegamos às 2 horas da tarde, tendo andado cerca de hora e meia. Existe aí, há mais de 27 anos, uma família, que dentre as muitas da localidade, tenho sempre estimado com preferência; é a família Buzzi em cuja casa costumo hospedar-me. Esta é uma das famílias mais conceituadas do lugar, tendo sido outrora a mais poderosa, distinguindo-se por uma numerosa e valente prole, unida afetuosamente ao tronco por esse laço estreito de amor que tão raras vezes se encontra em nossos dias. A família Buzzi, com o andar dos tempos, muito decaiu da sua prosperidade, pois era impossível que tantas filhas e filhos casados fossem continuar a residir na mesma casa.

Assim mesmo, ao transpor mais uma vez aquele saudoso limiar, não experimentei aquela dor pungente que costuma ferir-nos o coração, quando, de

volta a um lugar querido, nada mais encontramos do que deixáramos, tendo já desaparecidas as pessoas queridas. Encontrei ainda, com efeito, nessa casa patriarcal a última filha (já noiva) e dois filhos, sendo um deles casado. Mas o principal é que ainda encontrei o primitivo casal, isto é, os pais dessa numerosa prole. Dizer o modo como fui recebido e agasalhado é inútil, falando-se de pessoas amigas, de coração lhano e generoso e de uma alma profundamente católica.

O *vale* de S. Paulo conta cerca de 120 famílias estabelecidas de uma e outra parte do caminho, conforme o plano que deixei escrito no princípio desta narrativa.

Farei notar que do lado direito, a mil metros da estrada, existe uma outra série de colônias ou propriedades de colonos.

Quase logo no princípio de S. Paulo, construiu-se desde os primeiros anos, uma capela de madeira, que era visitada de vez em quando pelo antigo Vigário. Perto dessa capela, que ainda existe, estão atualmente construindo uma outra, cujas obras estão bastante adiantadas. Esta é toda de tijolos e vai ser uma das melhores e a maior do município, sem excluir a da Imaculada Conceição.

No meio mais ou menos do caminho de S. Paulo, cerca de 45 minutos adiante da primeira, há outra capela de mui recente construção. Essas duas capelas são dois pontos da mais dolorosa e aguda discórdia entre as famílias dessa tão bela localidade.

S. Paulo é um dos *vales* mais lindos e pitorescos que eu conheço naquele município. Ao viajante, que do Rodeio para lá se encaminha, impressiona docemente aquela longa e fértil planície, inteiramente cultivada e ladeada em suas extremidades por silvosas montanhas. A par dessa beleza natural há um mal que talvez uma ou muitas dezenas de anos não consigam extinguir. De todo o vasto Curato do Rodeio é este o ponto mais dolorosamente ferido pela praga da discórdia. O que mais contribui para aumentar o mal é que muitas famílias, residentes além da segunda capela pertencem à primeira, e vice-versa.

Há naquelas paragens um costume piedoso e poético, em virtude do qual, aos domingos, por falta de padres, ajunta-se o povo na capela, à hora da missa, enquanto um dos mais conceituados lê todos os atos do santo sacrifício, acrescentando, antes de acabar, mais algumas preces.

Esqueci-me dizer que a primeira capela de S. Paulo é consagrada a Santo Ambrósio, a segunda à Sagrada Família. Acontece pois que, quando algum padre franciscano (a eles, como já disse, pertence, à cura de algumas do Curato de Rodeio e da Paróquia de Blumenau) vai visitar a capela da Sagrada Família, certos moradores, que residem mais adiante, mas pertencentes à capela de Santo Ambrósio, abalam-se de suas próprias casas, passam em frente à igreja em que o sacerdote está celebrando, e vão até a de Santo Ambrósio, onde um deles reza os

atos do costume. E note-se que há quem assim faça mesmo sendo dia santificado. Parece até incrível que homens de fé, como inegavelmente são, se deixem levar a tais excessos pelas paixões de partido!

De ambos os partidos tenho em S. Paulo bons e sinceros amigos. Sempre animado da mais absoluta imparcialidade, observarei que a capela da Sagrada Família é composta de católicos obedientes e dóceis às ordens e conselhos das respectivas autoridades eclesiásticas. A família Buzzi, em cuja casa hospedei-me, pertence a esta capela, e, como eu só pretendia demorar-me um dia, era justo que celebrasse com preferência nesta e não na primeira. Se porém tivesse maior demora, não deixaria de fazer o mesmo na de Santo Ambrósio, pois o Cura mostrara a maior condescendência, dizendo-me que ele mesmo, com fim de acalmar os ânimos, e chamá-los a melhor partido, tinha recommençado a visitá-la.

À tardinha, após o jantar, fomos (eu e meu pai) dar um passeio de carro, fazendo uma visita a uma família residente pouco mais de quinhentos metros para diante da capela da Sagrada Família. A recepção não podia ser melhor. Aquela família, na simplicidade de seu coração, mostrou a mais viva alegria, recebendo dentro de sua casinha, pela primeira vez, um sacerdote, que fora conhecido por todos, quando menino. A família era numerosa. A filha mais velha contaria, quando muito, uns dezesseis anos. Os outros faziam uma escada de mais oito ou nove degraus. Mal tinha entrado nessa casa, que desabou medonha tempestade, sendo forçado a demorar-me até que passasse.

Entretendo-me, em certa ocasião, em conversa com os filhos mais velhos, depreendi que não costumavam ir à missa na próxima igreja. Eu então insisti amigavelmente para que ao menos eles, não indo os pais, não deixassem de me aparecer, no dia seguinte. O meu convite foi tão íntimo e amigável que não tive a menor dúvida de um triunfo certo.

Às 8 horas do dia seguinte, chegava eu à dita capela, onde encontrei muita gente que, na véspera, tinha sido avisada. Confessei diversas pessoas e, ao Evangelho, fiz uma alocução sobre a concórdia, incitando a todos a se amarem com caridade, perdoadando reciprocamente as ofensas recebidas. Essas palavras foram muito bem aceitas, mas para muitos foram pregadas no deserto: das dissidentes nem ao menos uma família se achava presente. Procurei depois no meio do povo, e nem uma pessoa encontrei da família visitada na véspera. Devo confessá-lo francamente: isto causou-me um grande pesar.

Tive mágoa, contemplando nesse incidente a maior calamidade daquele vale pitoresco. Quando terá fim esse estado anormal das coisas, essa constante agitação dos ânimos? Oxalá esteja próximo o dia em que a paz volte a habitar tantos lares perturbados!

Minha viagem a S. Paulo foi rapidíssima: a data em que devia seguir para o Rio vinha se aproximando. No mesmo dia, pois, após o almoço e uma hora de agradável palestra, retirei-me agradecido e cheio de saudades daquele povo amigo e particularmente da família que generosamente e de braços abertos me acolhera.

Reminiscências

Existe em Blumenau um colégio fundado pelo falecido Vigário da mesma Freguesia, Padre José Maria Jacobs. Nele passei dois anos, 1885 e 1886.

Uma das coisas que então mais me encheram de religioso entusiasmo foi a belíssima obra da *Santa Infância*.

São incalculáveis os benefícios que naquelas paragens se tem produzido. Muitas somas daí saíram para as missões do Oriente. Esses dinheiros, como é sabido, são destinados a resgatar crianças pagãs, que doutra forma morreriam abandonadas e sem batismo. As que morrem, já resgatadas pelos missionários, (são anualmente muitas dezenas de milhares) sobem direitinho para o céu a orar pelos seu benfeitores.

Encontrei agora esta obra em bastante e quase completa decadência.

Mas é outra a instituição de que pretendo ocupar-me. É uma Devoção especial do S. Coração de Jesus que tem sua sede em Roma.

Todo aquele que der por uma só vez a soma correspondente mais ou menos a 1\$000 (uma lira italiana) é considerado membro perpétuo da dita associação e, como tal, tem direito a imensos favores espirituais, como sejam diversas missas diárias etc. etc.

O meu velho e bom padrinho João Trentini tem sido, de muitos anos para cá um verdadeiro apóstolo desta Devoção. Ultimamente tudo esfriou, e, em poucas palavras direi o porquê.

Sendo aquelas localidades muito pobres, os recursos dos seus habitantes são exíguos, e por isso qualquer gasto indispensável seria um prejuízo muito sensível.

Nas inúmeras capelas erguidas e custeadas pelo esforço inaudito de seus agregados, nota-se a falta dos objetos às vezes os mais insignificantes. Daí partiu o raciocínio do piedoso e zelosíssimo vigário daquelas paragens. “Sendo, disse ele, tanta a pobreza de nossas capelas, não convém que desviemos o nosso dinheiro para outros fins.” E tinha sua razão, baseado naquele ditado: *primo sibi caritas*; a caridade sempre começa por casa. A intenção, pois, do aludido sacerdote não podia ser melhor.

Apesar disto, esse raciocínio, a meu ver, peca pela base. E, na verdade, quem conhece o coração humano, conhece outrossim, por experiência, que nem

sempre ele se governa pelo frio raciocínio.

O que damos de própria vontade, damo-lo independentemente de qualquer outro gasto, embora haja de ser para instituições análogas. Se essa oferta (voltando ao assunto) tivesse de repetir-se periodicamente, não duvido fosse capaz de prejudicar a causa local; mas não é isto que se dava: a única esmola de uma lira dava o direito de associado perpétuo daquela pia instituição.

A consequência, portanto, dessa medida foi tirar às almas piedosas a ocasião de fazer uma obra de piedade que doutra forma nunca farão. Além disso, aquele que, de tantos anos para cá, dedicava a tão santa empresa os seus mais preciosos momentos, desenvolvendo nela o seu zelo com grades sacrifícios, ficou para sempre paralisado, obedecendo prontamente ao seu vigário, como bom católico que é.

A isso alguém talvez responda que se ele trabalhava por zelo poderia agora fazer o mesmo em instituições análogas. Simples ilusões de quem não conhece os segredos do coração humano.

Deixemos pois à caridade sua mais ampla liberdade, e operaremos, sem dúvida, em conformidade à vontade do Senhor.

Mande o brasileiro, se lhe aprouver, suas esmolas para as obras pias da Europa ou da China, e Deus lhe dará o prêmio de seus sacrifícios.

Ofereça um alemão ou francês sua fortuna em favor de instituições católicas do Brasil ou da América e Deus não lhe será menos liberal em enchê-lo de benefícios.

A caridade não tem pátria, pertencem-lhes todos os infelizes e todos que sofrem necessidades. Por que motivo não poderá cada qual estender sua mão livremente onde quer que encontre almas sensíveis e virtuosas?.

Bairrismo Alemão

Por bairrismo entende-se esse afeto ou apego exagerado que consagramos ao nosso torrão natal. Se este amor, é, até certo ponto, a expressão do mais puro patriotismo, passando além de seus justos limites, torna-se um exclusivismo parcial e mesmo odioso.

Os alemães, digamo-lo francamente, podem gloriar-se de sua pátria.

A Alemanha é hoje um dos primeiros países do mundo. E se essa nação chegou a ocupar lugar tão proeminente, é devido inquestionavelmente às belas e raras qualidades que o seu povo possui. Ma aqui é o caso de se dizer que nem todas as verdades se dizem.

Se o povo brasileiro tem qualidades que lhes são características, tem

também, como é natural, os seus defeitos, que nunca deveriam ser notados, nem atirados em rosto pelos que apenas são hóspedes na terra de Santa Cruz.

Vê-se no presente caso o que sucede diariamente em família. Que uma pessoa de casa repare, mesmo com aspereza, em faltas aí cometidas, deixa-se facilmente passar, nunca porém toleramos sem irritação que essas faltas sejam criticadas por pessoas estranhas.

Não se pode negar que em Santa Catarina o brasileiro tem uma antipatia bem pronunciada contra o alemão. Qual será a verdadeira causa? Não quero entrar muito a dentro nesta questão, mas um dos motivos é, sem dúvida, essa liberdade mal compreendida e excessiva que os alemães tomam em levantar até as nuvens a própria pátria, deprimindo com a máxima facilidade o país que adotaram como segunda pátria.

Vem muito a propósito, para confirmar o que digo, o que se deu comigo mesmo quando estudante de preparatórios. Tive entre outros um professor francês, fanático pela sua pátria, até o extremo. A França, para quem o ouvisse, tinha todas as grandezas e não conhecia defeitos; esses eram atirados impiedosamente sobre o Brasil ou outras nações da Europa, especialmente as rivais da França. Ora, tanto o homem repetiu esses destemperos, essas inverdades patrióticas, que eu, que nada tinha com a França em vez de aprender a amá-la e admirá-la, tomei-lhe uma verdadeira aversão.

Várias vezes nesta minha última viagem assisti a conversas entre alemães e brasileiros, notando sempre nos primeiros essa tendência de intemperança em dizer o que não deveriam dizer. Um outro motivo de falta de harmonia, creio ser a resistência dos alemães em não aceitar certos costumes do país.

Se nas colônias isto é natural, o mesmo não se pode dizer dos que moram nas cidades. Falta no alemão (por ser de raça diversa) aquele espírito de assimilação que se nota tão bem em pessoas de outras nacionalidades.

Passemos agora para o campo religioso, pois aí encontraremos, com pouca diferença, o mesmo fenômeno.

D. José Camargos de Barros, que merecidamente acaba de ser transferido para a importante diocese de S. Paulo, dirigiu-se creio que exclusivamente à Alemanha, em busca de obreiros evangélicos: padres seculares, religiosos e religiosas. Por este motivo, apesar de ser por todos muito querido, tem sido por vezes alvo de críticas algum tanto severas. Terão elas seu fundamento? A isto não sei o que digo; mas posso afirmar que ele é uma das glórias mais fulgentes do Episcopado brasileiro. É uma alma grande, um coração apostólico de vistas largas e completamente desinteressado.

Não deixarei contudo de dizer que nas nações latinas teria talvez encon-

trado bons elementos e, com certeza mais aceitos aos diocesanos. Mais uma vez direi que os alemães no Brasil dificilmente se convencem de que já pertencem a uma segunda pátria. Isto faz-me lembrar as palavras do Apóstolo quando, animado do Espírito de Deus, dizia: *Omnia omnibus factus sum*; fiz-me tudo para todos. Como ele se consumia pela salvação de seus próximos! Oxalá assim todos pensem os que, vindos do estrangeiro, escolhem o Brasil por sua segunda pátria.

Pelo que tenho notado em minha rápida excursão pelo Estado de Santa Catarina, os que mais se acham compenetrados do conselho de S. Paulo são os filhos de S. Francisco de Assis que na diocese de Curitiba são uma verdadeira legião de apóstolos que em tudo procuram assimilar-se ao nosso povo.

As religiosas alemãs, por estarem mais afastadas do mundo, amoldam-se mais dificilmente à nova ordem de coisa. Assim contaram-me (e o fato tem seu fundamento de verdade) que na escolha de suas candidatas, quando não sejam alemãs ou oriundas de alemãs, é tal escrúpulo que elas têm, que muito se parece com a parcialidade. O que deveria dar-se era justamente o contrário. Toda Congregação estrangeira, para tornar-se simpática é importante que tenha no seu seio um certo número de membros indígenas. Basta esta consideração de não pequeno alcance para que todas as Irmãs, animadas do verdadeiro Espírito de Deus, procurem de coração que suas companheiras sejam o mais possível brasileiras. Agora, para que alguém não pense que minha pena seja movida por outro qualquer sentimento que não a verdade, não deixarei de registrar a doce impressão que recebi da rápida passagem por essas casas da Visitação.

As Irmãs, em sua quase totalidade, são almas alemãs, vindas ultimamente da Europa, e todas ainda moças.

Se ao homem é humanamente impossível deixar para sempre o mundo e o que nele tem de mais caro; se ao homem é um passo doloroso e sem a mínima compensação nesta vida, deixar a própria pátria e abandonar o próprio lar, que dizer então dessas donzelas que deram o último adeus, não só aos parentes, mas até ao sossegado remanso claustral, no qual devotaram a Jesus o seu coração, e receberam as primeiras torrentes de graças e esta paz celeste que só se encontra na casa do Senhor?!

Basta vê-las, essas generosas servas de Deus, entregues gostosamente aos mais humildes labores, não só do Colégio e do hospital, mas da cozinha, do jardim e da horta: fica-se profundamente comovido e edificado.

Voltando agora ao conselho do Apóstolo das gentes, penso que alguma coisa deveriam fazer as congregações estrangeiras para mais assimilar-se ao povo brasileiro.

Uma coisa, por exemplo, que nunca aprovei é que para as refeições nos internatos se prefiram as daqui às horas da Europa.

Em um instituto dirigido por estrangeiros, mas freqüentado em sua totalidade por brasileiros, não poderia tomar-se medida mais simpática do que dar as principais refeições às 10 horas da manhã e às 4 horas da tarde, oferecendo com preferência pratos brasileiros.

E quanto às cerimônias da Igreja, os cantos sagrados deveriam ser o mais possível de estilo brasileiro, isto é, sempre deveriam preferir-se os hinos mais conhecidos e queridos do povo. Transportar para o Brasil músicas conhecidas exclusivamente na Alemanha, e não cuidar em aproveitar antes de tudo o que por cá temos de bom, é desconhecer um dos mais poderosos meios de falar ao coração do povo.

E já que estou com as mãos na massa, descrevendo sumariamente as minhas impressões, de mais duas, antes de levantar a pena, farei menção.

Numa das principais cidades de Santa Catarina, assistia, certo domingo, ao santo sacrifício da missa. O sacerdote trazia sobre os ombros uma casula, que de casula, ousou quase afirmar, tinha perdido a forma. Achei nisso tanta novidade que não deixei de ficar mesmo escandalizado. Ainda não obtive explicações sobre essa arbitrária inovação.

A outra impressão a que, há pouco me referi, é a seguinte: Numa pequena e mui recente freguesia encontrei um novo catecismo feito exclusivamente para a população da mesma.

Creio que poucos empreendimentos há tão difíceis como a confecção de um catecismo. E a razão é que o catecismo é o ensino dos mais profundos mistérios da revelação, feito, porém, numa linguagem concisa, simples e adaptada às crianças.

Ora, não podia dispensar-se um trabalho tão penoso? O ensino da doutrina cristã é o mesmíssimo em todo o mundo católico. Sendo assim, estejamos certos, tudo que nesta matéria se podia fazer já está feito.

O autor desse livrinho de religião é um missionário alemão, o qual se animou a escrever numa língua que não é sua, o que é quase o mesmo como querer empreender o impossível. Não deixará, por isso, de ter diante de Deus grande merecimento.

Estação Agronômica

Antes de despedir-me daquelas regiões para mim tão cheias de encantos, farei uma breve referência à Estação agronômica, sita na margem esquerda do rio Cedro, fronteira à nova capela da Imaculada Conceição, e à qual já me referi.

Há cerca de seis a sete anos, o governo estadual de Santa Catarina, animado da melhor intenção, fundou aí uma estação agronômica que sustentou e

ainda sustenta com os maiores sacrifícios. No município de Blumenau é esse um dos pontos melhores para tal fim. Colocado no centro de uma grande população italiana, dedicada de modo particular à lavoura, poderia a tal estação produzir os mais prontos e eficazes resultados.

Eu não pretendo ser lá dos entendedores em matérias agronômicas, mas pelo que pude depreender, o Dr. Rossi, encarregado dessa empresa, pareceu-me um homem dos mais competentes. Consagra-se ele com afinco a esses estudos, é incansável nas tentativas e experiências, procurando, por mil modos diferentes, ser útil aos lavradores que consomem todas suas forças nas labutações ingratas de trabalhos mal compensados.

O que acabo de dizer é verdade. É contudo igualmente verdade (e o Sr. Rossi me há de perdoar esta franqueza desapaixonada) que nada obteve, até hoje, e nada mui provavelmente há de alcançar d'ora avante. Esta é a voz unânime de todos aqueles lavradores que até o presente esperaram inutilmente pelo resultado das experiências.

Citarei um só exemplo: Fazem-se anualmente em toda aquela redondeza grandes plantações de fumo. Nestes últimos anos tem acontecido muitíssimo frequente que, mal esta delgada planta começa a crescer, morre de um momento para outro, às centenas e aos milhares, não só uma vez, mas tantas quantas é novamente substituída. Esse fenômeno é muito comum, embora as condições do solo sejam completamente diferentes. Apesar disso, não houve ainda quem lhe descobrisse a origem.

A mesma planta está sujeita a uma outra praga não menos nociva que a primeira: são as lagartas que a devoram por completo.

Disseram que o Dr. Rossi descobriu um remédio contra esse segundo mal, aconselhando ao lavrador que defenda cada plantinha com uma espécie de cano feito de bambú. Imaginem agora como se arranjará um lavrador que cultiva quinze e até vinte mil plantas de fumo!

O que se diz do fumo, diga-se de todas as outras tentativas análogas. Em conclusão: é convicção geral dos colonos, sem distinção de partido, que todos os sacrifícios feitos pelo governo estadual, e a fazer pelo futuro, na tal Estação agrônômica, foram e hão de ser dinheiro completamente perdido.

Quem conhece a situação precária do Estado de Santa Catarina; e quem sobretudo conhecer tantas instituições essencialmente boas e que exigem e reclamam o amparo do governo, lastima de coração um desperdício tão sensível ao tesouro.

Admitindo que sejam verdadeiros os fatos acima alegados, o leitor há de convir comigo, tirando das premissas as mesmas conclusões.

Quem desde o princípio me acompanha nesta narrativa, há de ter facil-

mente notado que, se outras qualidades não possuo, tenho ao menos a da mais fria imparcialidade. As linhas que vou traçando não são uma simples narração de fatos; elas tem também um outro alvo: produzir algum bem.

Tanto como sacerdote católico, quanto como excursionista observador, não seria completo no meu despretensioso trabalho, se ao leitor não apresentasse o Dr. Rossi também sob o ponto de vista religioso.

Tenho quase certeza que esta minha proposição é capaz de causar admiração em muitos dos que me lêem. Que tem de ver, poderão eles dizer, um cidadão, agricultor de ofício, com a religião que professa? Com duas palavras responderei a objeção.

O Dr. Rossi, que se deveria ocupar exclusivamente dos negócios de seu ofício, é um homem ardentemente religioso, ou, para dizer mesmo a coisa como ela é, é um homem apaixonadamente irreligioso. Não entrarei a estudar os motivos dessa irreligiosidade que de ordinário tem sua verdadeira base, não nas aberrações de entendimento, mas no orgulho ou nas paixões ocultas do coração.

Todos os maus tem horror, que fingem ser ódio, à religião imaculada do Cordeiro de Deus. Não pretendo porém penetrar nos arcanos do coração humano, quero pelo contrário, respeitar a opinião do Dr. Rossi. O que não posso deixar de lamentar é que ele se tenha metido no meio daquele povo bom e crente para aí fazer uma propaganda anti-religiosa e anti-social. Digo anti-social porque além de ser irreligioso ele é um propagandista apaixonado das doutrinas subversivas do socialismo.

É na mocidade que ele pratica mais facilmente suas proezas. Explica-se facilmente. Os rapazes daqueles lugares, todos dedicados à lavoura, mal aprendem um pouco a ler e escrever, e já deixam por completo as duas ou três horas de colégio que antes tinham, para se dedicarem aos pesados labores de seu estado. Que poderão eles responder a um homem que por ventura possua melhores conhecimentos? E que poderão eles esperar de um homem talvez bem instruído, mas com certeza adversário declarado das mais sublimes e puras doutrinas do Evangelho?

Costuma-se dizer com muita verdade que “presunção e água benta cada um toma a que quer”. É o que às vezes se dá por lá.

Sei de alguns daqueles campônios que fazendo de si mesmos, em ponto de sabença, o melhor juízo possível, metem-se a discutir sobre religião com o citado doutor. Não é por certo grande vitória para ele, se consegue atrapalhá-los e confundi-los. Soube ainda mais: sacerdotes houve que souberam ter ele externado o desejo de entrar com eles em discussões religiosas, e eles prontamente satisfizeram-lhe a vontade, acreditando ingenuamente que o chamariam para o bom cami-

nho. Não se lembraram do modo porque obrara o divino Mestre para com Herodes que tinha mostrado o desejo de que Jesus praticasse, em sua presença, algum milagre. Nem tão pouco se lembraram ser vezo de muitos o arrogarem-se importância, em sustentando questões com pessoas respeitáveis, fugindo sempre de um para outro ponto, deixando-as todas a resolver, e apresentando-se ao público sempre vitorioso, particularmente toda a vez que lhes é infligida tremenda derrota. Convençam-se todos uma vez para sempre: o modo mais prático de tratar com tais cidadãos é não lhes dar a menor importância, abandonando-os a si mesmos. Entrar a discutir com maníacos é próprio de um néscio.

Concluirei dando uma prova de que o nosso agricultor acha-se possuído de mania anti-religiosa.

Uma tarde, em que eu por lá passava de carro, quis ir apreciar pessoalmente todas suas experiências, nas diversas plantações por ele cultivadas. Quis aproveitar a passagem, apesar da muita pressa, pois uma forte trovoadinha vinha aproximando-se. Demorei-me, percorrendo o terreno cultivado, não mais de um quarto de hora. E quem o diria? Quase logo entrou em conversa, fazendo-me manhosamente perguntas sobre questões filosófico-religiosas. Ora, nisto o Dr. Rossi mostrou bastante deficiências do que os franceses chamam *savoir vivre*, isto é, de boa política. Com efeito, gabando-se ele de agricultor consumado poderia por ventura faltar-lhe o assunto para sobre ele discorrer durante uns quinze minutos?

Além disto, tenho privado com espíritos antagônicos, maçons, protestantes e incrédulos, falando de tudo sem jamais entrar no melindroso assunto de opiniões contrárias. Eis porque de ordinário quando alguém quer entrar comigo em questões delicadas e que não vêm ao caso, costumo cortar tudo pela raiz, aconselhando simplesmente a cada qual o seu ofício.

É minha opinião que o sacerdote se consagre particularmente à teologia, o filósofo à filosofia, todo o artista à sua arte, e por conseguinte, o lavrador também deveria cuidar com predileção de suas plantações. Mais benignamente procedi com o Dr. Rossi, evitando fazer-lhe essas observações por delicadeza e porque o tempo não mo permitia. Creia-me, porém, o Dr. Rossi, só por este processo conseguirá alcançar no meio daquelas populações melhor conceito.

Concluindo, farei observar que o modo de pensar diferente do Dr. Rossi de forma alguma influi nestas minhas apreciações sobre sua empresa e seus efeitos. No rio Cedro nunca fará coisa alguma. Em outras empresas análogas, não duvido possa o governo aproveitar este homem com melhores frutos e menores sacrifícios pecuniários.

Usos em Pomeranos

Esqueci-me de narrar, no princípio, um fato bastante contristador que ocorreu logo nos primeiros dias de minha chegada a Pomeranos. Este fato põe em relevo um costume semi-bárbaro, cujas conseqüências têm sido mais que uma vez fatais. É este um mal exclusivo da mocidade.

Os italianos ou oriundos de italianos têm especial predileção pelo jogo das bolas. Este jogo, em que o homem exerce necessariamente suas forças, é um dos mais úteis e agradáveis que conheço. Corresponde ao nosso jogo de malhas, constando de nove bolas perfeitamente redondas.

Uma tarde divertiam-se nisso alguns rapazes, bem próximo à capela de N. S. das Dores, quando, por uma questão de partido, ou rivalidades, um menor de seus 17 anos, arrebatado de cólera, arremessou uma das bolas à cabeça de um outro com quem acabava de ter uma alteração. O ferido caiu sem sentidos, e por pouco ia para outra vida. A causa desta briga é curiosa e merece ser conhecida.

A mocidade daquelas paragens conserva um costume, herdado naturalmente de seus maiores, costume reprovável e que deveria ser eliminado para sempre do meio de uma população que se presa de civilizada. Existem partidos opostos formados por moços pertencentes aos diversos grupos de famílias.

Assim, só em Pomeranos, onde se contam pouco mais de cem famílias, há três facções ou partidos, em aberta oposição um ao outro. Acontece entre os rapazes dessas diversas localidades que os de um grupo não admitem possam os do outro terem pretensões de casamento com alguma filha de família pertencente à localidade em que eles mesmos residem. A sem-razão deste procedimento consiste em que a oposição não se origina de sentimentos de rivalidade, mas tão somente de uma certa dose de preconceitos e valentia de partido. Mais que uma vez tem sucedido que rapazes animosos foram corridos a pedradas por freqüentarem esta ou aquela família, levados por simpatias ou por simples amizade.

Os inconvenientes deste antagonismo insubsistente são graves, porquanto tolhe a liberdade pessoal e ocasiona, muitíssimas vezes, ódios encarniçados entre as famílias distintas. Eis aí qual foi a causa da briga que me oferece o ensejo de escrever estas poucas linhas. Ao registrar de passagem este fato, não deixarei de profligar desassombradamente este costume anti-social, esperando que aquela mocidade, que muito estimo desde a infância, se esforce comigo para extirpar do meio deles o que tanto os torna malquistos perante as pessoas sensatas e honestas.

A Volta

Marcara minha partida para o dia 27 de dezembro. Os precedentes foram dois dias santos, por quanto aquele povo não abandona o antigo costume de

santificar também o dia 26 de dezembro. Nesses dois dias, todas as pessoas de amizade tiveram a oportunidade de me trazer pessoalmente suas despedidas. Foram 48 horas de contínuo movimento em que nem de dia, nem de noite, tive um só momento de sossego. Para prova direi que tinha prometido fazer, nos últimos dias, uma última visita a uma família distante de casa uns trezentos metros.

Pois, bem, apesar do desejo sincero, não me foi possível cumprir a palavra, e, no dia 26, às 10 horas da noite, fui forçado a despedir as últimas pessoas: sentia-me prostrado, e contudo tive de trabalhar com os de casa até meia-noite, acabando de preparar as malas.

Entre os visitantes não deixarei de citar, como nota curiosa, uns três ou quatro, não bêbados, mas bastante alegres.

Tenho para a embriaguez uma aversão desde criança. Imagine-se agora qual não seria o meu vexame vendo-me rodeado por tantas pessoas amigas, devendo tolerar a imprudente presença de indivíduos com a razão assaz ofuscada. Mas o dia era excepcional e não houve remédio senão fazer ouvidos de mercador, e calar. E note-se que os tais visitantes inoportunos, apesar de conhecidos velhos, era a primeira vez que me visitavam. Por que antes o não teriam feito?

A razão não deixa de ser curiosa: por acanhamento! E não foi senão com a melhor intenção que entraram um pouco na *pinga*. Sabiam que de outra forma não teriam coragem de trazer-me suas sinceras e sentidas despedidas.

O acanhamento daquele povo para com qualquer pessoa de posição, e para comigo, embora me conheça desde pequeno, é incompreensível e me entristece imensamente. Eu conservei-lhe sempre a mais franca amizade, e ele no fundo sente o mesmo a meu respeito, mas não tem a coragem de o manifestar, achegando-se a mim com menos temor e mais confiança, como acontece com o povo do Rio de Janeiro.

O acanhamento daquelas pessoas amigas em vir ter comigo foi sempre para mim um objeto de estudo. Qual a causa? Na mulher, esse embaraço é mais natural e por isso se explica facilmente. O mesmo não se pode dizer do homem. Ele, que é o rei da criação, deixa-se as mais das vezes oprimir e vencer, não pelo acanhamento, mas pelo respeito humano. Eis aí uma praga que se não pode desculpar numa alma verdadeiramente crente. Esse mal, se as aparências não me enganaram, tem produzido seus funestos efeitos no coração da mocidade daqueles lugares.

Muitos jovens de seus 16, 18 ou 20 anos, outrora tão simples e cheios de docilidade, e que em outras ocasiões me deram provas de seu bom coração, conservavam-se nesta minha última visita fugitivos, único meio para não me tomarem a bênção. Tinham, não duvido, vontade de cumprir com este dever de urbanida-

de, mas desistiam com a vergonha de o fazer.

Possuo em Pomeranos diversos amigos que foram meus companheiros de escola. Alguns deles (pouquíssimos, graças a Deus) nem uma vez me procuraram. Qual a causa? Seria descrença, amor próprio, respeito humano, ou simples acanhamento? Ignoro-o por completo, mas não duvido que nesses raros haja uma mistura de um pouco de tudo. É, porém, tempo de prosseguirmos.

Às 6h 30min da manhã do dia 27 de dezembro, estava prestes para a partida. Não tenho ânimo em deter-me descrevendo minuciosamente esse momento doloroso.

Além das pessoas de casa, só três ou quatro amigos tiveram coragem de me aparecer pela última vez; mas estes mesmos sentiam-se tão comovidos que emudeceram de todo, como se tivessem perdido a fala.

O último momento então foi tristemente solene; de todos apoderou-se um silêncio sepulcral. Já eu estava assentado no carro, quando minha última irmã solteira, aproximou-se-me; parecia-lhe impossível separar-se por mais alguns anos do irmão a quem muito estremece. Fiz então um esforço extremo, dando ao cocheiro a ordem da partida, e partimos.

Acompanhavam-me meu pai e o meu fiel e dedicado empregado Basílio. As primeiras horas foram acabrunhadoras: parecia-me não poder falar. Tudo passa, e assim passou também aquele abatimento pesado. Continuamos a viagem sem interrupções, até o Indaial, percorrendo 25 quilômetros.

Aí almoçamos e descansamos até as duas horas da tarde. O calor era excessivo, intolerável. Aproveitei a ocasião para fazer uma visita a um cidadão que já tinha estado em minha casa, e a quem, segundo meu costume, tratara com a máxima franqueza, como pessoa de família.

Pedira-me nessa ocasião que não passasse pelo Indaial sem que o visitasse.

Prometi, e cumpri a palavra.

Mas depois vi que melhor fora a não tivesse cumprido. Fui recebido (ignoro a razão) muito friamente, e dei-me ainda por feliz o ter-me atendido prontamente quando lhe pedi um copo d'água.

Qual seria a causa de tão inexplicável procedimento?

Ignoro-a por completo. Ele unicamente a deve conhecer. Antes de prosseguir a viagem, quis cumprir com outro dever, no que não me saí melhor do que no primeiro. O leitor há de lembrar-se de que eu prometera a um amigo de Blumenau expedir-lhe do Indaial um telegrama, quando estivesse de volta. Eu via que era uma coisa inútil, e que eu nem merecia, nem podia pretender tantas considerações, mas pensei que talvez assim ele desejasse para emendar a primeira falta. Infelizmente foi pior a emenda do que o soneto: nem no mesmo dia, nem seguin-

te o amigo apareceu-me no convento onde estava hospedado. Nem por isso deixarei de ser-lhe amigo como antes, com esta única diferença: nunca mais lhe darei incômodos, se assim Deus o permitir. Em Blumenau, onde cheguei à tardinha, hospedei-me, como sempre, no Convento de Santo Antônio dos Padres Franciscanos.

O dia seguinte era domingo, e fui convidado para pregar ao Evangelho da missa paroquial. Com muito pesar não pude anuir ao amável convite, pois estava com o espírito preocupadíssimo, e justamente na hora do sermão tinha que despedir-me de meu pai, que até aí me havia acompanhado. Notei nesse dia com grande prazer que a religião vai produzindo salutareos efeitos entre os brasileiros daquela redondeza. Antigamente a Matriz era freqüentada quase que exclusivamente por alemães e se uma ou outra vez aparecia algum brasileiro, ora, já se sabe, desses muitos que se prezam de católicos mas que nada cumprem do que a Igreja lhes ordena. Isto pelo menos é o que tenho na lembrança do tempo do colégio. Agora aumentou na cidade extraordinariamente o elemento nacional, havendo não poucos brasileiros que se aproximam freqüentemente dos santos sacramentos, com grande edificação dos próprios alemães.

Causou-me imenso contentamento, encontrar-me naquela cidade alemã com gente nossa, igual em usos e sentimentos, e, em tudo, semelhante à boa população do Rio de Janeiro.

Em questão de nacionalidade, sempre fui cosmopolita; não conheço antipatias contra esta ou aquela nação e, por conhecê-las mais de perto, admiro e amo de coração o povo italiano e o povo alemão. Confessarei contudo que ninguém me agrada tanto como o povo brasileiro, que possui realmente qualidades excepcionais. Por falarmos na impressão acima referida, lembro-me de um incidente insignificante, mas engraçado que se dera com o meu empregado Basílio, no dia três de novembro. O Basílio é branco e brasileiro de nascimento e de família. Seguíamos nesse dia para Pomeranos, quando, ao passarmos pela casa do meu velho amigo Guilherme Engelke (falecido poucos meses depois) avistou o bom Basílio um negrinho junto à porta do citado negociante. Pelo que, vivamente emocionado, disse, com a maior singeleza e naturalidade: “Ah! graças a Deus que depois de tanto andar, sempre aparece um desses muitos que se encontram em toda a casa brasileira!” Tal é a força da convivência que até o que não é para que se diga o mais atraente, tem sobre nós um grande ascendente.

Não é, a dizer a verdade, o que se deu comigo.

Encontrei ali brasileiros como os há aqui; famílias distintas, muito religiosas, boas de coração e meigas de costumes. A muitas dessas pessoas deixei gostosamente uma pequena lembrança.

Sobre a tarde do mesmo domingo da despedida de meu pai, entretive com algumas delas uma conversa sumamente agradável pela lhanza das pessoas que me falavam. Mostraram-me antes de tudo um grande desejo de me conhecer. Contaram-me em seguida como só de espaço em espaço tinham a dita de ouvir um sermão em português, e isto mesmo pregado por alemães, que primam não tanto pela linguagem quanto pelo zelo e boa vontade.

Manifestaram-me o ardente desejo que tinham de que eu ficasse até o dia do *Ano Bom*, para pregar nessa solenidade. O pedido era feito com tanta confiança e sinceridade, que, se o tempo não faltasse, teria anuído de boa mente, só para lhes fazer a vontade. As pessoas a quem me refiro eram todas meninas ou moças piedosas. Dessa palestra conservei, como recordação, o pensamento original de uma das meninas. Disse-me que achava muito bonita a carreira de padre, e que, se fora homem, não hesitaria em abraçá-la. Objetei-lhe que bonita era também (ainda que mais árdua) a carreira dos Padres Franciscanos, mas que para ela mais bonita praticamente era a das religiosas ou freiras, podendo, quando o quisesse, abraçá-la e nela viver sem embaraços.

Ela retorqui-me com a maior convicção que (se houvesse possibilidade) só abraçaria a vida sacerdotal; para outra carreira qualquer não sentia vocação. Que bela e inefável ingenuidade!

Eu então dei-me por satisfeito desta sublime aspiração, embora um tanto original.

Partida para Itajaí

No dia 29, às 8 horas da manhã, embarquei no pequeno *Blumenau*, o maior dos três vapores da Companhia, em demanda de Itajaí. O rio, devido às chuvas recentes, enchera bastante, e, por isso, as águas corriam com maior impetuosidade. Viagem mais rápida não podíamos ter.

Às 12h 30min da tarde já estávamos em Itajaí. Aí fui recebido por vários amigos, com maior satisfação.

Lembraram-se nesta ocasião de uma bonita festa que, no dia 30 de abril de 1895, eu fizera em Itajaí, de comum acordo com o Vigário de então, constando de uma missa cantada em que fui celebrante e de um sermão que preguei sobre a solenidade de Santa Catarina, padroeira do Estado.

Era, pois, natural que os velhos amigos de Itajaí, solicitassem o meu concurso, (gratuito, já se sabe) para dar maior esplendor aos atos do culto católico, na solene festividade do *Ano Bom*.

Prometi fazer tudo o que dependesse de mim. Pensei que a coisa mais

agradável, não só às almas piedosas, mas também a nosso Senhor, seria preparar alguns cânticos espirituais, para serem entoados na missa conventual, acompanhados a harmônio.

Esta idéia despertou entusiasmo naqueles corações animados da mais reta intenção, prometendo-me essas pessoas arranjar um harmônio, que a Matriz ainda não possuía, e algumas meninas para cantarem. Foi dito e feito. O harmônio foi emprestado com o maior gosto e cavalheirismo por um grupo de protestantes alemães de Itajaí. E quanto às cantoras, foi-me prometido que se arranjariam quatro ou cinco meninas, que, em outros tempos, já tinham cantado na Matriz, isso no caso que eu as quisesse ensaiar. Marquei o ensaio para as quatro horas da tarde do dia 31 de dezembro. Não havia pois tempo a perder. Com agradabilíssima surpresa para mim, apresentaram-se-me, na hora aprazada, não cinco, mas nove meninas e mocinhas, tão decididas como é bem difícil encontrarem-se iguais.

Com pesar meu, deixo de aqui registrar os nomes delas, por ter perdido os apontamentos que possuía. Todos os cânticos que apresentei para a solenidade eram completamente novos: nenhuma delas os conhecia.

Fiquei deveras encantado pela prodigiosa presteza com que aprenderam os vários hinos num só ensaio, e pelas vozes bonitas e claras que levantavam desembaraçadamente, com a maior naturalidade.

Desde que sou sacerdote tenho ensinado canto aqui no Rio de Janeiro, mas confesso francamente talvez nunca presenciei igual fenômeno. O que admirei nessas meninas, foi, não a excessiva desenvoltura das grandes cidades, e sim um bonito desembaraço, uns modos lhanos mas modestos, filhos da simplicidade despreziosa e humilde.

Todos que aqui me conhecem sabem o muito que tenho trabalhado para a fundação e sustentação de coros religiosos, por conhecer, pela própria experiência, que contribuem poderosamente para avivar a fé amortecida nas almas indiferentes.

Era, portanto, meu dever não conservar-me surdo às instâncias de velhos amigos, logo que algum sacrifício meu pudesse contribuir para mais enaltecer o nome de Deus, e só mesmo a glória de Deus podia resolver-me a tomar sobre mim um incômodo tão grave, embora a alguém possa parecer o contrário. Se assim falo é porque sei que esta modestíssima festa religiosa, como todas as obras boas, encontrou quem a reprovasse.

A mim não me cabe o direito de dar uma apreciação sobre a impressão que esses cânticos, em sua simplicidade, produziram na numerosa assistência da missa paroquial.

Consignarei contudo, com os sentimentos da mais viva gratidão, as felicita-

ções recebidas da mocidade de Itajaí, todos filhos das principais famílias dessa cidade.

O meu velho e bom amigo Manoel Marques Brandão mostrou-se comovidíssimo, sobretudo quando, após a elevação, cantei o bellissimo e tocante *Ave Verum* do Canto-Chão.

E o senhor Gabriel H. católico alemão, homem de antiga têmpera, e que não conhece o baixo vezo da adulação, afirmou publicamente com o maior entusiasmo que nunca assistira em Itajaí a uma festinha tão simples e comovedora.

Daí pude depreender que o meu trabalho não foi perdido, produzindo bons frutos no meio daquela boa população.

Antes de deixarmos Itajaí, quero que o leitor conheça um incidente digno de nota.

Pretendendo telegrafar para Santa Catarina, fui à estação telegráfica, onde redigi o telegrama, cujo endereço era o seguinte: *Desterro*. O telegrafista respondeu-me que devia escrever Florianópolis, e não Desterro, por ser aquele o nome oficial. Achei muito original essa observação, e disse-lhe muito calmamente que no Rio de Janeiro, onde há republicanos tão sinceros pelo menos como os de Itajaí, podia-se escrever como melhor agradasse, e que um nome oficial de forma alguma destrói o conhecimento de lugares ou cidades que existiam quando nascemos.

Seria o mesmo se um carteiro se negasse a levar uma carta à rua do Ouvidor, só por nela não se acha indicado o nome oficial que nunca pegará, a saber: rua Moreira César.

As minhas ponderações de nada valeram. O bom rapaz mostrou-se inabalável, intransigente, e mesmo jacobino. Se o decantado apego ao novo regime não fosse uma boa mentira, e sim realidade, vê-lo-íamos transformado no partidarismo mais feroz e perigoso. Os que conhecemos porém a realidade das coisas, sabemos que este republicanismo não passa de um carrancismo lastimável em que ainda jazem certas localidades de estados onde muitos empregados públicos condescendem a fazer muitas vezes um papel ridículo, incensando de contínuo as autoridades superiores.

Para tal cidadão telegrafista, tinha eu à mão um bom remédio, mas dele não quis utilizar-me. Poderia assim mesmo alguém perguntar à digna Diretoria dos telégrafos se é lícito a qualquer de seus subalternos arvorar-se em tiranete arbitrário, vexando o público caprichosamente com leis hipotéticas que não existem, nem podem existir. Para concluir permita-me o referido cidadão lhe aconselhe que não saia nunca de suas atribuições, manifestando perante o público qualquer preferência ou aversão política. Tenho mesmo idéia que existem leis positivas vedando aos telegrafistas o fazerem política. E não é, creio, se não esta a razão porque vejo tantos telegrafistas daqui serem de tempos em tempos transferidos

de uma para outra cidade. Se tal acontecesse ao *meu* camarada de Itajaí talvez em breve ficaria ensinado pela própria experiência.

No dia do embarque para o Desterro, não podia deixar, além de outras pessoas, de levar minhas despedidas a um meu velho amigo e mestre.

Encontrara, no dia 1º de novembro, em Itajaí o Reverendíssimo Padre João Steiner, e muito com isso tinha ficado satisfeito, porquanto esse encontro despertou-me saudades dos anos de 1885 e 1886, em que ele fora professor no Colégio de S. Paulo em Blumenau. Como voaram esses quase dezoito anos: Por aquele tempo, foi ele nomeado Vigário da freguesia de S. Pedro de Alcântara, que paroucou cerca de 15 anos; ultimamente sentindo-se já cansado, pediu sua exoneração, preferindo a coadjutoria da Freguesia de Itajaí.

Apesar de seus sessenta anos, e livre de responsabilidades, é ele um sacerdote incansável e zeloso da salvação das almas. Aí a missa paroquial tem lugar às 9, celebrando ele às 8 horas da manhã.

Aqui tomo a liberdade de fazer duas pequenas observações. A primeira fiz a ele pessoalmente. Pelo que ouvi e notei, seria mais conveniente para a população de Itajaí que a primeira missa fosse às 7 horas em ponto.

Acontece que sendo a missa às 8 horas, e havendo nela uma prática, acaba quase às nove horas, de modo que os que assistem a ela, não chegam à casa a tempo das outras pessoas poderem assistir à segunda missa. Isto ouvi da boca de muitos daqueles bons católicos de Itajaí.

Como são belas as crenças católicas escrupulosamente observadas!

Na missa das oito o P. Steiner costuma sempre pregar, e em alemão, pelo embaraço já invencível que sente na língua portuguesa. E agora ousou emitir o meu segundo parecer. Parece-me que na primeira missa seria melhor não pregar por ser de grande conveniência que ela seja o mais breve possível, e também porque o Vigário na missa paroquial nunca deixa de pregar. No caso, porém, que ele ache mais conveniente pregar a palavra de Deus, melhor seria se escrevesse um brevíssimo trabalho em português, como creio ter ele feito mais de uma vez em outras ocasiões. Não há talvez em Itajaí um só alemão que não compreenda suficientemente o português; pelo contrário não hesito em afirmar que uma boa parte dos que assistem à missa das oito horas não compreendem o alemão. Este meu modo de pensar não é só em referência a *Itajaí*, mas a qualquer outro lugar, ou circunstância análoga.

Embarque Para o Desterro

No dia 3 de Janeiro, às 8 horas em ponto da manhã, levantava o ferro o

Itapemirim, governado agora pelo respectivo comandante, o senhor Souza.

Todos os homens habituados às viagens de mar, ficaram deveras admirados ao ver tal pontualidade, sem discrepância de um minuto. Isso deve atribuir-se exclusivamente ao Comandante Souza que no tocante à regularidade é o mais caprichoso e irrepreensível que eu conheço. Aprecio sumamente um homem dessa têmpera, em tudo disciplinado.

Sempre que viajo por mar, gosto conservar-me no alto, isto é, no convés, para gozar a pureza e frescura do ar, embora forte e violento. Nessa manhã o mar era bastante agitado, e, fora do costume, comecei quase logo a sentir um certo mal estar.

À hora do almoço desci para a sala e comecei a comer, mas não pude acabar. Revoltou-se me subitamente o estômago, sendo obrigado a voltar para onde estava.

Foi tão forte a rápida indisposição do estômago que, a hora do jantar, deslizando o *Itapemirim* tranqüilamente barra a dentro, tão manso como se fôra sobre as águas de um rio, não pude, nem de longe, tratar de receber algum alimento.

Convenci-me então, por própria experiência, que quem viaja por mar deve antes de embarcar alimentar-se bem: é este o primeiro preservativo contra o enjôo. Eu tinha embarcado em jejum.

Às 5 horas, achava-me de volta na cidade do Desterro, sobre a qual direi mais alguma coisa, para melhor conhecimento do leitor. O dia 11 de janeiro era domingo, e fui convidado, como em outras ocasiões, pelo Reverendíssimo Vigário P. Francisco Topp para pregar na missa paroquial. Anui com prazer ao amigável convite. Terminado o sermão, apresentou-se-me um antigo conhecido que três anos antes, fora meu companheiro de viagem no *Itaperuna*, também do Rio para o Desterro. Quando se viaja é coisa muito agradável ter ocasião de reatar antigas relações.

Era cerca de meio-dia quando o mesmo negociante veio procurar-me no Hotel Brasil, onde me achava hospedado, convidando-me para jantar no mesmo dia em companhia dele e de sua família. A tarde foi cheia e agradável: fui bem recebido e melhor (se assim posso dizer) tratado.

Após o jantar, convidou-me para um bonito passeio, com que fiquei contentíssimo. Penso não haver coisa melhor para o corpo e para o espírito do que um bom passeio vagaroso imediatamente depois do jantar.

O ponto mais ameno e atraente da cidade do Desterro é sem dúvida a Praia de Fora, que corresponde ao nosso Bota-Fogo. Fomos antes de tudo, à Escola dos Aprendizes Marinheiros, sendo recebidos pelo oficial de dia com amabilidade. Em seguida, o mesmo oficial levou-nos a todos os compartimento do

vasto edifício, mostrando-nos tudo que havia de alguma importância, e dando-nos ao mesmo tempo, com maior gosto, as mínimas explicações e esclarecimentos.

Notei em tudo muita ordem e muitíssima limpeza. Creio que bem poucas repartições deste gênero se poderão com ela comparar. O que me edificou extremamente foi a simplicidade e completa ausência de respeito humano daqueles aprendizes. Nem um deles deixou de tomar-me a bênção, à chegada e à hora da despedida.

Bem perto da Escola dos Aprendizes Marinheiros, acha-se um jardim público, ponto para passeio muito aprazível, não só pela sombra de seu arvoredo e pelo aroma de suas flores, mas também por achar-se colocado à beira mar: isso lhe comunica um encanto e uma beleza inexprimíveis.

Depois de aí termos descansado breves momentos, levantamo-nos, atravessando por diferentes ruas toda a cidade, de um a outro extremo.

Era uma tarde de domingo, hora esta em que geralmente os desocupados entregam-se aos excessos da bebida, donde as rixas, os espancamentos e as mortes. Qual não foi minha surpresa, nada de anormal encontrado neste meu longo trajeto! Tanto no centro como nos pontos mais afastados, reinava ordem inalterável e perfeita. Parecia não uma tarde de folganças, mas uma dessas manhãs de segunda-feira que sucede a uma noite de divertimentos e folias.

Convenci-me então ser verdade que não há no mundo povo tão pacífico e ordeiro como o dessa cidade. Disseram-me, e agora acredito sem dificuldade, que os poucos mantenedores da ordem, que lá estão, passam os dias e as noites muito tranqüilamente, sem que alguém lhes dê o mínimo incômodo ou lhes perturbe o sono inalterável. Assassínatos e esfaqueamentos o povo de Desterro nem quase os conhece.

Continuando, na companhia amável do negociante Júlio Moura, chegamos, onde tomamos um breve descanso, ao jardim fronteiro à Matriz, indo depois tomar um bom café nas proximidades do mesmo jardim.

Eram 7 horas da noite quando nos despedimos. Desse passeio e de quem proporcionou-me horas tão agradáveis, guardo as mais vivas recordações.

Chegada do Rio a Santa Catarina

Estou quase a despedir-me da boa população do Desterro, mas não o farei sem que aqui registre mais algumas impressões recebidas que ainda não tive ocasião de descrever.

No dia do meu desembarque, a primeira impressão recebida, despertando recordações do passado, foi a fala musical dos catarinenses. Tem eles, particu-

larmente as senhoras e as crianças, um modo de falar característico do lugar. A fala é quase sempre cadenciada, o que lhe dá uma graça particular.

Um dia, após minha chegada, encheu-me de surpresa uma novidade inesperada. Caiu-me casualmente nas mãos uma dessas folhas volantes destinadas a *reclame*. Viam-se nela, em primeiro lugar, em um tipo graúdo, essas duas palavras: *Grande Sucesso!* Mais abaixo é que encontrei o nome da mãe da pequena Elsa. Soube então que ela era uma atriz, farsista, comediante, ou coisa que o valha, a qual ia divertir o povo de Santa Catarina que a quisesse apreciar. O meu pensamento correu logo para a gentil criança que a seguia em suas excursões. Confesso que nesse momento senti para com ela um não sei quê de amizade e compaixão. Pobre menina! Por que veredas, cheias de precipícios, vai ela encaminhada pelos mesmos que lhe deram a vida! Não duvido muito em breve ver-lhe toldada na fronte aquela pura e verdadeira alegria que ainda lhe concede a inocência batismal!

Mas vamos adiante. No dia 30 de outubro, fui convidado para assistir à conferência de S. Vicente de Paula, instalada há poucos anos naquela matriz. Às 7 horas abriu-se a sessão. A noite era feia e chuvosa, e por cima disso, tempestuosa. Notei, contudo, com grande admiração, a presença de não menos de uns quinze ou dezesseis confrades. É esta uma das melhores que conheço. Conta cerca de quarenta confrades e produz em cada reunião semanal cinqüenta ou sessenta mil réis! No Brasil, creio que não muitas se poderão comparar a ela.

Sem falar no zelo e boa vontade dos confrades em geral, não deixarei de mencionar ao menos seu digno presidente, o senhor Simas, recentemente convertido pela graça de Deus à fiel observância de sua santa lei. O senhor Simas, disseram-me, era até irreligioso, dificultando às pessoas de sua família as práticas católicas.

Um belo dia, creio que devido a alguma boa leitura sentiu-se repentinamente transformado. Deus, com a misteriosa linguagem da graça, o tinha convertido! Imagine-se agora que efeito produziria o que vou narrar. À noite do mesmo dia, chegou à casa e declarou terminantemente que, na manhã seguinte, ele e todas as pessoas da família aproximar-se-iam da mesa eucarística, depois de uma boa confissão! E assim se fez. E como esta conversão foi sincera, foi também duradoura.

O senhor Simas é incansável nos trabalhos, e sua caridade para com os pobres é publicamente conhecida.

O Vigário P. Topp de sua parte é a alma não só das conferências, mas de tudo que de religioso aí se tem empreendido.

Nessa reunião, tive ensejo de falar sobre a admirável obra de S. Vicente, fazendo reparar que o pão material que eles fornecem à pobreza, não é senão um meio de lhe ministrar o pão da alma.

A boa leitura, especialmente dos Sagrados Evangelhos, ultimamente tra-

duzidos e anotados pelo Padres Franciscanos da Bahia, devia ser facilitada a tantos que infelizmente não conhecem o alimento vital da alma. Para exemplo e estímulo contei-lhes o fato que tanto me enchera de mágoa, encontrando um Novo Testamento protestante na estação telegráfica da Companhia Inglesa.

Ainda a conferência não tinha acabado quando ouvi o apito do desejado *Itapemirim*, que me havia de levar ao suspirado porto de Itajaí. Apesar da longa espera de três dias, flutuando o meu espírito entre o temor e a esperança, dei-me então por feliz. O momento pouco a pouco se aproximava em que poderia ter notícias seguras sobre a saúde de meu pai.

Matriz E S. Coração de Jesus

A Igreja Matriz de N. S. do Desterro é um templo bastante vasto e majestoso sob a guarda vigilante e ativa de zeloso e ativo Padre Francisco Topp. O que mais nesse templo impressiona ao visitante é o magnífico grupo de Nossa Senhora do Desterro. O trono já não existe, peça esta, que, devido a costumes inveterados, parece-nos indispensável em toda a igreja. Em lugar, pois, do trono avista-se, logo da entrada, Nossa Senhora do Desterro. É esse um grupo admirável de estátuas de madeira, representando em quase tamanho natural a fugida da Sagrada Família para o Egito. Maria Santíssima, em conformidade à tradição, vai montada em um jumento, trazendo ao colo o menino Jesus. São José caminha na frente guiando o animal. O conjunto desse quadro, concepção do Reverendíssimo Padre Topp, é um primor. Pareceu-me até incrível que por dois contos de réis se pudesse obter por encomenda uma obra de tanto valor.

E já que estamos, como se costuma dizer, com as mãos na massa, direi algumas palavras sobre o Reverendíssimo Padre Topp, que há cerca de nove anos rege a importante freguesia da Capital do Estado de Santa Catarina. É alemão, mas na caridade para com o próximo, e na afabilidade de suas maneiras desmente por completo esse preconceito existente sobre os germanos dominados por uma rudeza quase natural. Como vigário e cura de almas, é zeloso, ativo, e não há trabalho que o possa cansar.

Passando sobre o muito que, em Santa Catarina, tem trabalhado para maior glória de Deus, direi somente que a esperança de poder um dia conseguir no Desterro a ereção de uma nova diocese, tem sido nestes últimos anos o ponto máximo de seus cuidados, no que muito foi alentado por dom José, primeiro Bispo de Curitiba.

O próprio Padre Topp afirmou-me que, certo dia, em que estava palestrando com Sua Excelência Reverendíssima, de passagem por Desterro, Dom

José, sem ser interpelado, apresentou-lhe a idéia desse grande empreendimento. O digno Prelado paranaense mostrou então que tinha uma alma grande e que bem ruminara em seu espírito as divinas palavras da oração dominical: *adveniat regnum tuum!* Pouco se lhe dá, tratar dos próprios interesses: o que ele ardentemente almeja é o engrandecimento do reino de Cristo.

Animado o Padre Topp pelo seu próprio prelado, meteu mão à obra, em que trabalhando com ilimitada coragem, fez prodígios de valor. Sei, por exemplo, que, além de muitos outros lugares por ele percorridos, abalou-se do Desterro para Blumenau, internando-se daí para a roça umas oito e mais léguas, e isso em diversas direções, para conseguir de cada camponês uma oferta qualquer.

Santa Catarina é um dos estados mais pobres, mas o Padre Topp, com esforços inauditos, conseguiu ajuntar a metade do patrimônio exigido pela Santa Sé, isto é, cerca de cinquenta contos.

Sempre que aparece dinheiro não deixa de se oferecer alguma ocasião de o gastar indubitavelmente. Nisso foi muitas vezes tentado o Padre Topp. A necessidade de um palácio episcopal fez com que os oferecimentos não se fizessem esperar. Ele porém, apesar das vantagens do oferecimento, compreendeu logo que se uma tal compra fizesse, seria a completa ruína da empresa. Haja primeiro o capital que a Santa Sé requer, e o resto virá necessariamente.

O Padre Topp continue a trabalhar com o mesmo propósito; não desanime que em breve poderá, espero, cantar vitória. Se ele tem o efeito de ser estrangeiro, torna-se por isto mesmo mais merecedor da gratidão dos catarinenses.

É contudo muito de lamentar que ninguém mais, a não ser ele, tome uma deliberada iniciativa nessa empresa tão simpática. Por que não se forma uma comissão de seculares? Por que algum católico ou sacerdote brasileiro não se mete também à frente desse movimento, para assim fazer jus ao galardão merecido, no dia em que N. S. distribuir as recompensas entre os que trabalharam por tão santa causa?

Quem conhece a alma nobre e bem intencionada desse ilustre sacerdote, tem a certeza absoluta de que, longe dele desdenhar concorrentes, redobraria de coragem, se ao seu lado, se colocassem novos e valorosos campeões da mesma causa.

Esperemos pois que esse estado de apatia esteja prestes a terminar, e que todos os bons católicos daquele Estado se convençam, enfim, que não lhes deve bastar serem generosos em donativos, mas que a próxima ereção da nova diocese reclama os esforços pessoais de sua atividade individual e também coletiva.

Em todas as principais cidades do Estado há, graças a Deus, católicos de bom coração que, reunidos em grupos, ou associações particulares, poderão facilmente angariar donativos, remetendo-os periodicamente para a Capital do Estado. É claro que sem trabalhos e sem generosidade nada se há de alcançar. O que

até aqui se tem feito, poderia, com o mudar dos tempos, perder-se de todo, se a boa disposição e a esperança, despertadas no povo, não forem aproveitadas a tempo.

O Padre Topp pretende vir esmolar no Rio e ir também à Alemanha para o mesmo fim. Espero que com mais este ato de desinteresse e sacrifício poderá concluir de vez a obra encetada.

Farmácia Rauliveira

Para ser justo, não deixarei em silêncio, antes de seguir viagem para o Rio, a impressão recebida na visita que fiz à importante farmácia e drogaria Rauliveira.

Apresentado ao chefe da casa pelo meu amigo Padre João Leite, fui muito bem recebido, e prontamente nos foi levando a todas as dependências do mesmo edifício. Muitos remédios, que com grande fama correm o Brasil e mesmo lhe ultrapassam os limites são artefatos exclusivos desta casa.

Em tudo e em todos os compartimentos, notei a máxima limpeza e a maior ordem possível. É raro, e talvez impossível, encontrar-se o chefe de uma casa comercial como esta tão firme e intransigente na conservação da ordem. Assim mesmo não deixarei de fazer uma leve observação. O que mais atraiu minha atenção foi a sala do laboratório em que algumas moças eram ocupadas em pregar rótulos nos vidros: creio que elas se ocupam também na confecção dos remédios.

Aí é absolutamente proibido falar, e o rigor chega a tal ponto, que, ao entrarmos nessa sala, nenhuma delas falou, nem levantou os olhos para nos cumprimentar. E contudo uma delas era filha de uma família amiga dos dois visitantes. O gerente e dono da casa conhece os perigos de certas familiaridades e teme com razão que os adversários de sua prosperidade não se aproveitem do primeiro ensejo para prejudicá-lo. Eis a razão desta disciplina previdente, mais do que militar, a que sujeita todo seu pessoal. É inútil dizer que uma longa experiência confirmou-o sempre mais neste modo de pensar.

Eu penso contudo que, sem chegar a tais extremos, poderia ele conseguir o mesmo fim. Os costumes de nossos dias já não são os de cinquenta anos atrás.

Portanto, se este último quadro, a mim que sempre fui amante da ordem, causou-me uma impressão um tanto desagradável, não seria de estranhar que os visitantes em geral tirassem daí motivo de críticas mais acerbas. E, admitindo mesmo que esse rigor seja justo e louvável, parece-me que a ordem em uma casa deve vigorar só relativamente aos empregados entre si. No tocante aos visitantes, ela só deve existir enquanto possa concorrer para deixar-lhes impressa uma recordação agradável.

E aí tenho exposto a última das principais impressões, dando-me ocasião

a que apresente ao público um molde tão apreciado quanto raro em nossos dias: um homem de ordem, de lei e disciplina.

Embarque para o Rio

Foi no dia 13 de Janeiro que embarquei no vapor *Santos*, da Companhia «Novo Lloyd», que seguia para o Rio. Levantamos o ferro às 10h 30min da manhã, chegando a Itajaí com viagem boa às 3h 30min da tarde.

Aí jantei no hotel conhecido mais pelo nome do seu chefe já falecido, o senhor Cheffer; em seguida visitei rapidamente dois amigos e embarquei, que não havia tempo a perder. Às 6h 30min da tarde o *Santos* já se movia em demanda da barra, que é uma das mais perigosas. O mar já não era o mesmo: estava bastante agitado, assim mesmo à meia-noite, sem incômodos e sem novidades chegamos ao porto de S. Francisco. O resto da noite passamo-la tranqüilos em um abrigo. Na manhã do dia seguinte, às 10 horas, deixamos esse porto, encaminhando-nos para o de Paranaguá, onde chegamos à tardinha. Apesar de agora passar geralmente bem a bordo, não há coisa para mim mais agradável do que tomar, quando é possível, minhas refeições em terra. É o que fiz nesse dia; mal tinha desembarcado com um novo companheiro de viagem, dirigimo-nos direitinho ao Hotel Tristão onde jantamos, passamos a noite, e no dia seguinte almoçamos, sendo muito bem tratados. O preparo das comidas é o melhor possível. Enquanto ao governo interior da casa, na qual há sem dúvida o maior respeito, como é governado por homens, não deixa de ter seu cunho especial.

Aí existe um quê de verdadeira república, não de república governo, mas dessas reuniões de estudantes folgazões que, mesmo reduzidos a nenhum vintém, se consideram como tantos príncipes independentes, satisfeitíssimos com o reinado da verdadeira igualdade. É assim que se passa no Hotel Tristão.

Cada hóspede vive aí completamente despreocupado, como se estivesse em sua casa. Tirando isso, que para alguns seja talvez um senão, no Hotel Tristão está-se bem e passa-se melhor, sem que se possa dizer que haja abuso a respeito da algibeira do freguês.

Tive como companheiros de viagem alguns caixeiros viajantes do Rio; hospedaram-se no mesmo hotel. Em todas as classes, há gente boa e gente ruim. Entre eles notei o mesmo. Um deles, que me afirmaram ser sobremodo admirador entusiasta de toda e qualquer bebida, tinha uns modos e uma linguagem deveras deprimentes para quem, como ele, representava uma casa importante do Rio de Janeiro.

Todos os companheiros de viagem, mesmo senhoras, eram obrigados,

de vez em quando, a ouvir as mais desbragadas expressões da boca desse infeliz. Mas não digo, nem darei os pormenores que o tornem conhecido; quero corrigir, mas não prejudicar. Um outro, pelo contrário, que com o primeiro nada tinha de comum, por ser o representante de uma outra casa do Rio, por seus modos e franqueza com que se abriu comigo, agradou-me extraordinariamente. Estava magoado e sentia a necessidade de desabafar. Entendeu que comigo se poderia abrir, e eu partilhei cordialmente seus sentimentos. Acabava, disse-me ele, de receber uma carta de seus patrões, na qual lhe comunicavam que um outro o havia de substituir, isso com grande detrimento do meu interlocutor. O preferido era muito conhecido como incapaz de honrar a própria classe, e menos a casa que representava, porquanto levava em suas viagens pessoas que só serviam para escandalizar o público. Isso me fez espécie, perguntando-me a mim mesmo como era possível a um moço de vida tão irregular suplantar um jovem que me parecia deveras um homem de bem? Questão de sorte! É alias o que neste mundo estamos vendo todo o dia. Geralmente falando, o que dá as melhores posições não é o mérito, é a bajulação. Na vinda para cá, tive um outro companheiro de viagem cujo nome não quero declinar. A princípio, cativou-me por suas boas maneiras; depois da metade da viagem senti-me na necessidade de me afastar dele por completo. Era um desses muitos que dificilmente sabem conservar dignidade na postura; inconvenientes em seus modos, tornam-se logo merecedores da crítica severa e imparcial. Em toda e qualquer viagem de mar, é coisa infelizmente bem comum encontrarem-se indivíduos que, encerrados no estreito espaço de um convés, desrespeitam-se a si mesmos, desrespeitando simultaneamente aos seus companheiros. O cidadão a que me refiro deu para conquistador, e neste triste ofício fez os papéis mais ridículos, transformando sua posição, aliás bonita, na de um assaz medíocre boêmio. Se muitos lessem, antes de empreender uma viagem, estas linhas; se meditassem um pouco em que os passageiros de um vapor não formam senão uma só família, entre cujos membros deve haver o maior recato, seriam mais puros em sua linguagem e mais cautos em seus galanteios. Nessas ocasiões, distinguem-se logo os que, não tendo religião, receberam uma educação fina dos que só vivem alimentados por instintos puramente animais.

De Paranaguá a Santos

No dia 16, às 7h 30min da manhã, chegamos à cidade de Santos, tendo tido uma viagem regular, embora com o mar meio revolto. A manhã era cerrada e chuvosa, e havia muita carga e descarga a fazer.

Sabíamos que, se a chuva continuasse poucas horas, ficaríamos impedi-

dos de sair no mesmo dia, e desta forma perderíamos 24 horas. Com efeito, nos portos donde o sair de noite é difícil ou impossível, acontece, às vezes, que só a perda de uma ou duas horas atrasa a viagem de um dia e uma noite. É este o maior desespero dos viajantes que na monótona vida do mar, vão contando as horas e os dias como se fossem eternidades.

E esses atrasos, mesmo nos melhores vapores, são, como se costuma dizer, o pão nosso de cada dia. Sempre geralmente aparece uma causa que retarda algumas horas a saída.

Assim em Paranaguá a partida estava marcada para meio-dia, e devido, não à mala do correio ou a outras visitas oficiais, mas à demora da própria Agência da Companhia, só nos foi permitido partir às 3h 30min da tarde.

Agora estamos em Santos, onde o que logo atrai a atenção do recém-chegado são as docas e os armazéns contínuos, nos quais se nota uma ordem admirável.

Os maiores transatlânticos podem, com toda a facilidade, encostar à terra, e isto com a maior brevidade de tempo. É um prazer para os passageiros, não direi pela pequena economia que fazem, quanto por verem livres do inevitável suplício de tratar e regatear com os tais catraieiros, que seriam muito boa gente se não exorbitassem em suas primeiras exigências.

Após o desembarque e um breve passeio, fui almoçar em um hotel, que dizem ser o primeiro da cidade e que se não me engano, tem um qualificativo de internacional. Fui com a intenção de almoçar bem, embora não tivesse muito apetite, confiado no nome dessa casa tão afamada.

Foi uma decepção. Achei-a inferior nos temperos, não aos nossos principais hotéis, mas às mais modestas casas de pensão. Houve porém uma compensação: o que faltava no gosto, havia até de sobra nas contas apresentadas, paguei pelo menos o 40% mais do que teria pago aqui no Rio, no Hotel do Globo. Tratar mal e cobrar bem eis um sistemas muito bom, não para adquirir freguesia certa, mas para aproveitar os transeuntes ocasionais.

Se assim tivessem procedido no Hotel Tristão, certamente não teriam ganho novos fregueses.

Acabado o almoço, o tempo que poucos momentos antes nos tinha visitado com uma demorada chuva torrencial, começou a clarear e então recobrei a esperança de, no mesmo dia, seguir para o Rio.

Eram 11 horas passadas quando saí do hotel com a intenção de correr detidamente as docas, de uma a outra extremidade. Eis aí um passeio instrutivo, útil e agradável. Admira-se por toda a parte grande movimento e muitíssima ordem. Vêem-se aí esses colossos do mar sendo carregados por centenas de homens

ocupados em sua maior parte na carregação de café. É uma coisa que espanta ver mais da metade daqueles carregadores levando duas sacas de café, e muitos vi que levavam três de cada vez.

E o sol era abrasador, e não sei compreender como muitos deles não caíam fulminados pelo excesso do calor e do trabalho. Os monstruosos guindastes, governados até por uma criança, estão em movimento contínuo, particularmente na carga e descarga de pesos que a força humana não poderia remover. O que mais me encantava era a ordem interior desses armazéns gigantescos e a disposição dos diferentes gêneros e mercadorias empilhados distintamente, conforme a espécie e as casas importadoras e exportadoras.

Nessa cuidadosa excursão tive outrossim ensejo de estudar os vários tipos que sucessivamente vinham aparecendo.

Encontrei muita gente boa e delicada, pessoas sempre prontas em responder a qualquer pergunta que lhes fizesse. Mas entre os carregadores deparei com muitos não diferentes dos que, no Rio de Janeiro, aprenderam na escola da incivilidade. Esses tais pensam que o padre, por ser o tipo tradicional da mansidão, pode por eles ser impunemente chacoteado, e fazem-no com ares de segurança. Quantos não há neste mundo desses vilões, filhos da irrelição e insensatez! O que mais me entristeceu foi notar que, excetuada uma só vez, essas indelicadezas e grosserias eram sempre praticadas por portugueses. Todos eles eram filhos desse pequeno país cheio de glórias que nos trouxe de sua pátria a civilização cristã.

E então comecei a filosofar, pretendendo, como ainda pretendo, que o português, educado desde a infância nos sagrados princípios do cristianismo, e na prática mais escrupulosa dos preceitos da Igreja, não tem direito de injuriar a quem ainda ontem venerava com sinceridade, e a quem amanhã, se voltar para a terra natal, saudará com respeito, quando não seja por outra causa, envergonhado de proceder diferentemente perante as pessoas de bom senso. Ora, como se poderá explicar o fenômeno dos que se comportam mal em terra estranha, enquanto em sua pátria são tão atenciosos e respeitadores?

O português, residente no Brasil, vive como no seio de sua pátria. Nesta segunda pátria, deveria ele cumprir a sublime missão que Deus confiara a seus maiores. Se em vez de se entregar a todos os excessos, conservasse em seu coração a fé viva e a pureza dos costumes, cumprindo fielmente com os preceitos da Igreja, quantas almas não poderia ele instruir entre nós, com o bom exemplo; almas essas que sempre poderão alegar em próprio favor que de seus pais nunca receberam uma educação cristã! Mas dá-se comumente o contrário: os que com o exemplo deveriam encaminhar o nosso povo, são os que mais o arrastam para o mal com suas depravações!

Ponhamos termo, que é tempo, a esta digressão, pois já é chegado o momento suspirado da partida.

Partida para o Rio

Eram 5 horas da tarde do dia 16 de janeiro e o *Santos*, com grande júbilo de todos, já se movia em demanda de Guanabara.

A viagem deste último degrau foi igualmente boa, a não ser um vento inoportuno que contínuo soprava do Norte, com tal impetuosidade, que quem estava no convés, com muita dificuldade podia mover-se contra ele.

O mar era calmo e o tempo claro. Em referência ao passadio a bordo, achei-o muito bom. Todo o pessoal do Lloyd foi bastante amável e delicado.

A bordo deste paquete, encontrei um uso que me parece a delicadeza e o cavalheirismo levados ao extremo. É um fato que se dava constantemente à mesa, por ocasião das refeições. Achando-se aí assentada uma senhora era sempre a primeira servida, fosse qual fosse o lugar que ocupava. Ora, acontecia muito de freqüente, que ela não se achava em uma das extremidades da mesa, e sim no meio entre os outros comensais. Pois bem, o copeiro entendia praticar um dever de fina polidez, ir até onde ela estivesse, servi-la em primeiro lugar, voltando em seguida a começar o serviço do princípio da mesa. Eis aí um costume que acho muito para reprovar, pois expõe senhoras a verdadeiros vexames, vendo-se muitas vezes preferidas a cavalheiros de categoria superior. Parece-me que muito melhor seria na mesa seguir a ordem, evitando qualquer distinção.

Era cerca de meio-dia quando o *Santos* fundeou na baía do Rio de Janeiro. Aqui esperava-nos uma surpresa irritante, fazendo-nos a todos perder a calma. Só a oficialidade do *Santos* e o pessoal da Agência do Lloyd conseguiram por seus bons modos diminuir os efeitos desagradáveis da exasperação geral. Como o *Santos* vinha de um porto estrangeiro, isto é, da Argentina (Rosário) entendeu a Alfândega que nenhum passageiro desembarcasse, sem que todas suas malas e bagagens fossem revistadas. De nada valeram os mais justos protestos e todos foram forçados a sujeitar-se a essa inútil e vexatória arbitrariedade. Com efeito, se uma tal medida era tomada por ser o *Santos* proveniente de um porto estrangeiro, só deveria ser levada a efeito no primeiro porto nacional, para respeitar, conforme a lei, os que embarcassem em portos brasileiros. Em resumo: as malas, depois de revistadas puderam acompanhar os seus donos; não assim as bagagens que foram remetidas para os armazéns da Alfândega. Aí deram-se outros fatos que não são dos mais honrosos para uma repartição em que deveriam predominar a retidão e

o cumprimento do dever.

Dois ou três dias depois, para lá enviei um portador de confiança, com um cartão meu, sendo amavelmente acompanhado pelo gerente do Novo Lloyd, o qual, em todos esses sucessos se mostrou solícito, incansável e de uma dedicação sem exemplo. Apesar do meu pedido e autorização por escrito e da presença do gerente do Novo Lloyd, não queriam fazer a entrega das minhas malas, sem que eu mesmo me apresentasse. Qual o motivo de mais esse vexame? O meu portador resumiu suas impressões e o seu juízo (temerário talvez) nestas duas palavras bem significativas: *queriam comer*. Mas não conseguiram.

E aí temos o epílogo de um fato arbitrário, e que as autoridades competentes deveriam profligar, salvaguardando destarte sua honorabilidade. Chegou afinal o suspirado momento do desembarque. Algumas pessoas dedicadas e amigas tinham vindo em uma lancha ao meu encontro, e já estavam a bordo à minha espera. Desembarquei, e todos me acompanharam até minha residência.

Ao concluir essas toscas e despretensiosas linhas, agradeço de coração as inúmeras e inequívocas demonstrações de dedicação e amizade que, por ocasião dessa minha viagem, recebi.

Rio, dezembro de 1904.

Autores Catarinenses

**- Anto, revista
portuguesa de
poesia**

- Os Balseiros

- Iniciativa Feliz

- Variadas

TEXTO:

ENÉAS

ATHANÁZIO*

BLUMENAU
em Cadernos

ANTO, revista portuguesa de poesia

O incansável Aricy Curvello, poeta, crítico, tradutor e agitador cultural de forte presença nos meios literários assina um dos mais recentes opúsculos da “Coleção Mapa”, publicada pelo Museu/Arquivo da Poesia Manuscrita, de Florianópolis, que tem como editor Iaponan Soares. Como é de seu estilo, trata-se de um ensaio histórico e analítico minucioso e documentado com rigor sobre “Anto”, revista portuguesa de poesia, da qual é o correspondente no Brasil.

Essa publicação lusa, nascida em 1997, homenageava Antonio Nobre (1867/1900), tratado na intimidade por Anto, tendo como objetivo “efetuar uma tomada de pulso da poesia em todos os países que falam português”. Como se sabe, é grande a preocupação da intelectualidade lusófona com o futuro de nossa língua. Não obstante seja a mais bela, expressiva e musical, a “última flor do lácio” sofre permanente erosão, invadida por barbarismos estrangeiros e sem merecer os devidos cuidados, em especial no Brasil, o maior núcleo de língua portuguesa.

Com esse objetivo, a revista preparou com grande cuidado e publicou edições dedicadas a cada um desses países, selecionando o que existe de melhor nas respectivas poéticas, inclusive no Brasil. O resultado foi a publicação de um panorama mundial da poesia em língua portuguesa que até então, creio eu, não existia. Com ele havia a intenção manifesta de exibir em todos os quadrantes a vitalidade e a beleza dessa poesia, contribuindo para que fique mais conhecida e perpetuada. Aricy Curvello

* Escritor e Advogado

dedicou grande esforço no sentido de colaborar com a revista, divulgando-a por todos os modos ao seu alcance.

A revista cumpriu sua finalidade, tornando-se um repositório sem igual da poesia em língua portuguesa. Neste opúsculo aqui comentado, seu autor analisa cada um dos números da publicação, tecendo oportunas considerações sobre cada um dos poetas e transcrevendo trechos de suas obras. Trata-se, enfim, de um ensaio modelar.

Fechando seu criterioso trabalho, Curvello faz um apelo emocionado em favor da língua. Pede que os escritores e poetas não se limitem, de forma egoísta, a produzir, mas que também lutem pela difusão de nossas letras, aqui e lá fora, abandonando o comodismo e a indolência. Se nós, que temos na língua nosso instrumento de realização pessoal e de trabalho, não lutarmos por ela, quem o fará? É isso: vamos defendê-la e cultivá-la como merece porque é nosso maior patrimônio cultural!

Os Balseiros

A saga dos balseiros do rio Uruguai e seus afluentes é uma das facetas mais curiosas da história catarinense e do sul do país. No auge da exploração da madeira na região oeste, a balsa foi o meio inteligente encontrado para transportar toras e tábuas sem entraves burocráticos e fiscais até a Argentina, valendo-se para isso das próprias forças naturais durante as enchentes que ocorrem todos os anos, elevando o nível das águas dos rios e aumentando-lhes a correnteza.

As toras eram lançadas à água, lado a lado, e presas entre si por meio de cipós, formando imensa plataforma flutuante. Sobre ela se erguia um telheiro que servia de abrigo para a tripulação durante sua permanência ali ao longo da viagem. Levavam provisões, roupas e objetos indispensáveis. A viagem costumava demorar cinco dias e cinco noites até São Borja, o destino final, de onde os balseiros retornavam de trem e ônibus às suas localidades de origem. Um prático orientava a descida, evitando os encaixes e outros acidentes que pudessem prejudicar a trajetória e causar prejuízos. Esses práticos conheciam palmo a palmo o caminho a percorrer.

O momento certo da partida, com a largada triunfal da balsa, era fundamental. Tudo se fazia conforme o parecer dos entendidos. A viagem

constituía uma jornada heróica, com acentuado sabor de aventura.

Toda essa saga dos balseiros acaba de ser reconstituída por Heitor Lothieu Angeli no livro “O Velho Balseiro” (Est Edições – P. Alegre – 2000), rememorando a atividade de seu pai, João Angeli, “líder notório no transporte de cedro para a Argentina, pelo rio Uruguai.”

O autor aborda o ciclo da madeira, a família Angeli, o povoamento de Rio Novo, as empresas, os posseiros, os peões, a ansiosa espera da enchente, o longo percurso da viagem, a vida na balsa, as superstições que cercavam a atividade, a festa para os balseiros que partiam ou chegavam e muitos outros aspectos, descritos com minúcia e conhecimento. O livro é enriquecido com fotos, mapas e documentos, o que faz dele um autêntico repositório de informações sobre uma atividade “sui generis” hoje extinta. Creio que é o mais completo depoimento sobre o assunto, prestado por uma testemunha ocular e partícipe.

A atividade dos balseiros povoou o imaginário popular da região e repercutiu em nossa literatura, lembrando-se o romance “São Miguel”, de Guido Wilmar Sassi, entre outras obras. É um tema à espera de um cineasta de visão, que o descubra e leve para as telas.

Iniciativa Feliz

Li nos jornais que a pequena cidade de Calmon, situada entre Caçador e Matos Costa, no norte do Estado, tomou uma iniciativa louvável, merecedora de aplausos e que serve de exemplo a ser seguido. Diante da omissão do poder público, quase sempre insensível e indiferente às coisas da cultura, um reduzido grupo de jovens se pôs em campo para pesquisar, registrar e divulgar a rica história do município e da região, palcos de graves episódios da chamada Guerra do Contestado (1912/1916).

Composto por cinco integrantes, o “Grupo Resgate” já existe há quatro anos, embora só no último tenha se dedicado com mais afinco às pesquisas de campo, obtendo animadores resultados. Liderado por João Batista dos Santos, de 32 anos, o grupo põe atenção em boatos e comentários, dando crédito à “vox populi”, sem nada desprezar. E assim, seguindo a intuição e usando métodos pouco ortodoxos, já encontraram cães de revólver, cápsulas de canhão, artefatos bélicos e cerca de quatro mil projé-

teis intactos, além de outros objetos, tudo contemporâneo do Contestado. Eles acreditam, com fundadas razões, que muito ainda está por ser descoberto, contribuindo para o perfeito conhecimento do que ali aconteceu.

O grupo publica um jornal para registrar suas atividades e coleciona tudo que diz respeito ao assunto, como jornais, recortes, revistas, livros, fotos, fitas etc. Tem como um de seus objetivos mais importantes a criação de um museu instalado na estação ferroviária, hoje desativada, local por todos os títulos adequado e autêntico. Construída no estilo característico das estações da época, com telhado de duas abas e plataforma de pedra-ferro, a estação foi testemunha de grande parte da vida da cidade e teve muito significado para o seu povo porque era nela que paravam os trens que o ligavam ao restante do país. O próprio prédio já enriqueceria o museu.

Situava-se em Calmon uma das serrarias da Southern Brazil Lumber & Colonization Company, pertencente ao Sindicato de Percival M. Farquardt, segundo consta a maior da América do Sul. A outra ficava em Três Barras, nas proximidades de Canoinhas. A indústria de Calmon, com seus estoques de madeiras, foi incendiada pelos jagunços em 5 de setembro de 1914, provocando um fogaréu que durou dias e noites, iluminando o sertão em derredor. A vila foi atacada por um grupo chefiado pelo tropeiro Chico Alonso e muita coisa foi destruída. Era o repúdio dos nativos da região à invasão dominadora do capital estrangeiro. Eles deixaram, na ocasião, um bilhete registrando a revolta desses explorados.

Como meu padraсто foi funcionário da Lumber, muitas férias de colégio passei em Calmon, andando por todos os cantos, conhecendo lugares e ouvindo histórias sem fim sobre a Guerra. Frequentei a estação nos momentos festivos da passagem dos trens, conheci o local onde fora a serraria queimada, inclusive o enorme poço ali existente onde se dizia terem sido encontrados esqueletos sem cabeças, vítimas das terríveis degolas a facão, submersos em águas viscosas e escuras. Não sei se é verdade, mas nos meus dias de criança o buracão lá estava, cercado de grosso tapume, guardando infaustos segredos. Além disso, Calmon deve seu nome a um colega de Lima Barreto, um de meus “monstros sagrados”, por quem o escritor não nutria lá muita simpatia mas que foi uma presença forte na sua

vida.

Lembro-me muito bem de que o povo, nos causos que ouvi, sempre se referia ao acontecimento como a Revolta dos Jagunços, sintetizando bem o sentimento dos revoltosos, e nunca como Guerra do Contestado, denominação que me parece criada pelos historiadores. Também posso atestar de experiência própria que Calmon tem muita história a revelar e que começa a ser desvendada por esse valoroso grupo.

Variadas

A Coleção Mapa, do Museu/Arquivo da Poesia Manuscrita, que tem como editor Iaponan Soares, acaba de publicar o opúsculo “Apontamentos sobre meu escrever”, de Salim Miguel, onde o autor relata fatos sobre sua carreira, descreve o seu processo criativo, historia as obras que produziu e faz reflexões sobre a criação literária, seus objetivos e dificuldades, a maneira como a ficção se forma dentro do autor, além de outros aspectos. É um depoimento interessante e sincero, revelando mais um pouco desse escritor catarinense aos seus leitores. A Coleção está de parabéns pelo nível de suas publicações.

Joi Cletison Alves, Diretor do Departamento Artístico-Cultural da UFSC, revela-se ativo e realizador. Entre suas mais recentes iniciativas, registra-se a Exposição Hassis, realizada na Assembléia, uma homenagem justa e merecida ao grande artista plástico. Creio que num de seus últimos trabalhos, Hassis ilustrou um conto meu que foi publicado na antologia “Círculo de Mistérios” (Editora Garapuvu – Florianópolis).

A Galeria Municipal de Artes da Fundação Cultural de Blumenau promoveu as mostras individuais de instalações de Rosana Bortolin e de fotografias de Renato Jünge. Ela é gaúcha, radicada em Florianópolis, e leciona na UDESC; ele é blumenauense e se revelou há pouco tempo, já obtendo muito sucesso.

Noite cultural variada aconteceu em 29 de março, promovida pela Biblioteca Fritz Müller, em Blumenau, com lançamento de livro de Gervásio Tessaleno Luz, palestra de Suely Petry sobre o negro na cidade, danças e recitações de poemas de autores blumenauenses.

Índice da Revista Blumenau em Cadernos - 2001

| Título | Autor | Nº. | Página |
|--|---------------------------|-------|--------|
| A "Filantropia e a mútua ajuda" na região de Blumenau: relacionando passado e presente | Jaime Hillesheim | 07/08 | 029 |
| Alfredo Carvalho | Harry Zuege | 07/08 | 086 |
| Ano Promissor para o esporte blumenauense | Francisco Mário | 05/06 | 103 |
| Anto, revista portuguesa de poesia | Enéas Athanázio | 11/12 | 124 |
| O Aprendizado de Jardinagem | Karl Kleine | 09/10 | 007 |
| Arquitetura e Imigração germânica: os enxaiméis na História, etnicidade e veracidade | Afonso Imhof | 01/02 | 033 |
| Artífices Seja Unidos, Unidos, Unidos. | - | 11/12 | 054 |
| Aventureiros Modernos | Enéas Athanázio | 05/06 | 122 |
| Blumenau continua progredindo | Karl Kleine | 05/06 | 007 |
| Blumenau da economia de subsistência à industrialização (1850-1880) | Luiz V. Colombi | 01/02 | 075 |
| A Bromélia e o Plasmodium | Siegfried Carlos Wahle | 03/04 | 108 |
| Carnaval em Blumenau | Grete Baumgarten Medeiros | 01/02 | 099 |
| Centenário Inesquecível: Palmeiras Futebol Clube - Campeão | Aurélio Sada | 09/10 | 079 |
| O Chá dos Imortais | Urda Alice Klueger | 03/04 | 102 |

| | | | |
|--|--|-------|-----|
| Cheiro de Goiaba | Urda Alice Klueger | 01/02 | 114 |
| Cláudio Manske | Brigitte Rosembrock e Cristina Ferreira | 09/10 | 043 |
| Coleção Mapa | Enéas Athanázio | 07/08 | 120 |
| Colônia Blumenau – Lista dos proprietários de lotes (1872) | - | 03/04 | 024 |
| Conflitos Religiosos entre a Colônia Blumenau e a Freguesia de Gaspar: A questão dos casamentos mistos | André Fabiano Voigt | 09/10 | 030 |
| Corporação Militar e Rumos da Educação Brasileira: O exército e a escola nos tempos do Estado Novo | Dra. Neide Almeida Fiori | 07/08 | 037 |
| Curso de Flores | - | 09/10 | 085 |
| Crônica de uma Menina Blumenauense | Edith Sopfia Eimer | 11/12 | 030 |
| Defuntos Coloniais | José Ferreira da Silva | 09/10 | 020 |
| O dia de fazer doces-de- Natal | Urda Alice Klueger | 11/12 | 028 |
| Edgar Paulo Müller | Cristina Ferreira | 11/12 | 059 |
| Edith Sophia Eimer | Maria Irene Bertoldi | 07/08 | 066 |
| Em Defesa da Colonização Alemã | Antonio Carlos Konder Reis | 01/02 | 042 |
| Enchentes no Vale do Itajaí: obras de contenção | Nilson César Fraga | 01/02 | 102 |
| Erica Martins Flesch | Cristina Ferreira | 01/02 | 054 |
| Escritor do ano 2000 | Enéas Athanázio | 01/02 | 118 |
| Estatuto Escola de Parteiras de Blumenau | - | 05/06 | 051 |
| Estrada de Ferro de Santa Catarina I | - | 03/04 | 062 |

| | | | |
|---|--------------------------------|-------|-----|
| Estrada de Ferro de Santa Catarina II | - | 03/04 | 066 |
| Férias no Sul | Urda Alice Klueger | 01/02 | 116 |
| Festa do primeiro aniversário reduz em um anos tempo de vida do Olímpico | Aurélio Sada | 07/08 | 077 |
| Os “Filhos Transviados” no Desacato à Lei: tensões entre a hierarquia católica e os imigrantes italianos. Rodeio, SC (1906) | Clarícia Otto | 11/12 | 072 |
| A Fuga do Desterro | Karl Kleine | 11/12 | 007 |
| Futebol pelo rádio em Santa Catarina | Aurélio Sada | 05/06 | 042 |
| Giovani Rossi: O imigrante para além da Utopia | Claricia Otto | 09/10 | 057 |
| Grande Hotel Blumenau substitui hoje o antigo Hotel Holetz | - | 07/08 | 083 |
| Harold Letzow | Brigitte Fouquet Rosembrock | 05/06 | 057 |
| A Ideologia Étnica e a Identidade Coletiva do Empresário Blumenauense | Fabício Ricardo de Lima Tomio | 05/06 | 083 |
| As Igrejas de Simão Gramlich | Pe. Antonio Bohn | 05/06 | 030 |
| Jogando “Bolas Quadradas”, ficava “Espionando a Maré” | Aurélio Sada | 11/12 | 088 |
| Jornais de Casamento | José Ferreira da Silva | 03/04 | 119 |

| | | | |
|--|--|-------|-----|
| Lobatiana / Aleijadinho / Variadas | Enéas Athanázio | 03/04 | 123 |
| Localização não propícia da cidade de Blumenau | Siegfried Carlos Wahle | 03/04 | 106 |
| Meus tempos de colégio - I Primeiro, o Pré | Armando Luiz Medeiros | 09/10 | 075 |
| Meus tempos de Colégio - II / O Ginásio | Armando Luiz Medeiros | 11/12 | 084 |
| Mobilidade Social | Urda Alice Klueger | 05/06 | 120 |
| Monsenhor Friedrich Tombrock e a normatização de comportamento em São Lugero, SC (1896-1957) | Elza Daufenback Alves | 03/04 | 112 |
| O Muro de Berlim | Urda Alice Klueger | 07/08 | 090 |
| Natal Alemão em Florianópolis - Um depoimento | Leatrice Moellmann | 11/12 | 036 |
| Natal em Blumenau | Grete Baumgarten Medeiros | 11/12 | 032 |
| No Fio do Bigode: memórias e experiências de um imigrante alemão em Lages | Juçara de Souza Castello Branco e Dr. Valberto Dirksen | 09/10 | 024 |
| No Tempo da Bolacha Maria | Urda Alice Klueger | 05/06 | 118 |
| No Tempo da Cegonha | Urda Alice Klueger | 07/08 | 092 |
| No tempo em que faltava carne | Urda Alice Klueger | 09/10 | 096 |
| Nota prévia sobre a litografia em Santa Catarina | Iaponan Soares de Araújo | 07/08 | 026 |
| Novededo, o assassino | Karl Kleine | 07/08 | 007 |
| Oriundi | Maria do Carmo Ramos Krieger Goulart | 09/10 | 090 |

| | | | |
|--|---|-------|-----|
| Papai Noel Existe | Urda Alice Klueger | 11/12 | 026 |
| Pe. Gattone: Centeário de Falecimento | Pe. Antonio Francisco Bohm | 01/02 | 028 |
| Pensionato Evangélico de Moças | - | 05/06 | 047 |
| Peripécias de um rapazola | Orestes Nesti | 05/06 | 112 |
| Pomeranos | Padre Jacomo Vicenzi | 09/10 | 098 |
| O Primeiro plantio e a construção da casa | Karl Kleine | 03/04 | 007 |
| Projeto Gemini | Urda Alice Klueger | 03/04 | 102 |
| Raridade Catarinense | Enéas Athanázio | 09/10 | 123 |
| O Regresso Perigoso | Karl Kleine | 01/02 | 009 |
| Ruptura com as formas do passado: entre a modernidade e a tradição | Roberto Marcelo Caresia e Balbino Simor Rocha | 03/04 | 070 |
| Saporski e a transmigração polonesa em 1971 | Maria do Carmo Ramos Krieger Goulart | 01/02 | 087 |
| Sobre Relógios | Urda Alice Klueger | 09/10 | 094 |
| Torres e Sinos em Blumenau | Pe. Antonio Francisco Bohn | 11/12 | 041 |
| Turismo sem estudo, sabedoria e empirismo | - | 05/06 | 108 |
| Um Passeio a São Paulo | Padre Jacomo Vicenzi | 11/12 | 091 |
| Um Projeto de Nação: O discurso de Afonso Balsini | Viegas Fernandes da Costa | 05/06 | 073 |
| Uma palavra de Orientação | - | 09/10 | 037 |
| Uma Rua Especial - Rua 15 de Novembro | Grete B. Medeiros | 05/06 | 115 |
| Uma Viagem ao Estado de Santa Catarina em 1902 | Padre Jacomo Vicenzi | 07/08 | 094 |

Desejando receber números antigos, tomos completos, ou fazer nova assinatura / renovação, procure-nos. Abaixo informamos nossos preços:

-) Assinatura nova: R\$ 50,00 (anual = 6 números)
-) Renovação assinatura: R\$ 40,00 (anual = 6 números)
-) Tomos anteriores (Encadernados com capa dura): R\$ 60,00
-) Exemplares avulsos: R\$ 5,00 (Cada exemplar/número antigo)

Sim, desejo assinar a revista "Blumenau em Cadernos para o ano de 2001 (Tomo 42). Anexo a este cupom a quantia de R\$,00 (..... reais) conforme opção de pagamento abaixo:

Forma de pagamento:

Vale Postal (Favor anexar fotocópia do comprovante para melhor identificação)

Cheque

Banco:

Número:

Valor: R\$

Dados do assinante:

Nome: _____

Endereço: _____

Bairro: _____ Caixa Postal: _____

CEP: _____ - _____ Fone p/ contato: _____

Cidade: _____ Estado: _____

.....
Assinatura

Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva"

Caixa Postal: 425 - Fone: (47) 326-6990

Cep.: 89015-010 - Blumenau (SC)

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

BLUMENAU
em Cadernos

TOMO XLII
Novembro/Dezembro de 2001 - Nº 11/12

Apoio Cultural:

Benjamim Margarida (*in memoriam*)

Birô Lindner - Centro de Impressão Digital

Genésio Deschamps

Victória Sievert

Willy Sievert (*in memoriam*)

Buschle & Lepper S/A

Cremer S/A

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A

Eletro Aço Altona S/A

Cia. Hering

Herwig Schimizu Arquitetos Associados

Madeira Odebrecht

Unimed Blumenau

43 S/A Gráfica e Editora

**FUNDAÇÃO
CULTURAL
DE BLUMENAU** TOMO XLII
Novembro/Dezembro 2001
NÚMERO 11/12

